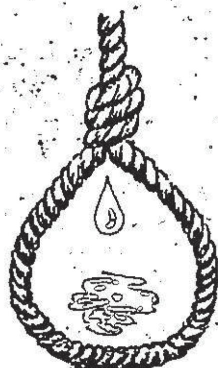
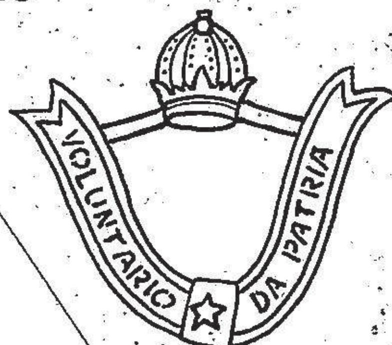
TRONCOS COLONIAIS MINEIROS

(RODRIGUES BRAGA / RODRIGUES ZICA)

LIVRO-PRIMEIRO



A DESCENDÊNCIA
DE TIRADENTES



OS DESCENDENTES
DO VOLUNTÁRIO
DA PÁTRIA

FENELON RIBEIRO

FENELON RIBEIRO

TRONCOS COLONIAIS MINEIROS

LIVRO-PRIMEIRO

Belo Horizonte
1984



Sumário

1.ª Parte
INTRODUÇÃO



TANCREDO NEVES, *UMA ESPERANÇA*

SITUAÇÃO REGIONAL DO MUNICÍPIO DE DORES DO INDAIÁ

A Rua Zacharias de então.

Homenagem ao degredado

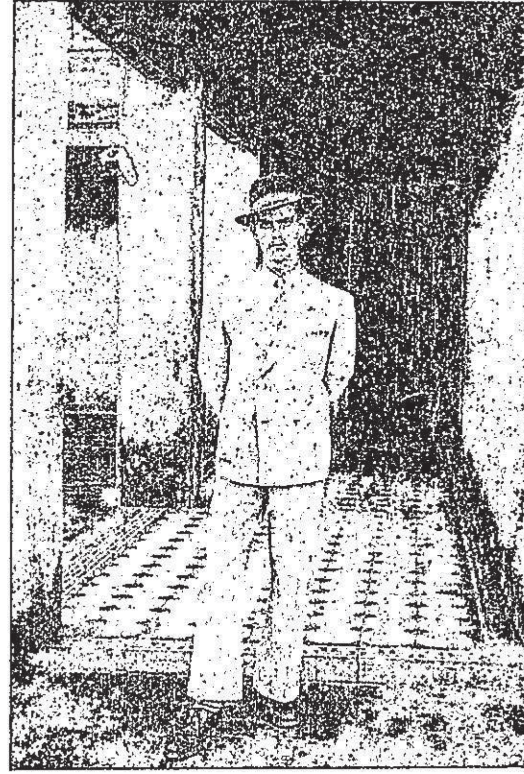
AFONSO RIBEIRO

Primeiro habitante do Brasil, aqui deixado por Cabral.

Homenagem ao náufrago português

DIOGO ÁLVARES CORREIA (Caramuru)

C.c. a Índia PARAGUASSU, batizada Catarina, em 1531.



Homenagem póstuma

JOSÉ RIBEIRO DE SOUZA

Primo, amigo, irmão espiritual. Não entendeu o mundo e se foi por conta própria.

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Djalma Melgaço, filho de Dona Mazeca.

Ao Padre Robson Teixeira Campos, a democracia na paróquia.

À Derli Caetano, filho do Isauro.

A Pedro de Almeida Beltrão, filho do Pedro Zica.

Ao Dr. José Alves de Oliveira, historiador e sociólogo.

Às minhas afilhadas do Colégio Estadual Prof. Benício Prates, de Coração de Jesus, normalistas de 1971.

Aos meus afilhados do Colégio Prof. Olímpio dos Santos, de Patrocínio, contadorandos de 1974.

Ao Mestre Aires da Mata-Machado Filho, cientista das letras.

Ao historiador castrense Wilson Veado, modelo de patriota e nacionalista.

À Professora Noêmia Gontijo, compreensão e amor no ensino.

2.a GUERRA MUNDIAL

Contribuição de Dores:

Jovens mobilizados em 1944/45 para o CRFG – Curso Regional de Formação de Graduados, em São João Del Rei:

ou. . . Carabina
Revólver
Fuzil
Garrucha



Ao alto: José Eugênio, José Fiuza, Oswaldo Oliveira, Nilo Moura, Oswaldo do O'Conell.
Em baixo: *Jaci Papagaio*, Arualdo Gontijo, Maurício Fiuza, Antônio R. Reis e Toní Xavier.

Observe-se que os Fiuza comparecem com 4 soldados, já que Toní é casado na família. E teriam sido cinco se o Ivan Faria Moura lá ficasse.

Outros dorenses foram convocados e se apresentaram, sendo dispensados após ligeiro estágio, por variadas razões:

Aldair Barbosa, universitário, por BH.
Fenelon Ribeiro, convocado por Piunhí.
Ivan Faria Moura, por BH.
Waldir do Fio.
Vicente Araújo (Vovô), dos Dona do Quartel S. João.

Aos primos ricos e aos que pensam que são ricos.
Aos primos pobres e aos que pensam que são pobres:

Somos todos filhos de Adão;
a única diferença entre nós é a seda.

Thomás Fuller.

TODAS AS VEZES QUE AGI IMPULSIVAMENTE, ERREI.

OU, PELO MENOS, NÃO TOMEI A MELHOR DECISÃO.

MUITOS DESSES ERROS FORAM IRREPARÁVEIS.

F. Müller

Apresentação

Livro de estréia, esta obra, a par de tratar parcialmente da família ZICA, apresentando a genealogia dos descendentes de Tiradentes e de parte dos do Veterano Zacharias Rodrigues Zica, autêntico Voluntário da Pátria, é uma miscelânia que especula nas áreas da história, conta "estórias", satiriza fatos e discute lendas, cria classificação endogâmica e estabelece graus de brasilidade genealógica. Polemiza sobre o verdadeiro Voluntário da Pátria, que chama de "voluntário-voluntário", aquele que não era escravo ou mercenário e tampouco da Guarda Nacional ou militar profissional, tecendo interessantes considerações sobre o assunto.

Enreda-se na genealogia bíblica e na de Maomé, discute e defende a paternidade de João de Almeida Beltrão, como sendo filho de Tiradentes.

Apresenta um curioso apelidório local, comentado, e uma extensa lista de "órfãs de filhos", nome que dá às mães que sobreviveram a filhos.

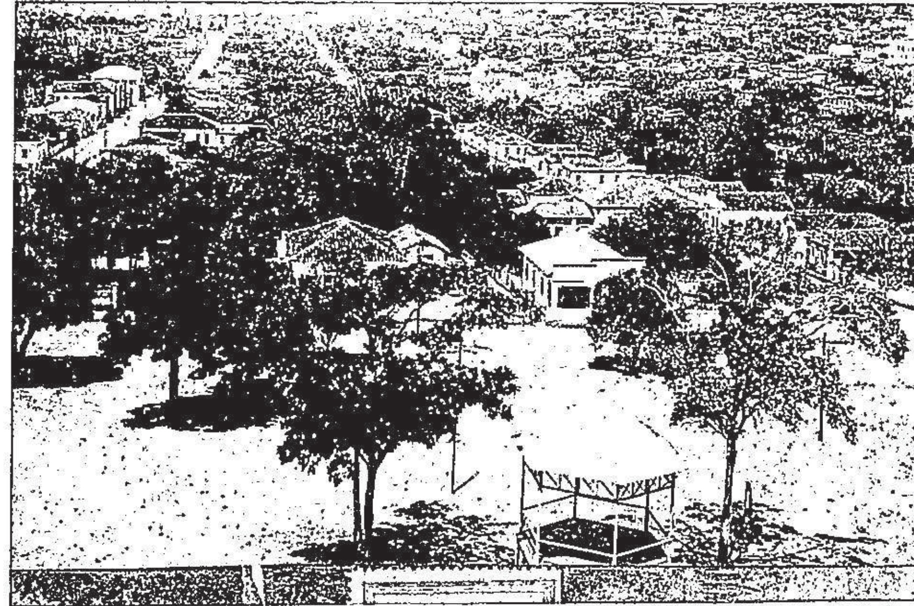
Comenta sobre o mineiro tradicional "in natura" e seus antepassados da região que os mouros conquistaram mas não dominaram: minhotos, transmontanos e beirões, quando sem verniz, aqueles que, força de necessidade histórica de autodefender-se criaram couraça de comportamento próprio e que, assim, usavam a palavra para esconder o pensamento e, por isso, ficavam sempre "em cima do muro". Se faziam um trato, um negócio, o armavam com uma válvula de escapamento. Na política e em certas regiões mais antigas ainda se detecta a figura do "meia-bunda", aquele que, convidado a manter-se sentado ou levantar-se para decidir uma questão ou dar um voto, não faz uma coisa nem outra: desloca o traseiro da cadeira, mas não se apruma com desembaraço, resultando na célebre situação de não ser a favor nem contra, muito pelo contrário. . .

Ou, não tendo o saco roxo, muito pela omissão. . . ou pela ausência, como fisiologicamente fizeram recentemente conhecidos beneficiários de benesses oficiais, pensando em si sem pensar na Pátria, já que tal para eles é um bom cargo, é o ouro, é a turma, o grupinho, a mamata.

ADVERTÊNCIA AOS JOVENS

Vendo irmão esfolado por um aspaço e até morrer chorando pela bárbara separação que a ingratidão lhe impôs, e o pai, ancião indefeso, atropelado no trabalho, como prêmio pelos seus trinta anos de serviço, escoiceado nas coronárias pelos caprichos e mesquinhez de abominável pintor de rodapé, e depois a velha mãe, doente e só, sem um filho perto, terminando seus dias sem o afeto deles; acho que não compensou ter saído da terra para fugir à perseguição do jucamau e ficar no rodamunho abandonando os meus e à procura de outro destino.

Mas era a sina ou castigo porque não paguei promessa que fizeram pai: mim a Nossa Senhora das Vitórias.



Praça da Matriz - Cortesia Dora Argolo

O autor, além de sobrenomes de avós mais remotos, que ignora, descende dos:

Almeida
Antunes
Braga
Coelho
Costa
Faria
Fernandes
Fonseca
Guimarães
Macedo
Moreira
Pinto
Pinto
Proença
Ribeiro (2)
Rodrigues
Souza (2)
Zica

NASCI OU NÃO NASCI?

Leio uma genealogia (pág. 167), omitindo meu avô e a maioria de meus tios-avós paternos e, por via de conseqüência, toda a raça de seus descendentes e. . . me apalpo todo, indagando se minha certidão de nascimento não seria falsa e fico naquela incerteza atroz, naquela indagação terrível: existo ou não existo? É uma dúvida apavorante que leva a gente ao espelho, a balança, ao derredor. . .

Será que aquele trabalhão todo que minha mãe teve, de madrugar para seu rebento corneteiro acordar seus companheiros de tiro de guerra, de tirar água na cisterna, rachar lenha, extrair a decoada para fazer sabão preto, ascender fogo com lenha molhada, caprichar num entrecosto, numa suã ou cambito, torrar e moer café, bordar, costurar, ajudar nos deveres escolares, botar querosene nas lamparinas, jogar pinico fora, etc, teria sido um equívoco, ela apenas sonhava, pois o filho (que não foi bóm filho) que tanto queria e que já veio neto teria mesmo chegado?

Da mesma forma em Montes Claros, genealogista de araque trocou as bolas bolando as trocas, aumentando a suspeita de que ainda não tinha encarnado.

Linhagista que age assim pros cocos só serve para estabelecer confusão, como na Bíblia.

"To be or not to be, that is the question".

Mas não desisto, briquito daqui e briquito dali e vou indo sem deixar de, vez por outra, dar-me um bom beliscão, o que alerta a carne e anima o espírito, seu hóspede, dupla componente do indivíduo e que, transformado em pessoa, se ufana de ser um vivente e vê, escuta, fala, escreve, arrelia, aprecia o calor de um papo no vapor de um drinque e faz força para participar do banquete da vida.

Quem sabe minha sina era ter sido comido no ninho e não fui e, assim encarnado, fiquei por aí para me divertir e amolar o boi?

2.ª Parte
HISTÓRICA

O COMEÇO DA TERRA SEGUNDO A CIÊNCIA

A terra começou a existir quando o sol ancestral foi despedaçado pela aproximação demasiada de alguma outra estrela.

A idade da crosta solidificada (da terra) é de 5 bilhões de anos; a do homem primitivo é de mais ou menos 10 milhões de anos; a do homem evoluído é de mais ou menos 1 milhão de anos.

De qualquer forma está comprovado que a terra não pode ter idade inferior a 1 bilhão e 600 milhões de anos e não pode ter idade superior a 3 bilhões de anos.

A HUMANIDADE, O QUE SE SABE

Segundo os judeus, o ano cristão de 1985 corresponde a 5.746 anos da criação do mundo e do homem.

Os ossos fósseis, entretanto, têm de 70 a 80 mil anos!

Segundo estudo demográfico feito pelos Mórmons, desde o princípio da criação, 69 bilhões de pessoas já viveram sobre a terra.

Duzentas gerações preenchem um espaço de 5.000 anos.

MAS ANTES. . . ERA DEUS

Bem. . . antes era Deus, era o Sol Ancestral, a crosta terrestre, a água, os vegetais, depois o homem.

ADÃO, e com ele, dele e para ele,
EVA, cujo filho
SET, era o 8.º avô de
NOÉ, que era o 9.º avô de
SEM, de CAM e de JAFÉ, e deste certamente descendem espanhóis e portugueses, nossos ancestrais mais recentes.

18.º de ABRÃO
pai de ISAAC
pai de JACÓ e de ESAÚ.

CONFUSÃO DE LÍNGUAS NA CONSTRUÇÃO DA TORRE DE BABEL E DISSEMINAÇÃO DOS POVOS

Os descendentes de SEM permaneceram entre os rios Tigre e Eufrates.

Os descendentes de CAM se fixaram na África.

Os descendentes de JAFÉ foram para a Ásia Setentrional, de onde se difundiram pela Europa, hoje representados pelos povos atlanto-mediterrâneos: portugueses, espanhóis, franceses, italianos, germanos e eslavos.

Os descendentes de CAM são representados hoje pelos CAMITAS: bérberes, felás, núbios, abissínios, somalis, etc, e se localizam no norte da África.

No Sul do deserto do Saara estão os sudaneses, bantos, etc. Há Semitas também na África, que são árabes ou judeus.

Segundo *Montandon* estas são as "GRANDES RAÇAS":
- Europóide,
- Mongolóide,
- Pigmóide,
- Ved-australiano,

classificadas em 20 raças.

POVOS ATLANTO-MEDITERRÂNEOS DA EUROPA:

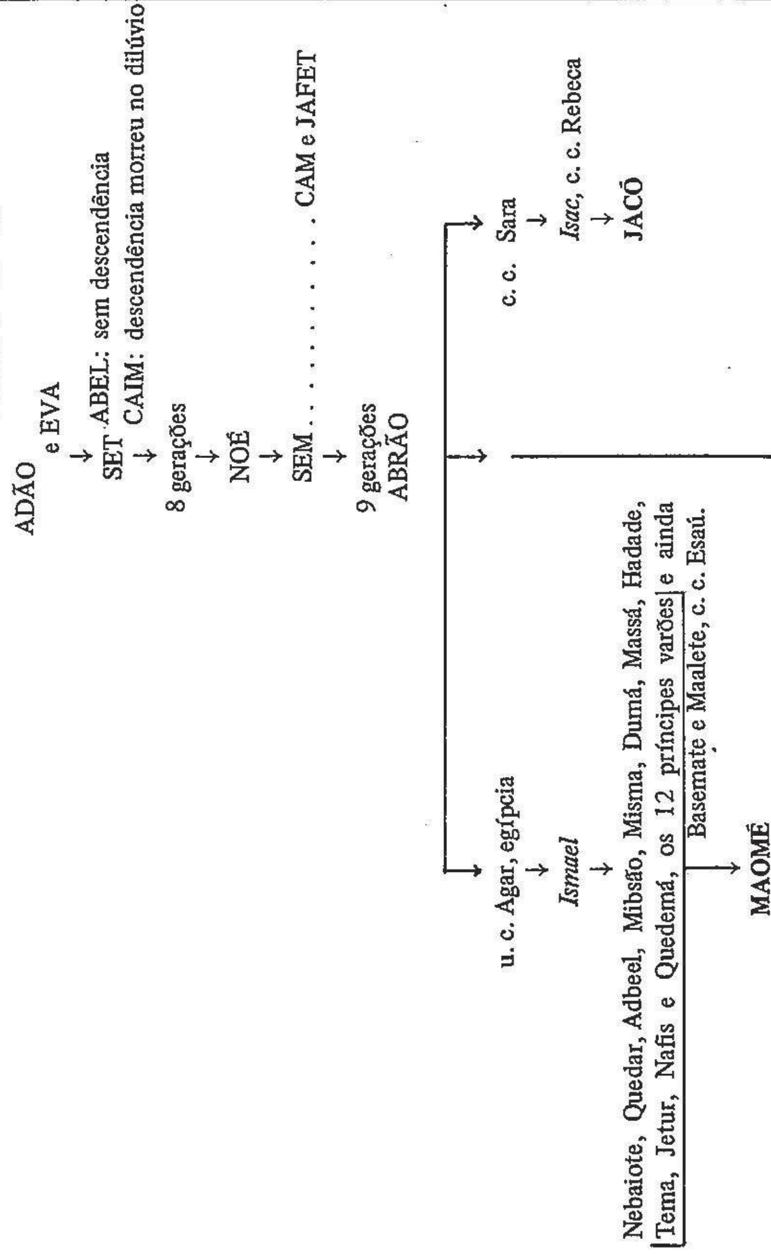
Português
Espanhol
Francês
Italiano

POVOS DA ÁFRICA

Camitas: Norte do Saara:
Bérberes
Felás
Núbios
Abissínios
Somalis, etc.

Sul do Saara:
Sudaneses } Negros do
Bantos } Brasil

Semitas:
Árabes
Judeus



JACÓ, AS 12 TRIBOS

u. c. Zilpa 2 ↓		u. c. Bila 2 ↓		c. 2. c. Raquel 2 ↓			c. 1 c. Lia – 6 varões ↓						c. 1 c. Lia ↓
Gade 7 filhos	Aser 3 filhos	Dão ↓ Sansão c. c. Dalila	Naftali 4 filhos	José c. c. Azenate ↓ Manassés e Efraim ↓ Num ↓ Josué ou Oséias (Sucessor de Moisés)	Benjamim ↓ Rei Saul	↓ Após- tolo Paulo	Rubens (primo- gênito) ↓ 4 filhos	Simeão 4 filhos	Levi ↓ 3 ge- rações ↓ Arão, Mi- riã e MOISÉS c. c. Zípora ↓ Gérson e Eliezer	JUDÁ ↓ 7 ge- rações ↓ Rute, c2c Boaz ↓ 2 gera- ções ↓ Jessé ↓ Davi ↓ Salomão ↓ 25 gera- ções: ↓ S. José	Issacar ↓ 4 filhos	Zebulom ↓ 3 filhos	Diná (mulher)

TÁBUA DUPLA: NÚMERO DE GERAÇÕES DOS FIGURÕES DA LINHAGEM DE *SEM* DESDE A CRIAÇÃO ATÉ SÃO JOSÉ

	ADÃO	SET	NOÉ	SEM	ABRÃO	ISAAC	JACÓ	LEVI/JUDÁ	saltou gerações	BOAZ/RUTE	JESSÉ	DAVI	SALOMÃO	Ocosias	Joás	Amazias	Jeconias	S. José
ADÃO	0	1	9	10	19	20	21	22		+ de 29	31	32	+ de 33					
SET	1	0	8	9	18	19	20	21		+ de 28	30	31	+ de 32					
NOÉ	9	8	0	1	10	11	12	13		+ de 20	22	23	+ de 24					
SEM	10	9	1	0	9	10	11	12		+ de 19	21	22	+ de 23					
ABRÃO	19	18	10	9	Gn 0	1	2	3		+ de 10	12	13	+ de 14					
ISAAC	20	19	11	10	1	0	1	2		+ de 9	11	12	+ de 13					
JACÓ	21	20	12	11	2	1	0	1		+ de 8	10	11	+ de 12					
LEVI/JUDÁ	22	21	13	12	3	2	1	0		+ de 7	9	10	+ de 11					
GERAÇÕES INSUFICIENTES																		
BOAZ/RUTE	29	28	20	19	10	9	8	7		+ de 0	2	3	+ de 4					
JESSÉ	31	30	22	21	12	11	10	9		+ de 2	0	1	+ de 2					
DAVI	32	31	23	22	13	12	11	10		+ de 3	1	0	+ de 1					
SALOMÃO	33	32	24	23	14	13	12	11		+ de 4	2	1	+ de 0					
Ocosias																		
Joás																		
Amasias																		
Jeconias																		
São José																		

CAM (ou Cão) (Arábia, Canaã, Egito, Etiópia)				JAFÉ (ou Jafet) (Ásia Setentrional e Europa)
Cuxe ↓ Raamá ↓ Sabá u. c. Salomão ↓ Menelik	Misraim	Pute	Canaã ↓ Sidon	Gomer, Magogue, Madai, Javã, Tubal, Meseque e Tiras

N.º DE GERAÇÕES	LINHAGEM DE JAFET					NETOS DE JAFET
	ADÃO	SET	NOÉ	JAFET	7 FILHOS DE JAFET Gomer, Magog, Madai, Javam, Tubal, Mosoc (ou Meseque) e Tiras	3 FILHOS DE GOMER Arcenez ou Asquenaz Difat ou Rifat e Tagorna ou Togorna / 4 FILHOS DE JAVAM Elisá, Tarsis, Cetim ou Quitim e Dodamim
ADÃO	0	1	9	10	11	1 2
SET	1	0	8	9	10	1 1
NOÉ	9	8	0	1	2	3
JAFET	10	9	1	0	1	2
FILHOS JAFET	11	10	2	1	0	1
NETOS JAFET	12	11	3	2	1	0

MARIA

Sua ascendência, segundo a lenda:
Pai: JOAQUIM, nome que teria vindo do Eliakin ou Eliaquim ou ainda HELIaquim, de Heli.
Mãe: ANA.

De *acordo com os maometanos:*
Pai: OMRAM
Mãe: HANNAH.

Sua descendência:
De acordo com a Bíblia, segundo a Igreja Católica: JESUS CRISTO.
Segundo os protestantes: Jesus Cristo, Tiago, José Simão e Judas. E as irmãs referidas em Mt. 13,56 (ver Mt. 13.55, Mc. 6.3, Gl. 1.19-13.56 e João 7.3 e 5).
De acordo com os maometanos: IÇA BIN MARIAM (que é Jesus).

GENEALOGIA DE MAOMÉ, CRIADOR DO ISLÃ:

ADÃO
SET
NOÉ
SEM
ABRAÃO (Ibraim) uc. Agar
ISMAEL
Yarub
Nahur
Makum
Edd
Adnan
Moad
Nizar
Modar
Elias
Mudrika
Khazima
Kananah
Nozar
MALEK
Fahr
Galeb
Luai
Kaeb
Murrah
Kilab
Kuçai
Abdumanaf
Hachem
Abdul Muttaleb
Abdullah c.c. Aminah
MOHAMAD (Maomé) c.c.v. Kadidja
Kassem – Abdullah – Fátima – Ibrahim – Zainab – Rokiya – Um Kaltum
Hassan
Hussein
Ali-Zain Ulabidin
Mohamad al Baker
Jaefar Sadek
Mussa al Kazem
Ali Reda
Hassan Hadi
Mohamad Jawad
Hassan as Kari
Mohamad Mahdi

BUDA

BUDA = SIDDHARTA (Gautama Saquiamuni)
Genealogia: filho do príncipe SUDDHODANA
O Buda c. c. p. Iasodhara e tiveram um filho de nome RAHULA.

AS RAÇAS HUMANAS

Existem diversas classificações para as raças, sendo a mais simples e abrangente a de *Cuvier*, que engloba toda a humanidade em três grupos:

Amarela, branca e negra, e que leva em conta, como se vê, apenas a cor da pele.

Já *Linneu*, adotando o mesmo critério, inclui outra raça, a americana ou vermelha.

E *Blumenbach* ampliou o número para cinco raças fundamentais:

Caucásica: europeus, menos os lapões e os fineses, povos da Ásia até ao Obi, ao mar Cáspio e ao Ganges; *africanos do norte.*

Mongólica: habitantes da Ásia, excluídos os acima citados e dos Malaios: lapões, fineses e esquimós.

Etiópica: povos africanos, menos os citados acima.

Americana: índios americanos.

Malaia: habitantes das ilhas do Oceano Pacífico (pardos).

Outro estudioso, *Eickstedt*, classificou também raças secundárias, particulares e intermediárias, conforme o quadro abaixo:

GRUPOS ETNOLÓGICOS	Europiforme	Negriforme	Mongoliforme
RACIAIS PRINCIPAIS ↓	Secundárias	Particulares	Intermediárias
Européides Negróides Mongolóides	Polinésios Melanésios Hindus	Vedas Pigmóides Boximanes	Ainos Australianos Esquimóides

Todos os grupos oferecem uma série de variedades, estando classificados cerca de 38.

Determinada escola de sistematizadores querem que sejam de 200 o número de raças, sub-raças e variedades.

AINDA RAÇAS

Particularidades:
COMPORTAMENTO, segundo *Linneu::*

Americanus: tenaz, satisfeito, livre, governado pelo costume (índio americano).

Europaeus: descuidado, vivaz, inventivo, governado pelos ritos.

Asiáticos: severo, altivo, mesquinho, governado pela opinião.

Afer: astuto, vagaroso, negligente, governado pelo capricho (africano).

AS RAÇAS MERGULHAM GEOGRAFICAMENTE UMA NAS OUTRAS

NAQUELE TEMPO. . .

O Brasil era:
– o inferno dos negros,
– o purgatório dos brancos;
– o paraíso dos mulatos.

E hoje?

TABUADA DAS MISTURAS

PARA FICAR BRANCO

1 branco com uma negra produz mulato
Metade branco, metade preto.

1 branco com uma mulata produz quartão
3/4 branco e 1/4 negro.

1 branco com um quartão produz outão
7/8 branco e 1/8 negro.

1 branco com uma outona produz branco
Inteiramente branco.

PARA FICAR NEGRO

1 negro com uma branca produz mulato
Metade negro e metade branco.

1 negro com uma mulata produz quartão
3/4 negro e 1/4 branco.

1 negro com uma quartão produz outão
7/8 negro e 1/8 branco.

1 negro com uma outona produz negro
Inteiramente negro.

Nota: Sistema citado por *Gilberto Freire*.
Processo simples de evolução válido até o advento das descobertas de *Mendel*, em 1866.



LEIS DE MENDEL

LEI DA SEGREGAÇÃO

". . . os gens transmitidos aos híbridos não se misturam, mas são segregados nas diferentes células sexuais do híbrido, de modo que, na descendência, um caracter parterno reaparecerá sem se ter contaminado durante sua passagem através do híbrido".

NOSSOS COLONIZADORES
Povos da Península Ibérica

ÍBEROS: povo que habitava a região, muitos séculos antes de Cristo.

CELTAS: povo turbulento e guerreiro, que no século VI a.C. invadiu a Península Ibérica.

LIGURES: povo também antigo da região Ibérica.

As três raças acima se fundiram e passaram a ser os CELTÍBEROS. Depois houve cruzamento com fenícios, gregos, cartagineses e em seguida os romanos.

No século V d.C. a Península foi invadida por alanos, suevos, vândalos, seguidos dos visigodos.

No séculos VIII d.C. a Península foi invadida pelos maometanos e mais ou menos em 1.500 foram admitidos os judeus.

A população portuguesa é muito mais heterogênea do que a da Espanha. A antiga população celtibérica lanitizada, cruzada com os suevos, visigodos e normandos, cruzou-se ainda com os mouros e judeus.

Os portugueses são sóbrios, melancólicos e muito ativos quando se expatriam.

A ORIGEM PORTUGUESA DOS MINEIROS

A maior corrente de imigrantes procedeu do norte de Portugal, principalmente das províncias de MINHO, TRÁS-OS-MONTES, PORTO, DOURO e BEIRAS, razão da predominância dos valores e costumes daquelas regiões.

Uma das particularidades, comentadas por um sociólogo, é a temperança, a desconfiança, o que leva os povos acima e seus descendentes a empregar, não raro, aquele comportamento indeciso, de todos conhecido.

O nosso homem rural, principalmente, ao se expressar deixa sempre margem para outra interpretação.

CURIOSIDADES

Do recensemento de 1980:

Principais colônias estrangeiras em Minas Gerais:

Das Américas:
Bolívia
Estados Unidos
Argentina

Da Europa:
Portugal
Itália
Espanha
Alemanha Ocidental

Da África:
Angola
Egito

Da Ásia:
Líbano
Japão
Síria
China Continental

NOMES E SOBRENOMES DOS JUDEUS ANTIGOS EM MINAS

(Extraído de artigo de *Augusto Lima Júnior*, in: *Revista de História e Arte*)

A. Sanches
Aboab Fonsequa
Abraão de Oliveira
Abraão Sarfati
Aguilar
Álvares
Álvares Correia
Arêdes
Aron Bueno
Ávila
Belmonte
Borges
Breves
Bueno Daniel
Bueno Henriques
Bueno de Mesquita
Bueno Mesquita de Jacob
Bueno de Moura
Bueno do Prado
Cardoso
Castanho
Castilho (de Castela)
Camargo
Cambraia
Campos
Cândido
Carauta
Cerqueira
Chacon
Chichorro
Cobra
Coen de Lara
Costa Andrade
Costa Gadelha
Costa Vale
Crasto
da Silva
Daniel Salomon
David Lopes
David Mesquita
David Nunes Torres
David Preto
Dias da Costa
Dias Fonseca
Dias de Oliveira
Drago
Espinosa
Faria
Faro
Fonseca
Fortes
Franco Mendes
Franco Pacheco
Franco da Silva
Fróis
Galvão
Gaon
Gato
Guedes
Gutierrez
Henrique Coutinho
Henriques
Isaac Chaves
Jacob de Araújo
Jacob Preto Henriques
Jardim
Jesus de Matos
Jesus do Prado
Joseph Bueno de Mesquita
Lages
Leon Castro
Levi de Barros
Levi Ximenes
Lobo
Lopes Alvim
Lopes de Castro
Lopes da Paz
Louzada
Machado Moreno
Machorro
Medina
Mendes Castro

Mendes Gama
Mendes Silva
Moisés Mesquita
Moreira
Murta
Navarro
Neves
Nunes
Osório Louzada
Pacheco
Pardo
Peixoto
Pereira
Pereira Coutinho
Pessoa
Pinheiro
Pinho
Preto
Rodrigues Arzão (ou Harzan)
Rodrigues de Azevedo
Rodriges Chaves
Rodrigues da Costa
Rodrigues Ferreira
Rodrigues Prado
Rodrigues Preto
Sá
Salomão de Ávila
Salomão Marques
Salvador
Samuel Guédes
Samuel Montezino Chaves
Samuel Peres
Samuel de Souza
Sanches
Sarmento
Sequeira e Siquira
Silva Campos
Silva Cardoso
Soeiro
Souza Brito
Suarez
Torres
Vaz de Oliveira
Vaz
Veiga
Velloso
Viegas

OS ASCENDENTES. . .

Qualquer homem, como eu, tem quatro avós 4
Estes quatro por força dezesseis, 16
Sessenta e quatro a estes contareis 64
Em só três gerações que expomos nós.

Se o cálculo procede, espreitai vós
Que pela prôa vem cinquenta e seis 56
Sobre duzentos mais que lhe dareis, 200
Qual chapéu de Cardeal! Que espalha os nós.

Se um só dá tanto cabedal
Dos ascendentes seus, que farão mil? 1000
Uma província? Todo o Portugal?

Por esta conta, amigo, ou nobre, ou vil,
SEMPRE ÉS PARENTE DO MARQUÊS DE TAL,
E TAMBÉM DO PORTEIRO AFONSO GIL.

R. V. (Abade de Jazarte)

ÁRVORES DE COSTADO

Pais	2	
Avós	4	
Bisavós	8	
Trisavós	16	
Tetravós (4.º)	32	
Pentavós (5.º)	64	
		124
da 6.ª à 10.ª geração		3.968
da 11.ª à 20.ª geração		4.190.208
da 21.ª à 30.ª geração		4.290.772.992
da 31.ª à 40.ª geração		4.393.751.543.808
Total até a 40.ª geração		4.389.046.511.100

○●○

Hexavós (6.º) temos	128	
Heptavós (7.º) temos	256	
Octoavós (8.º) temos	512	
Eneavós (9.º) temos	1.024	
Decaavós (10.º) temos	2.048	
		3.968
Undeavós (11.º) temos	4.096	
Dodecavós (12.º) temos	8.192	

TÁBUA DE PARENTESCO EM FUNÇÃO DE UM PARENTE COMUM

		Indivíduo A: Pai	Avô	Bisavô	Trisavô	4.º avô	5.º avô	6.º avô	7.º avô	8.º avô
	Pai	irmãos	tio	tio avô	tio bisavô	tio trisavô	tio 4.º avô	tio 5.º avô	tio 6.º avô	tio 7.º avô
	Avô	sobrinho	primos 1.º grau	primos 2.º grau	primos 3.º grau	primos 4.º grau	primos 5.º grau	primos 6.º grau	primos 7.º grau	primos 8.º grau
	Bisavô	sobrinho neto	primos 2.º grau	primos 3.º grau	primos 4.º grau	primos 5.º grau	primos 6.º grau	primos 7.º grau	primos 8.º grau	primos 9.º grau
	Trisavô	sobrinho bisneto	primos 3.º grau	primos 4.º grau	primos 5.º grau	primos 6.º grau	primos 7.º grau	primos 8.º grau	primos 9.º grau	primos 10.º grau
Indivíduo B	4.º avô	sobrinho trineto	primos 4.º grau	primos 5.º grau	primos 6.º grau	primos 7.º grau	primos 8.º grau	primos 9.º grau	primos 10.º grau	primos 11.º grau
	5.º avô	sobrinho 4.º neto	primos 5.º grau	primos 6.º grau	primos 7.º grau	primos 8.º grau	primos 9.º grau	primos 10.º grau	primos 11.º grau	primos 12.º grau
	6.º avô	sobrinho 5.º neto	primos 6.º grau	primos 7.º grau	primos 8.º grau	primos 9.º grau	primos 10.º grau	primos 11.º grau	primos 12.º grau	primos 13.º grau
	7.º avô	sobrinho 6.º neto	primos 7.º grau	primos 8.º grau	primos 9.º grau	primos 10.º grau	primos 11.º grau	primos 12.º grau	primos 13.º grau	primos 14.º grau
	8.º avô	sobrinho 7.º neto	primos 8.º grau	primos 9.º grau	primos 10.º grau	primos 11.º grau	primos 12.º grau	primos 13.º grau	primos 14.º grau	primos 15.º grau

Para saber qual o parentesco de um indivíduo B em relação a um indivíduoA, procede-se da seguinte forma:
1) Verifica-se qual o parentesco do primeiro ascendente comum de A e B, em relação a um outro (ex.: o ascendente é pai de A e bisavô de B).
2) Assinala-se na primeira linha horizontal esse parentesco com A (pai), e na primeira coluna vertical, com B (bisavô).
3) Ligam-se, por coordenadas, os pontos assinalados: a intercessão dessas linhas, na tábua, indicará o parentesco de B em relação a A (sobrinho neto).
NB: Tábua segundo "Brasil Genealógico". 1(1):36,1960.

3.ª Parte
BRASILIDADE
ENDOGAMIA - MESTIÇAGEM

Alto lá!

AVISO

Ao apreciar o sistema de acompanhamento de mestiçagem, a tabela de grau de brasilidade genealógica ou de endogamia, simples tentativa de estabelecer processo de conhecimento individual, não vá logo raciocinando que se trata de discriminação contra determinadas etnias e/ou nacionalidades, e não vá confundir brasilidade genealógica — questão biológica — com brasilidade patriótica, nacionalista, legal e tampouco encarando a apuração da endogamia como severa condenação à sua ocorrência, eis que ela, em raças puras e perfeitas, é até prescrita em alguns países. E depois falta-nos bagagem para discutir questão altamente científica, própria para os geneticistas.

Mas a verdade é que dois seres, parentes próximos, muito próximos, que têm portanto os mesmos ascendentes, no caso destes terem sido portadores de problemas, multiplicam o risco da herança. Faz bem lembrar que foi um endocruzamento que salvou Portugal como nação.

E quanto à brasilidade, a destinação da proposta é para o âmbito familiar, criando meios de saber seus componentes. E brasilidade é coisa de coração. Tem muito brasileiro 100% que não ama a Pátria, enquanto estrangeiros e mazombos, e muitos, têm dado provas sobejas de interesses por nossa soberania: não se enquistam, não se fecham em colônias, se adaptam aos nossos costumes e não "costuram para fora", tampouco deixando o espírito de grupo étnico e de origem suplantar a sua integração global como brasileiro.

QUADRO 1

ABREVIATURAS:
CE: Classe Especial
BC: Brasil Colônia
BI: Brasil Império

FORMAÇÃO GENEALÓGICA BRASILEIRA – NACIONALIDADES, ETNIAS, MISCIGENAÇÃO

BRASIL COLÔNIA

CLASSE ESPECIAL = CE	ÍNDIO	Mameluco	Cafuso	PORTUGUÊS	Espanhol	Negro	Outros	Mulato	2.ª miscig.	3.ª miscig.	CLASSE ESPECIAL – CE	Mulato	PORTUGUÊS	Negro	Outros
ÍNDIO	I														
Mameluco	1	II													
Cafuso	2	1	III												
PORTUGUÊS	3	2	1	A											
Espanhol	4	3	2	1	B										
Negro	5	4	3	2	1	C									
Outros	6	5	4	3	2	1	D								
Mulato	7	6	5	4	3	2	1	E							
2.ª miscig.	8	7	6	5	4	3	2	1	F						
3.ª miscig.	9	8	7	6	5	4	3	2	1	G					
BRASIL IMPÉRIO – BI															
CLASSE ESPECIAL – CE											H				
Mulato											1	I			
PORTUGUÊS											2	1	J		
Negro											3	2	1	K	
Outros											4	3	2	1	L

QUADRO 2

FORMAÇÃO GENEALÓGICA BRASILEIRA – NACIONALIDADES, ETNIAS, MISCIGENAÇÃO
BRASIL REPÚBLICA

CLASSE	CLASSE ESPECIAL	BR. COLÔNIA	BR. IMPÉRIO	MESTIÇO	NEGRO	PORTUGUÊS	LAT.-AMÉR.	ESPANHOL	ITALIANO	ALEMÃO	ÁRABE	AMARELO	GREGO	OUTROS	CONSTANTE
CLASSE ESPECIAL	M	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14
BRASIL COLÔNIA	1	N	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13
BRASIL IMPERIO	2	1	O	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
MESTIÇO	3	2	1	P	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
NEGRO	4	3	2	1	Q	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
PORTUGUÊS	5	4	3	2	1	R	1	2	3	4	5	6	7	8	9
LAT.-AMERICANO	6	5	4	3	2	1	S	1	2	3	4	5	6	7	8
ESPANHOL	7	6	5	4	3	2	1	T	1	2	3	4	5	6	7
ITALIANO	8	7	6	5	4	3	2	1	U	1	2	3	4	5	6
ALEMÃO	9	8	7	6	5	4	3	2	1	V	1	2	3	4	5
ÁRABE	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	X	1	2	3	4
AMARELO	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	Y	1	2	3
GREGO	12	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	Z	1	2
OUTROS	13	12	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	OUTROS	1
CONSTANTE	14	13	12	11	10	9	8	7	6	5	4	3	2	1	

TABELAS FENELON

Explicação sobre o grau de brasilidade genealógica.

Os quadros 1 e 2, dentro das limitações a que se propoem, são instrumentos que atendem, em parte, as classificações que dizem respeito a uma família e oferecem ao estudioso que for paciente condições de apurar com relativa segurança, os componentes de determinada pessoa ou grupo no que tange a nacionalidade, etnia e cruzamentos subseqüentes, sua constância em determinado segmento e seu progresso ou regresso em relação a raça ou origem.

O quadro I está dividido em:

BRASIL COLÔNIA (1500/1822) =322 anos e subdividido em 2 classes

- ESPECIAL: o elemento índio e seus descendenes na fusão com o branco e o negro.
- A/G: nossos primeiros colonizadores, europeus e africanos e seus primeiros descendentes.

e em

BRASIL IMPÉRIO 1822/1899 =67 anos

- Letras H/L: período menor, intermediário, sem imigração intensa de outras nacionalidades que não a portuguesa.

O quadro II estuda o:

BRASIL REPÚBLICA 1889/1984 =95 anos

- Presença de povos de outras etnias, nacionalidades, cultura e... falta de cultura, imigrantes legítimos e úteis, e simples aventureiros, perniciosos, inconvenientes, pobres e falsos ricos, falidos e corridos, ávidos por fazer a América nesta terra em que no Brasil Colônia as coisas eram de qualquer jeito; no Brasil Império de algum jeito e agora é o maravilhoso país do jeitinho, segundo Peter Keleman, onde a cada momento você tropeça num colonizador que vem de cordeiro e é lobo: procedem sempre das mesmas manjadas regiões problemizadas, geralmente de baixo índice econômico, científico e cultural, onde não raro impera escolas de violência e criminalidade; aliviam o governo de seus países do ônus de sua presença, trazendo costumes e comportamentos conflitantes com a boa moral; enfim, não vêm para somar, mas para anarquisar...

TABELA FENELON

GRAU DE BRASILIDADE GENEALÓGICA DOS POVOS QUE CHEGARAM AO BRASIL APÓS O ADVENTO DA REPÚBLICA, DE ACORDO COM A CONSTÂNCIA NA PROCRIAÇÃO EXCLUSIVA DENTRO DA MESMA NACIONALIDADE, GRUPO ÉTNICO OU RELIGIOSO:

Códigos dos Quadros 1 e 2:
ABREVIATURAS:
PN2: Pais naturalizados
PN1: Só um naturalizado
PNN: Não naturalizados

GERAÇÃO	Q c/ Q			R c/ R			S c/ S			T c/ T			U c/ U			V c/ V			X c/ X			Y c/ Y			Z c/ Z			OUTROS		
	PN2	PN1	PNN	PN2	PN1	PNN	PN2	PN1	PNN	PN2	PN1	PNN	PN2	PN1	PNN	PN2	PN1	PNN	PN2	PN1	PNN	PN2	PN1	PNN	PN2	PN1	PNN	PN2	PN1	PNN
1.ª	96	95	94	97	96	95	95	94	93	96	95	94	95	94	93	94	93	92	93	92	91	92	91	90	96	95	94	91	90	89
2.ª	97	96	95	98	97	96	96	95	94	97	96	95	96	95	94	95	94	93	94	93	92	93	92	91	97	96	95	92	91	90
3.ª	98	97	96	99	98	97	97	96	95	98	97	96	97	96	95	96	95	94	95	94	93	94	93	92	98	97	96	93	92	91
4.ª	99	98	97	100	99	98	98	97	96	99	98	97	98	97	96	97	96	95	96	95	94	95	94	93	99	98	97	94	93	92
5.ª	100	99	98		100	99	99	98	97	100	99	98	99	98	97	98	97	96	97	96	95	96	95	94	100	99	98	95	94	93
6.ª		100	99			100	100	99	98		100	99	100	99	98	99	98	97	98	97	96	97	96	95		100	99	96	95	94
7.ª			100					100	99			100		100	99	100	99	98	99	98	97	98	97	96			100	97	96	95
8.ª									100						100		100	99	100	99	98	99	98	97				98	97	96
9.ª																		100		100	99	100	99	98				99	98	97
10.ª																					100		100	99				100	99	98
11.ª																								100					100	99
12.ª																														100

TABELA FENELON
GRAU DE BRASILIDADE GENEALÓGICA
MISCIGENAÇÃO COM OUTRA NACIONALIDADE E/OU FORA DE SEU GRUPO ÉTNICO OU RELIGIOSO

Grau →	Grau inicial	1.ª miscig.	2.ª miscig.	3.ª miscig.	4.ª miscig.	5.ª miscig.	6.ª miscig.	7.ª miscig.
Índio	200	100						
Português Colonial	100							
Português do Império	90	100						
Português na República	80	90	100					
Espanhol Colonial	100							
Espanhol do Império	90	100						
Espanhol na República	80	90	100					
Negro Colonial	100							
Negro do Império	100							
Negro na República	90	100						
Latino-americano	80	90	100					
Italiano	70	80	90	100				
Grego	70	80	90	100				
Alemão	60	70	80	90	100			
Árabe	50	60	70	80	90	100		
Amarelo	40	50	60	70	80	90	100	
Outros	30	40	50	60	70	80	90	100
Constante	0	0	0	0	0	0	0	10

A ENDOGAMIA OU ENDOCRUZAMENTO
(Casamento entre parentes)

O amor e a ambição são cegos e estão acima de outras conveniências e até mesmo da ciência e da Lei.

Se há parentes, principalmente primos, que se casam por puro amor, há os que se casam para somar fortunas, para manter intacto o patrimônio de uma grei, fazendo com que a riqueza circule só no seu meio familiar. Além daqueles de conveniências políticas e razões de Estado.

Quanto mais próximo o parente, mais risco corre a futura prole, sendo portanto, desaconselhável uniões entre tios e sobrinhas, primos-irmãos e paralelos de idênticos código genético.

As estatísticas revelam ocorrências de aproximadamente 12% de mortes antes dos 20 anos, nanismo, albinismo, mudos e até retardamento mental com problemas de comportamento, quando o parentesco dos pais é muito próximo.

Em nosso país é no Ceará onde com mais freqüência ocorre a prática de casamento entre parentes, seguindo-se Pernambuco, sendo sua cidade de Floresta a campeã do costume, com 14% dos casamentos entre membros da mesma família. Os casos em Minas são em percentual bem inferior, da ordem de 2%, sendo quase nulos nos Estados do Amazonas, Rondônia, Mato Grosso e nos mais desenvolvidos.

Os pais de D. João VI, aquele que andava com pedaços de frango no bolso, eram tio e sobrinha, isto é, um tio casado com uma sobrinha.

Enfim, se o casamento entre estranhos é um progresso social e genético, pela integração de grupos mais vastos, é também uma aventura, um pulo no escuro.

No Brasil, então, o perigo aumenta em razão da intensidade da miscigenação, dado que todas as etnias do mundo, praticamente, aqui se reproduzem, sendo uma constante a nebulosidade quanto aos ascendentes e suas taras.

O caminho certo, em favor da prole, seria o casamento científico, orientado, o que, entretanto, contrariaria as leis de Cupido...

TABELAS FENELON
GRAU DE ENDOGAMIA

Pentavôs				Tetravôs		Trisavôs		Bisavôs	
Quantidade	Grau	Quantidade	Grau	Quantidade	Grau	Quantidade	Grau	Quantidade	Grau
64	0	9	55	32	0	16	0	8	0
63	1	8	56	31	2	15	4	7	8
62	2	7	57	30	4	14	8	6	16
61	3	6	58	29	6	13	12	5	24
60	4	5	59	28	8	12	16	4	32
59	5	4	60	27	10	11	20	3	40
58	6	3	61	26	12	10	24	2	48
57	7	2	62	25	14	9	28	1	56
56	8	1	63	24	16	8	32		
55	9			23	18	7	36		
54	10			22	20	6	40		
53	11			21	22	5	44		
52	12			20	24	4	48		
51	13			19	26	3	52		
50	14			18	28	2	56		
49	15			17	30	1	60		
48	16			16	32				
47	17			15	34				
46	18			14	36				
45	19			13	38				
44	20			12	40				
43	21			11	42				
42	22			10	44				
41	23			9	46				
40	24			8	48				
39	25			7	50				
38	26			6	52				
37	27			5	54				
36	28			4	56				
35	29			3	58				
34	30			2	60				
33	31			1	62				
32	32								
31	33								
30	34								
29	35								
28	36								
27	37								
26	38								
25	39								
24	40								
23	41								
22	42								
21	43								
20	44								
19	45								
18	46								
17	47								
16	48								
15	49								
14	50								
13	51								
12	52								
11	53								
10	54								

MODO DE USAR

Como saber seu grau de endogamia:

Veja quantos 5.º avôs (pentavôs) distintos tem e verifique em "quantidade" o grau correspondente, anotando o valor do grau.

Faça o mesmo com relação aos outros avôs) (e avós, é claro): tetra (ou tataravôs), trisavôs e bisavôs. Some os graus e fique sabendo o seu. Exemplos:

1.º
64 pentavôs = grau 0
32 tetravôs = grau 0
16 trisavôs = grau 0
8 bisavôs = grau 0
SOMA = grau 0

Portanto, não ocorreu endogamia entre seus ascendentes desde os pentavôs.

2.º) Você tem apenas 16 pentavôs distintos, portanto, grau 48
Você tem apenas 5 tetravôs distintos, portanto, grau 54
Você tem apenas 14 trisavôs distintos, portanto, grau 8
Você tem apenas 8 bisavôs distintos, portanto, grau 0
SOMA CORRESPONDENTE AO GRAU 110 110

3.º) Se você só conhece seus bisavós, sua classificação fica restrita e começa deles, correspondendo seu grau unicamente ao n.º deles. Se apenas 6 são diferentes = 16.

4.ª Parte
ORIGENS
OS RODRIGUES BRAGA

NOMES E SOBRENOMES

"No Brasil, ainda mais que em Portugal, não há meio mais incerto e precário de identificação de origem social do que o nome de família".

(*Gilberto Freire*, em Casa Grande e Senzala)



JACINTHO RODRIGUES BRAGA
c.c. Ana Felizarda Fernandes — Pitangui

RAÍZES

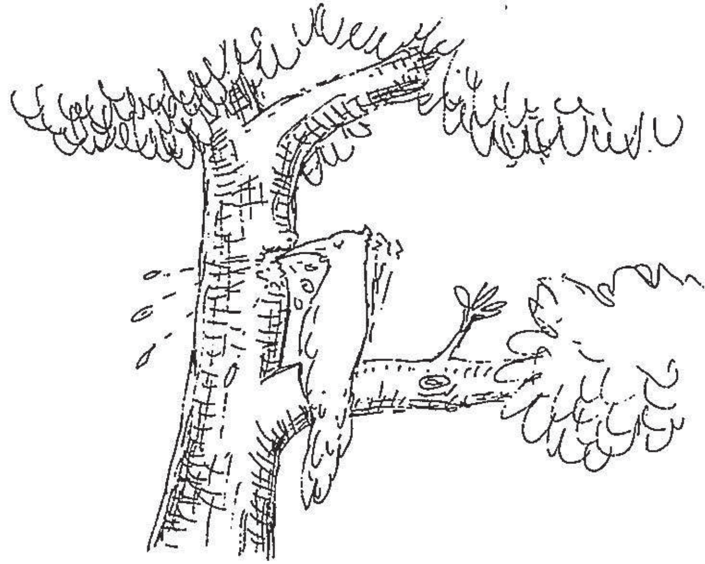
Seria filho de Manoel Rodrigues Braga, c.c. Antônia da Silva Vieira e neto de Sebastião Fernandes Lamas, c.c. Jacinta Rodrigues de Figueiredo.

Filhos do Capitão Manoel Rodrigues Braga e Antônia Silva Vieira. Informação de 16/12/1790:

Joseph Rodrigues Braga
Manoel
João
Antônio
Joaquim
Jacinto
Miguel

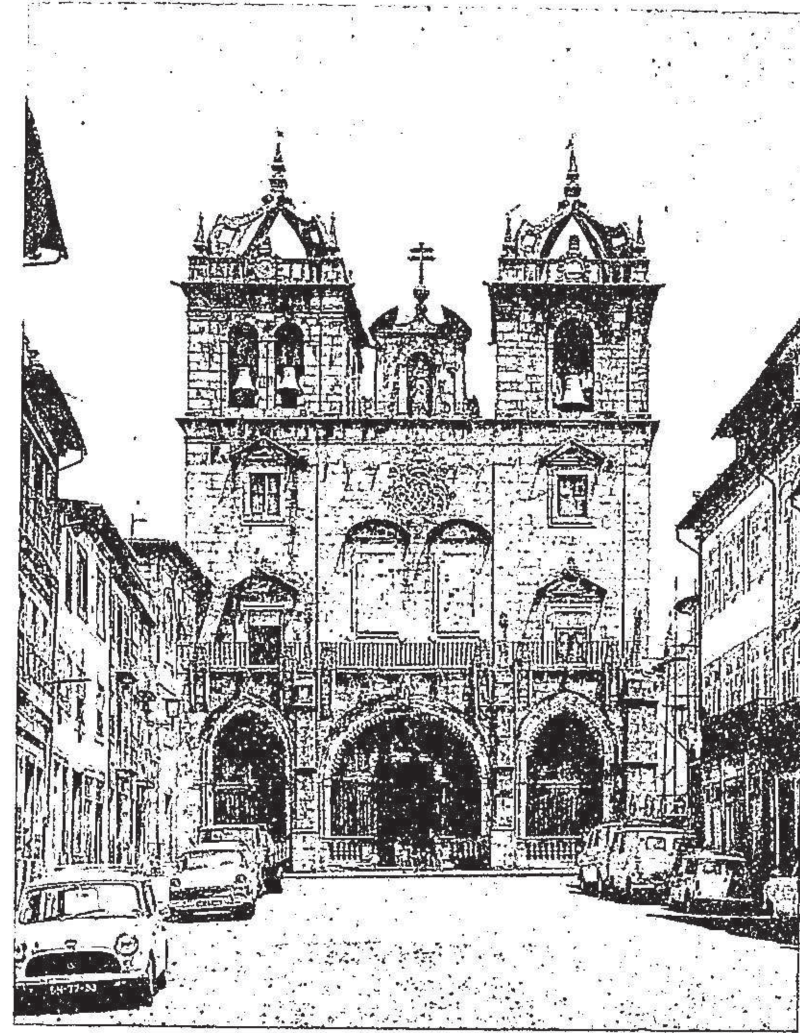
Idem, no "de genere" do Pe. José R. Braga:

José Rodrigues Braga
Jacinto Rodrigues de *Meneses* (Seria o mesmo Braga?)
Antônio Rodrigues Braga
Joaquim *José* Rodrigues (Onde o Braga?)
Miguel *José* Rodrigues (Onde o Braga?)

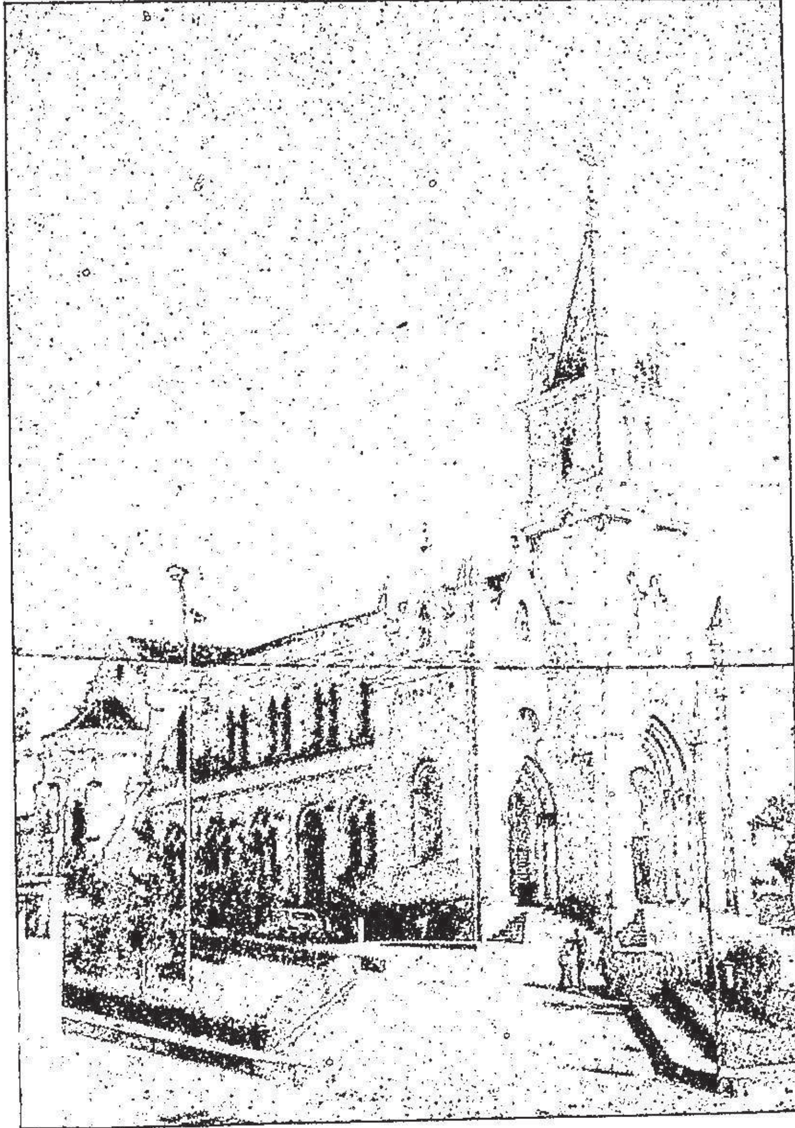


JACINTHO RODRIGUES BRAGA

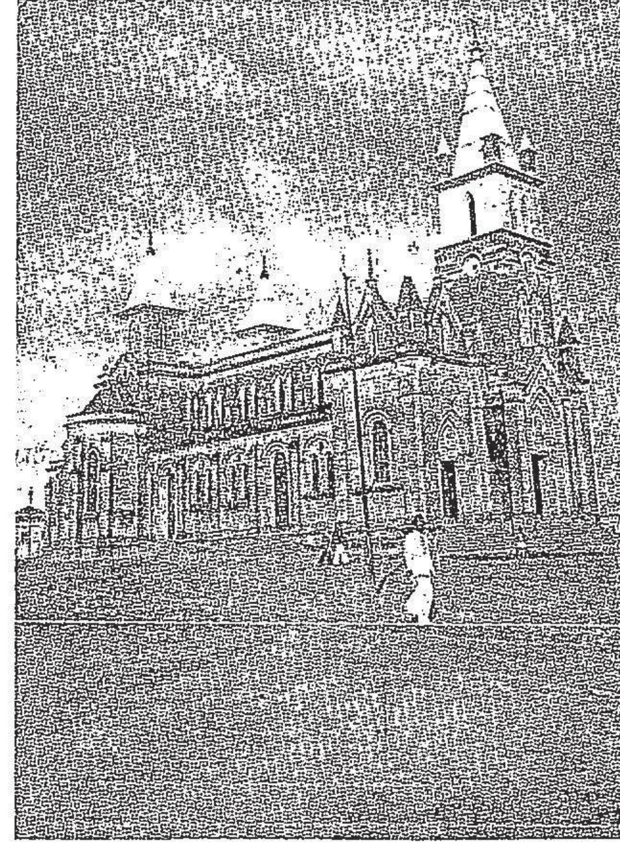
1. É pai de José Jacintho Rodrigues Zica.
   Registro Civil de Dores do Indaiá, Óbito n.º 30, folha 4, Livro 3 C.
2. É pai de José Jacintho Rodrigues Zica.
   Alistamento Eleitoral 1876 – José A. Oliveira/HA.
3. É tenente Quartel Mestre do 12.º Batalhão da Guarda Nacional.
   Almanak, 1870.
4. Dirige a Irmandade do Rosário, em Dores.
   Dores do Indaiá do Passado, Waldemar A. Barbosa/47.
5. É Doutor, médico.
   Escavações – Página 61, número 27.



SÉ CATEDRAL DE BRAGA
Portugal



MATRIZ DE N.ª S.ª DO PILAR
Pitangui



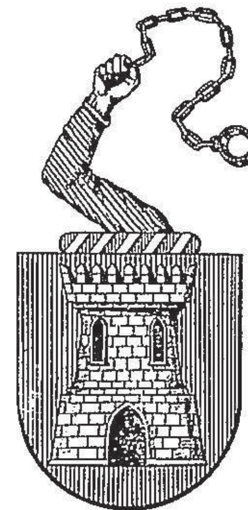
Matriz de Dores do Indaiá

BRAGA'S (Os nobres. . .)

"Procedem de hũ Cavaleiro que se achou em hũa batalha que deram aos mouros Dom Todão e Dom Rauzendo o qual ficando cativo, os mouros o meterão em hũa torre com hũa braga para melhor o segurarem e vendu hũ dia que a sentinela dormia se valeo da sua industria e animo porque ao mouro o matou com a mesma braga e fazendo a cama em tiras se desceo por ellas e fugio para o exército dos Christãos que o recebeo com alegria. Consta esta notícia do Brasão que se passou em 1647. Ao Doutor Sebastiam de Carvalho Fidalgo da Casa Real, e Dezembargador da Casa da Suplicação; porem o mais verosimel he que este appelido foi tomado da cidade de Braga donde seria o primeiro que teve achase hoje no Concelho de São João da Pesqueira, em Lisbôa, e outras terras. As suas armas parecem alucivas ao dito caso porque são em campo sanguineo hũa torre de prata com portas e frestas de preto. Timbre hũ braço vestido de verde com hũa braga, e cadea de ouro na mão em acção de dar com ella, assim se achão no cartório da Nobreza".



"É mal conhecida a origem desta família que, segundo se supõe, tomou o apelido da cidade de Braga. A pessoa mais antiga que se encontra com ele (o sobrenome) é Gonçalo Esteve de Braga, que viveu no Reinado de D. Fernando. Possuiu bens em Coimbra, que o Rei deu, por Carta de 6 de outubro de 1369, a João Gonçalves Cerveira, para ele e seus descendentes".



Braga

BRAGA, s. f. (ant.):	Espécie de grilheta que cingia a parte inferior da perna dos condenados a trabalhos públicos.
BRAGA:	Muro que servia de tranqueira nas antigas fortificações.
BRAGA:	Calção, geralmente curto e largo, que se usava outrora.
BRAGA:	Do latim *bracara*.
BRAGA:	Nome pré-romano, Bracara. Sobrenome de origem geográfica, originariamente um adjetivo: cidade dos Brácaros. De Brácara veio Bragara, por dissimulação Bragala, com a síncope de Bragaa.
BRAGA:	Este apelido foi sem dúvida tomado da cidade de Braga, donde procede muita fidalguia deste Reino (Portugal).
BRAGA:	Bebida alcóolica caseira.

5.ª Parte
ZICA's

ALGUMAS OBSERVAÇÕES

ZICA:	Sufixo diminutivo.
ZICA:	Apelido incorporado à família desde José Jacintho Rodrigues Zica.
ZICA:	Alcunha de Ambrosina Soares de Faria, cônjuge do 1.º casamento civil de Pitangui, em 4 de agosto de 1890.
ZICA:	Bergame: compositora de Ibiritinga, SP.
ZICA:	Alcunha de José Elias da Cunha, de Iguatama.
ZICA:	Alcunha de Vicentina Rodrigues Araújo, de Paineiras.
ZICA:	Alcunha do falecido açoriano da Praça Mauá, Rio, de nome Manoel de Abreu.
ZICA:	Senhoras de Marinhos/RFF
ZICA:	Viúva do compositor Cartola, Escola de Samba da Mangueira, Rio de Janeiro.
ZICA:	Sobrenome de família, em Roma.
ZICCA:	Sobrenome de família, em Cagliari, Sardenha.
ZIKA:	Alcunha de Dona Telma Zanetti Andricopoulos, que empresta nome a loja, em Vitória-ES.

E os ZICA'S, os Rodrigues Zica, eram e são BRAGA'S, Rodrigues Braga de Pitangui, hoje mais numerosos em Dores, mas espalhados por todo o Brasil, sendo encontrados em Abaeté, Paineiras, Biquinhas, Morada Nova, Luz, São Gotardo, Ibiá, Cedro, Carmo do Parnaíba, Patrocínio, Brasília, Iraque, G. Mór, São Paulo, Belo Horizonte, Betim, Divinópolis, Grécia, Rio de Janeiro, Niterói, Goiânia, Teresópolis, Arcos, Araxá, Presidente Prudente, Jussara, Campo Belo, Sete Lagoas, Pedro Leopoldo, Contagem.

No passado foram presença graduada na burocracia, na política, na religião e na área militar.

Oficiais da Guarda Nacional, Voluntários da Pátria, camaristas, médicos, advogados, juízes, sacerdotes, revolucionários e sobretudo patriotas.

Nossos ancestrais passaram pelo Brasil Colônia, Brasil Império, e nós, seus descendentes, estamos aqui no Brasil República.

Bem ou mal, suas marcas estão por aí, com muita brasilidade. Prolíficos, quando encontram parceiros adequados, não têm mãos a medir. Altivos e orgulhosos, soem ser muito independentes de espírito, mesmo na adversidade e principalmente nela.

O primeiro ZICA foi filho de Jacintho Rodrigues Braga e de Maria Felizarda Fernandes.



O genearca dos Zica

PARTE GENEALÓGICA – ALGUMAS EXPLICAÇÕES

O projeto, no começo, era ambicioso, bem mais ambicioso, bem mais abrangente. Se não está saindo de acordo com o melhor figurino, independeu de nosso esforço.

O desejo de ilustrar com dados mais ricos, como data de nascimento, casamento e morte, nome de solteira e de casada, naturalidade, profissão, destaques pessoais, fotos, etc., isto não foi possível porque o grosso das informações não levava a encorajar o registro desses detalhes.

A lamentável omissão de membros de uma ou outra família não permitiu, por outro lado, a classificação sistematizada, como sugere a moderna técnica.

Também, e infelizmente, não é precisa a ordem de nascimentos, podendo ocorrer relacionamento de irmãos mais jovens antes dos mais velhos.

Adotamos o critério de repetição do nome dos ascendentes e o fizemos de forma horizontal, método que permite ao leitor, de imediato, conhecer os ancestrais de qualquer membro e seu parentesco com o ascendente.

Se algum mérito esta obra possa ter, é o da simples coordenação, pois é trabalho conjunto, de todos, e visa edificar a família.

Tanto quanto possível, procuramos incluir somente os parentes de sangue, do mesmo gene, e seus cônjuges, mas certamente poderá ocorrer a existência de filhos de adoção ou registrados diretamente em nome dos adotantes, situação impossível de evitar face à proteção da Lei, da vontade dos responsáveis e em virtude de seu aspecto humanitário, fato que consta ser freqüente na grei tiradentina, sendo uma espécie de reconhecimento e retribuição social da família ao que fizeram por seu João.

Aos pais e mães solteiros, isto é, os Tiradentes e Eugênias de hoje, nossas homenagens por terem permitido que o fruto de seus amores, de seus descuidos, viessem ao mundo, não corrigindo um erro com outro.

A posição especial de cada caso foi contornada e lamentamos não incluir os casos sobejamente conhecidos, em respeito à vontade dos pais ou avós, o que acatamos atendendo à delicadeza do assunto.

A grafia dos nomes próprios foi ao sabor das variáveis de cada informação. Evitamos incluir nome de casadas por dedução do sobrenome do marido, já que a experiência mostra não haver muita lógica nas escolhas. Optamos sempre pelo nome conhecido ou colocamos os dois, quando conseguimos.

6.ª Parte
GENEALOGIA GERAL

AOS CRÍTICOS

O trabalho de genealogia é feito por informações verbais, anotações avulsas, telefonemas, cartas.

A exigência de documentos, de provas, praticamente inviabilizaria o levantamento da linhagem.

Assim, sem embargo das revisões feitas e das confirmações, em casos de dúvidas, é provável alguma falha ou omissão, das quais já nos persignamos e procuraremos corrigir nos próximos volumes.

Cabe aos interessados enviar-nos os dados corretos e novos elementos.



É. . . grande trabalho
Escrever de gerações!
Nem todos são Scipiões,
E podem cheirar ao alho
Ricos homens e infanções. . .

(*Sá de Miranda*, Poesias)

"Mandas-me, ó Rei, que conte declarando,
De minha gente a grão genealogia:
Não me manda contar estranha história:
Mas mandas-me louvar dos meus a glória".

(*Camões*, Luzíadas, III, 222)

I Tm 1.4: ". . . nem se ocupem com fábulas e genealogias sem fim, que antes promovem discussões do que o serviço de Deus, na fé".



A FORÇA DO PARENTESCO. . .

Irmão da rapariga do cabo
No currutel ele mandava
Sabia quem tinha rabo
E sua vantagem levava.

ABREVIATURAS

Da descendência	Ordem	Geração	Da ascendência
F – filho		1.ª	P – pai
N – neto	1.º	2.ª	V – avô
Bn – bisneto	2.º	3.ª	Bv – bisavô
Tn – trineto	3.º	4.ª	Tv – trisavô
Qn – tetraneto	4.º	5.ª	Qv – tetravô
Pn – pentaneto	5.º	6.ª	Pv – pentavô
Hn – hexaneto	6.º	7.ª	Hv – hexavô
Sn – heptaneto	7.º	8.ª	Sv – heptavô
On – octoneto	8.º	9.ª	Ov – octoavô
En – eneaneto	9.º	10.ª	Ev – eneavô
Dn – decaneto	10.º	11.ª	Dv – decavô
Un – undecaneto	11.º	12.ª	Uv – undecavô
Dnd – dodecaneto	12.º	13.ª	Ddv – dodecavô
Tzn – trezeneto	13.º	14.ª	Tzv – trezeavô
Qtn – quatorzeneto	14.º	15.ª	Qtv – quatorzeavô
Pdn – pentadecaneto	15.º	16.ª	Pdv – pentadecavô

ABREVIATURAS

De relacionamento:

c c – casado com
c 1 c – casado a primeira vez
c 2 c – casado a segunda vez
c d – com descendência
c e – casado com estrangeiro
c n – cunhado
c c n – concunhado
c c p – casado com parente
c c v – casado com viúvo
c p – contraparente
Dq – desquitado
Dv – divorciado
Fa – filho adotivo
Gr – genro
Iu – Irmão uterino
La – legitimidade adotiva
Nc – nome de casada

Nr – nora
Ns – nome de solteira
Na – nome anterior
Nn – novo nome ou nome novo
pa – parente afim
pm – primo
pt – parente
pc – primo cruzado
Pp – primo paralelo
Sb – sobrinho
Sd – sem sucessão, sem descendente
Ss – sem sucessão, sem descendente
Sg – sogro
Sj – separado judicialmente
Uc – união com
Vd – viúvo de
Vv – viúvo

COLETÂNEA DE OPINIÕES ALHEIAS. . .

"Quem herda não furta".
"Quem sai aos seus não degenera".
"Pitangueira não dá manga, de cobra não nasce passarinho".
"Estarão divididas. . . a sogra contra a sua nora, e a nora contra a sua sogra".

Lc. 12-53

"Feliz a união em que o marido é a cabeça e a mulher o coração".

"Tolo é o marido que não teme a mulher; cem vezes mais tola a mulher que não teme o marido".

"Não é bom que o homem esteja só. Façamos-lhe uma ajudante semelhante a ele".

Ge. 2.18

"Há plebeu que nasce de nobre e nobre que nasce de plebeu".

"Não há pastor que não descenda de um rei, nem um rei que não descenda de pastor.

Platão

"Enquanto o tempo desce como uma noite escura sobre as origens das famílias que compõem a nação, a pesquisa genealógica ilumina essa treva".

"O medo da competição com outros indivíduos dá origem ao orgulho e à presunção".



Há três castas de casamentos no mundo:
De Deus,
Do diabo,
Da morte.

De Deus, o do mancebo com a moça; do diabo, o da velha com o mancebo; da morte, o da moça com o velho.

D. Francisco M. Melo

Conservamos para sempre os sinais da nossa origem.

Ernest Renan

O sangue herda-se; a virtude, adquire-se.

Cervantes

Parente pobre é sempre parente afastado.

D. Houdetot

"Um parente por aliança é uma perna de elefante".

Rev. A. L. Bishop

Quando o julgamento é fraco, o preconceito é forte.

O'Hara

Família: aglomerado de pessoas que se defendem em conjunto, mas que se atacam particularmente.

Condessa Diane

"O indivíduo tarado tem sempre um pai tarado".

Rostand

De Augusto Porto:

"Genealogia é como expressão matemática: seca, incolor e, às vezes, inexpressível".

". . . o homem realiza a sua trajetória, do berço ao túmulo, cumprindo a sua missão de dar vida a outras vidas".

"Cada homem carrega dentro de si multidões ancestrais que se refletem nos mais íntimos refolhos de sua alma".

De Comte:

"Os vivos são sempre, e cada vez mais, governados pelos mortos".

Do Barão de Itararé:

"Os vivos são sempre, e cada vez mais, governados pelos mais vivos".

DA RESPONSABILIDADE DOS PAIS

Muitas doenças dos filhos são resquícios das DEMASIAS de seus PAIS.

Côn. Vidigal

"O mau pai é algoz de sua descendência".

TÓPICOS

"Não se deve procriar quando a embriaguez põe o corpo em estado de dissolução; é preciso que a concepção se dê em tempo útil, com consistência, estabilidade e tranqüilidade. O estado de ebriedade não é apropriado à fecundação; dele nascerão provavelmente crianças mal constituídas, e que não serão nem sólidas, nem perfeitas, quer de espírito, quer de corpo".

Platão, Leis, VI

Battaglia:

". . . a partir de um momento que difere mas que nunca falha, tal ou qual personagem REAPARECE várias vezes entre os antepassados".

É o "implexo dos antepassados".

Ottokar Lorenze:

"A genealogia reúne, estabelece e analisa fatos que em relação à biologia, e mais especialmente ao estudo da hereditariedade, desempenham o mesmo papel que as experiências de laboratório para a química e a física.

A nova genealogia deve fornecer o material necessário para descobrir pela comparação de milhares de casos, as leis biológicas fundadas sobre a comunidade de sangue".

"As qualidades PESSOAIS de cada indivíduo são mais importantes do que a raça de que proveio".

Dunn e Dobzhansky

FALA A BÍBLIA

"Os filhos deste século casam homens com mulheres, e mulheres com homens; mas os que forem julgados dignos daquele século, e da ressurreição dos mortos, nem os homens desposarão mulheres, nem as mulheres homens".

Lc. 20.34-35

FRASES

do *Padre Pedro Maciel Vidigal:*

— A ninguém aproveita ser de boa casta se está corrupto de vícios.

— A rosa é sempre bela, quer desabroche no jardim da mansão ou no lixo do quintal do barraco.

— Há maus filhos de bons pais e bons filhos de maus pais.

— O parentesco de sangue não implica em parentesco de costumes.

— O fato de ter pai ilegítimo não impede o indivíduo de ser nobre. Adquire por seus merecimentos, o lustre com que são vistos e o apreço com que são distinguidos, deixando glorioso exemplo a ser imitado.



ARTIGO DE UM LINHAGISTA QUE DISPENSA COMENTÁRIOS

GENEALOGIA E HEREDITARIEDADE

Pedro Maciel Vidigal

A genealogia não é fonte de vaidades estultas, vazias, inúteis ou expressão de decadência intelectual. É fonte de valor moral, de hierarquia social e dignidade humana. É campo de estudos e de pesquisas que interessam profundamente à genética.

Hoje, nas mais civilizadas nações, os estudos genealógicos estão despertando o interesse de cientistas, de historiadores e de sociólgos. E são considerados como sendo de utilidade pública.

Há muita gente vasculhando cartórios e arquivos a fim de apurar com exatidão o tronco de que veio, a fonte de sua existência.

Na Alemanha, antes de 1950, a Genealogia recebeu novo alento. Ressurgiu com elevados objetivos. O mesmo aconteceu na Argentina, nos Estados Unidos, na Itália, etc., onde genealogistas severos cuidam de estudar antecedentes familiares de muitos indivíduos. Até de criminosos. À luz da genética. Pois no estudo da hereditariedade, as famílias desempenham o mesmo papel que as experiências de laboratório para a Química e para a Física.

O famoso cientista alemão Ottocar Lorenś ensina que a nova Genealogia fornece o material necessário para descobrir, pela comparação de centenas ou de milhares de casos, as leis biológicas fundadas sobre a comunidade do sangue.

Tenho para mim que ele nada mais fez do que provar o acerto da Filosofia grega que, antes de Sócrates, de Empédocles e de Parmênides, já estudava as leis da transmissão hereditária.

No capítulo V de sua *República*, Platão estabeleceu numerosas exigências eugênicas, que parecem datar de nossos dias.

Até na Bíblia se encontram alusões à força da transmissão hereditária. Por exemplo:

1 — No Deuteronômio está escrito: *Eu sou o Senhor teu Deus, Deus zeloso que castiga nos filhos a maldade dos pais, até a terceira e quarta geração"*.

2 — No Evangelho segundo São Mateus lê-se que *toda árvore boa produz bons frutos e que toda árvore má produz maus frutos*.

3 – No Evangelho segundo São Lucas: *Não há árvore boa que produza frutos maus nem árvore má que dê frutos bons.*

A Bíblia tem razão. Muitas doenças dos filhos são relíquias ou resíduos das demasias de seus pais. Dos excessos destes procedem muitos achaques de sua descendência. Com os furores da mocidade, buscaram meios para a morte chegar cedo. Estupidamente, se mostraram inimigos da sua vida que poderia ser longa. Fizeram-se algozes e verdugos de si mesmos e de sua geração.

Qualquer estudioso do assunto tem como certo que cada homem carrega dentro de si multidões de antepassados que aparecem em muitos de seus traços físicos. E o que é mais importante: exercendo notável influência nos mais íntimos refolhos de sua alma. Na verdade, muitas vezes, entre nós e os nossos avós e bisavós, há visíveis semelhanças assim no ponto de vista corporal como do espiritual.

Na realidade, muitos filhos se assemelham aos pais ou a seus avós, de modo bem sensível, nos defeitos da vista, no modo de crescer dos cabelos, nos traços do rosto, no feitio do nariz, e até no modo de andar.

Pueril é supor desvinculada cada existência humana de quantos concorreram para dar-lhe origem.

Em 1933, o biologista americano Thomas Hunt Morgan ganhou o Prêmio Nobel de Medicina e Biologia por ter desenvolvido a teoria cromossômica da hereditariedade, o princípio fundamental da genética.

Hurst e Davenport, depois de muitas observações, revelaram que a herança da cor dos olhos se processa de acordo com as regras estabelecidas pelo geneticista Gregório Mendel, aquele padre agostiniano, nascido na Morávia em 1823.

Fischer pôde comprovar a validez das regras de Mendel, no formato da cabeça, no tamanho do corpo.

Scheinfeld e Schweitzer registraram que o primeiro caso verificado de hereditariedade mendeliana foi o de dedos curtos e grossos, a braquifalangia, em que falta a falange média de cada dedo.

Muitas outras anormalidades constitutivas são conhecidas como transmissíveis por hereditariedade. Entre elas, a hipodactilia, que é a falta de um dedo do pé ou da mão; a hiperdactilia, o excesso de um dedo da mão ou do pé; defeito das orelhas, sempre da mesma forma, etc. Também são hereditários defeitos do esmalte dos dentes, deformidade da coluna vertebral, defeitos e anomalias da pele, o daltonismo, o estrabismo, o albinismo, a sensibilidade à luz, porfinúria congênita, a coreoretinopatia, a catarata (exceto aquele caso em que a moléstia aparece na idade avançada), tumores gordurosos da pele, a calvície, o diabete, a hemofilia, a epilepsia, etc.

A lista de enfermidades transmissíveis por hereditariedade é muito grande. Há cientistas que nela incluem a ataxia, a apendicite, o reumatismo cardíaco, muitos casos de surdez, a loucura maníaco-depressiva, a esquisofrenia, a ciclofrenia, o câncer ou a predisposição para ele, sobretudo o câncer que se localiza no reto ou no cólon ou no estômago, e a afecção policística dos rins, séria

na mulher grávida. É possível a transmissão hereditária de glândulas tiróides defeituosas, do daltonismo, do estrabismo.

Em sua obra *Patologia Constitucional Aplicada*, Julius Bauer, da Universidade de Viena, afirmou que a hereditariedade é um fator etiológico importante da úlcera péptica. Dele, estas palavras textuais: *"O quadro clínico da úlcera e sua localização no duodeno ou no estômago pode ser similar em vários membros da mesma família".*

Os latinos costumavam dizer que dos fortes nascem os fortes. Os de corpo e os de espírito. *Fortes fortibus creantur*. E dos fracos podemos dizer que nascem os fracos, aqueles que, na aurora da adolescência, sentem estar madrugando a velhice. Com as neves de intempestiva canície, percebem que fica abafada a flor dos anos. E a extinção da sua posteridade é acelerada com a morte próxima.

Também as virtudes se herdam com o sangue. Pois no sangue se animam os espíritos que produzem as virtudes.

Na história de Roma, as virtudes sempre apareceram aparentadas com as famílias. Os Fábios eram constantes. Os Cornélios, fortes. Os Emílios, religiosos. Os Cláudios, magnânimos. Os Brutos, leais. Os Catões, prudentes. E os Mânlios, severos.

Entre 1094 descendentes do norte-americano Jonathan Edward foram contados 14 presidentes de Colleges, 3 senadores, 65 professores, 100 juristas, 100 sacerdotes e 195 concluintes de cursos pré-universitários. E nenhum membro da família cometeu qualquer crime.

Ninguém duvida de que qualidades espirituais dos pais e de ascendentes distantes são herdadas. A este respeito escreveu Leininger que devemos admitir a existência de um nexo ou uma relação entre o substrato corporal e as propriedades espirituais. Ele observou que certos dotes superiores excepcionais passam de geração em geração, em certas famílias. É o que demonstram famílias de matemáticos como a dos Bermouilli, de músicos, como a dos Bach. Nesta, o gênio musical se manifestou, numa linha ininterrupta, em cinco gerações masculinas. Dizem que havia mais de duzentos Bachs que eram excelentes músicos. João Sebastião foi o maior de todos eles. Entre os seus vinte filhos, nascidos de dois matrimônios, alguns se fizeram músicos célebres, destacando-se Felipe Emanuel.

Confirmam a tese de Leininger outras famílias como a dos astrônomos Cassini e a dos encadernadores Elzeviros. No Brasil, podem ser citados os Furquim Werneck: Francisco de Assis, Hugo e Jayme, pai, filho e neto, todos grandes ginecologistas famosos, que clinicaram em Belo Horizonte.

Na família de Mendel também se manifestou a força da lei da hereditariedade, que explica o notável amor que ele tinha à natureza e, de modo particular, às flores. Seus pais eram camponeses. E, entre os seus ascendentes, houve diversos jardineiros.

A maioria dos geneticistas afirma que a capacidade intelectual pode ser transmitida por hereditariedade. Talentos de governo e de comando são conhecidos como hereditários em muitas famílias reais e famílias militares.

O SANGUE E SEUS GRUPOS

Foi classificado em 1900 por *Landsteiner* em 4 grupos:
O – (doadores universais)
AB – (receptores universais)
A
B

TRANSFUSÕES

O do grupo B não pode ser administrado em pessoas dos grupos O ou A.

O do grupo AB não pode ser administrado em pessoas dos grupos O, A ou B.

O do grupo O só pode receber transfusão do seu grupo, O.

A INVESTIGAÇÃO DA PATERNIDADE

O quadro abaixo, extraído de *Visão* de 02/03/81, pág. 44, mostra o mais moderno sistema indicativo de paternidade.

Sem ser absoluto, o processo dá margem de segurança de até 99%.

PATERNIDADE: O POSSÍVEL E O IMPOSSÍVEL			
Mulher	Homem	Filhos possíveis	Filhos impossíveis
A	A	A,O	AB,B
A	O	A,O	AB,B
A	B	A,B,AB,O	nenhum
A	AB	A,B,AB	O
B	A	A,B,AB,O	nenhum
B	B	B,O	A,AB
B	O	B,O	A,AB
B	AB	A,B,AB	O
AB	A	A,B,AB	O
AB	B	A,B,AB	O
AB	AB	A,B,AB	O
AB	O	A,B	O,AB
O	A	A,O	AB,B
O	B	B,O	AB,B
O	AB	A,B	O,AB
O	O	O	A,B,AB
Rh+	Rh+	Rh+ Rh-	nenhum
Rh+	Rh-	Rh+ Rh-	nenhum
Rh-	Rh+	Rh+ Rh-	nenhum
Rh-	Rh-	Rh-	Rh+

CURIOSIDADES COMUNS

NOMES ESDRÚXULOS POR AÍ AFORA...

. . . das Virgens
Zepelin dos Ares . . .
Clara Pulga
Milton Frescura
Manuel Botão
Forte Pepina
Arvorinha Pureza
Pedro Saco Filho
Luiz Cachorro Branco
Hidráulica de Oliveira
Biruta Gus

(*Visão*, 16/08/82)

Nomes incríveis, até indecentes, que só servem para ridicularizar seus detentores. Que o pai seja mau ou louco é azar do filho, mas contando com a aquiescência do Oficial de Registro é demais:

Rodo Metálico
Florindo Tambor
Manuel Bacalhau
Antônio Azedo
Lício Coito
José Casou de Calças Curtas
José Toucinho
Domingo Bigode
Janeiro Fevereiro da Silva Março
João Cara de Deus
Holofotina. . .
F. Abelha Mansa
Antônio Fevereiro
Alberto Carrapato
José Pau Preto
Sansão Vagina
Augusto Queijo
Manoel Raposo Bicho
José del Negro Abril
João Peste
José Bochecha
Hipólito Pernas
José Silva Coentro
Pedro Bonde
Maria de Lourdes Giló
Laurinda Galinha
João Cólica
José Pardalino Pardal
Benedito Fróscolo Jovino de Almeida Aimbiré Militão de Souza Baruel de Itaparica Boré Fomi de Tucunduva.

HOMONÍMIA

O ex-Ministro Beltrão fez um levantamento "por alto" no PIS e constatou, só nos sobrenomes SANTOS e SILVA, o seguinte:

SANTOS:
José dos. . . . . .12.187 pessoas

SILVA's:
José Antônio 12.045
José Carlos. 11.664
José Francisco 10.718
José Pereira da 12.486
José da 9.674
Maria José da 10.336

○●○

TEMPO DE VIDA DE CERTOS ANIMAIS

Homem	113/17 anos
Cágado	116 anos
Tartaruga	88 anos
Baleia	87 anos
Elefante	70 anos
Urubú	69 anos
Cavalo	46 anos
Pombo	35 anos
Solitária (lombriga)	35 anos
Macaco	34/39 anos
Gato	34 anos
Boi	30 anos
Galinha	30 anos
Porco	27 anos
Canário	24 anos
Cabra	18 anos

PERÍODO DE GESTAÇÃO DE ALGUNS ANIMAIS

Elefante africano	640 dias
Égua	337 dias
Vaca	280 dias
Gato	64 dias
Cachorro	64 dias
Coelho	31 dias
Rato	19 dias
Gambá	13 dias

7.ª Parte
ESTÓRIAS E HISTÓRIAS

O PITORESCO NAS DORES...
Mistifório...

● Nenhuma das filhas do Tenente Zacharias adotou sobrenome de marido...

● O festejado santo soldado Sebastião, o Sebastião Santo milagroso dos nossos avós, cuja saudosa Igreja (para os abaeteenses apenas um barracão), dava sombra para boas peladas e foi lamentavelmente destruída, teve que passar a inquilino na nova matriz e se tem hoje uma Igreja própria, ela não fica em sua tranquila praça, cujo nome o povo já muda. Como guerreiro que foi, construíram seu templo e o aquartelaram na frente de combate, sozinho, enfrentando os "bíblia", os crentes, a "brasileira", que de brasileira tem quase nada, pois seus chefes são das estranjas... ou quase isso.

● Não muito melhor foi a sorte de caridoso santo francês, muito enraizado aqui e em todo mundo, estabelecido em sociedade de conferências e congregações da maior utilidade pública. Apesar do grande valor do badalado santo de pobre, não tinha um logradouro à altura de seus méritos. Apenas uma apagada fração de praça, sem direito à placa. Pois não é de ver que – sem protesto conhecido de confrades, irmãos ou irmãs – deram-lhe uma cotovelada e o jogaram para escanteio, surrupiando-lhe o pouco que tinha, para homenagear um vivo, coisa mais palpável e que pode dar importância. E o homenageado deve ter ficado contrariado, pois sempre pregou que tais honrarias só se deve fazer aos mortos.

Não é, pois, mole a vida de santo aqui por nossas bandas. Santa Cecília que o diga, pois já deu nome a banda de música.

De santo e de futuro santo, como é o caso do Padre Anchieta, a quem já tentaram homenagear com uma pracinha.

E o sábio jesuíta Pe. Romeu tem a sua travessa, mas seu nome não aparece na planta moderna.

● Escritor futurólogo previu 20.000 habitantes para Dores em 1970... mas em 1980 eram pouco mais de 15.000...

● Em certa época, na praça da União, quase todos os casais eram desunidos...

● Terra de rios piscosos e de criação de gado, gerou vocabulário próprio:

Bagrear: verbo que significa bobear, numa alusão ao tolo comportamento do siluriforme frente a um anzol bem iscado.

Capar: outro verbo, de uso íntimo e carinhoso, substitui, com sucesso, os clássicos "aborrecer, amolar" e os vulgares "chatear, encher".

E consta que existe até um clube secreto de expoentes, com presidentes de honra, oradores, conselheiros, etc., e que anualmente distribui medalhas às suas maiores sumidades, aqueles que têm armas mais afiadas para o exercício do mister...

● Foi aqui, e não ali, que um pai zeloso impediu suas filhas de namorar certos rapazes da melhor cepa, porque bebiam, e depois... morreu de beber.

● Outro tirou o filho daqui, um grande sujeito, para livrá-lo das cachaçadas de um professor pau d'água e mau caráter e o mandou para a zona dos alambiques, onde se bebe muito mais que em Dores, e a bebida de lá o levou, mas morreu puro e bom, extreme dos inconvenientes de más companhias.

● Já o Ivolino do Gustavo, no seu tempo guapo mancebo que foi a tormenta das moças casadouras – alma de poeta, músico e filósofo – certa vez, sofrendo de inapetência e insônia e proibido de beber, tomar café e fumar, indagou de seu então vizinho Nery Triste o que fazia para se alimentar e dormir bem, obtendo como resposta a receita de que devia beber, tomar café e fumar... bastante, inclusive à noite.

● Quando foi acidentado na euforia zebuína, que ele operava com boa fé e capital próprio e não tinha dívida a ser perdoada pelo "sábio" governo da época ficou, como todos do ramo, na pior. Estava, com o Gegê do Herculino de quebra, "barrancando" o Cândido Ribeiro, esta espécie rara de homem exigente e bom ao mesmo tempo, aristocrata, finório, jeitoso, dono de raras habilidades comerciais e humanas, que manipulava com maestria.

Bolou o milionário u'a maneira de ajudar – sem ferir susceptibilidades – aqueles dois parentes seus e de 'Ororica e, aproveitando um raro momento de encontro, já que a dupla andava ocupadíssima com o "mel" fermentado de lúpulo e cevada, a rua e a noite, "pediu" a eles um favor: levarem à exposição da Gameleira um cavalo de raça e procurar vendê-lo. O eqüino já era inservível, mas tinha boa estampa e boa marcha e facilmente encontraria comprador.

O Cândido financiou a viagem e faturou o animal por Cr$ 15.000,00. O que passasse disso seria deles. E assim para BH foram os três: eles e o cavalo. Lá chegando, aquele ambiente de festa, os pavilhões cercados de bares por todos os lados, muita música e muita... tornaram a dupla falante, prosa, eis que bons de papos eles são. Pois não é de ver que logo no primeiro dia venderam . o "puro sangue", isto é, a "tropa", por Cr$ 100.000,00, cem mil daqueles bons, antigos, antes desta desastrada era desenvolvimentista, deste "porre", desta "zonzura" emissionista que está nos deixando sem moeda.

E a exposição estava começando. A dupla, que há muito não via umas "pelegas" assim disponíveis, coçando no bolso, caçando serviço, ficou assanhada...

Então foi um Deus nos acuda: dominaram a festa e participaram das mais importantes rodas, já de botinhas e chapéus novos, adequados. Um com jeito de Tom Mix, outro de sócio, qual D. Quixote e seu fiel escudeiro.

Dez dias se passaram. A festa acabou... e o dinheiro, por solidariedade, também. E todo, todinho. Lucro e capital. O deles e o custo do ronssinante...

Tão cedo não voltaram a ser presença em Dores, o que só fizeram de mansinho, sem saber como enfrentar o Cândido pois este, quando "trepa nas tamancas", vira uma fera. Sagaz como poucos, o Cândido encontrava "coincidentemente" com um ou outro e os cumprimentava com toda polidez, indagando pela saúde, etc.

O fato é que os expositores não resistiram ao "tratamento" e deram seu jeito, honrando direitinho o negócio, num verdadeiro ato de heroísmo que o protetor agradeceu amavelmente e de tal modo que os dois saíram de sua casa falando sozinhos e tropeçando nos calcanhares.

● Para termos uma Escola Normal padrão, tivemos que engolir uma Cadeia Regional, e assim o "Ciência" nos fez um benefício e um malefício. Mas consideremos que a então vasta comarca andava bem saliente nas estatísticas criminais...

Mas dita cadeia virou notícia foi na Enciclopédia dos Municípios, onde está como Câmara Municipal, quando também o Seminário – que não mais está "seminarando" – transformou-se em Hospital Municipal.

Na mesma publicação do IBGE, que deve ter se louvado em algum gozador, existe uma vista da Praça da Escola Normal que mostra o acessório (classes anexas) e não o principal, o imponente prédio da Escola, nosso cartão de visitas. Em compensação, enquanto a Escola Técnica S. Luiz aparece duas vezes, a Matriz, a Santa Casa, o Grupo Escolar, as casas senhoriais da Praça dos Lacerda não dão o ar de sua graça...

● Coisas da gente que lidera esta nossa "United States of Dores do Indaiá City", onde por sinal não vinga turco, que já teve Tiro de Guerra, estrada de ferro, aeroclube, coreto, boiada na rua, capelinha, museu, Zezé Machado, cruz do monte, córrego de N. Senhora, higina, Curral do Conselho, fonte do povo, várzea, matadouro, Mansueto, mato da câmara, poço do Tutú e já não se pega mais pintassilgo e gaturamo-papeira atrás do morro da capelinha e só bem longe se consegue aquelas frutas silvestres mais populares como a marmelada de cachorro, o bacoparí, a mammacadela, a cagaiteira, o cajuzinho do campo. E não vemos mais o "ombudsman" Dr. Argolo ou a classe do Márcio nos seus "Schinaps".

Quanto à cadeia, recentemente foi transformada em Casa da Cultura". Oxalá. Também ela ficava na Rua Bela, o que era um contraste. Agora construíram uma menorzinha, na Rua Padre Luís, onde fica a zona.

● Observação mais curiosa fez o Neryl Correyl do Joaquim Tryl: numa casa de calçada baixa, inauguraram um mercado com nome de Calçada Alta e de um bazar de frutas que só vendia "da boa". Ora vejam!

E o Bar Boa Vista que é sem vista? Que tal? Imita o antigo arraial de Boa Vista, cuja vista foi fechada por construções em toda a sua extensão...

● Agora uma curiosidade do "Anuário de Minas": o Ribeirão dos Veados *banha* a cidade...

● E a mesma publicação promove o saudoso Nenem Jeremias a Coronel... E a gente tem que pensar que se sempre foi assim, sempre será assim.

● Caso recente é o da monografia publicada no "Minas Gerais" de 26 de maio de 1984, por onde se fica "sabendo" que a vila foi elevada a cidade em 1855... É de doer. E na relação das AUTORIDADES, não se fica sabendo quem é o Presidente da Câmara, enquanto os sobrenomes dos edis – só os deles – vêm todos abreviados.

E no "O Liberal" de 16/06/84, o primeiro sesmeiro do município, seu primeiro povoador, é brindado com um belo terceiro lugar.

E, datado de 1983, baseado em luminosas e autorizadas fontes, o IGA publica interessante mapa do município e planta da cidade, esta mantendo a tradição dos inevitáveis erros e omissões em certas áreas. Vejam aí:

– Por um milagre a praça Tenente Zacharias não veio como Abaeté; mas, para não perder o costume de alterar as coisas, botaram um érre no Zica do tenente, que ficou chamando Zacarias Zicar! Que "tar"?

– A Legião da Boa Vontade virou Região da Boa Vontade.

– Ficaram sem nome as ruas Cel. Alexandre, Irmã Inês (esta com placa de Avenida), a pracinha José Zacarias Zica, a Avenida Saudade, a Travessa Pe. Romeu.

– A rua Oiapoque, lá na Vila Nova, virou Rua Iapó... É nisto que dá misturar índio com rio.

– O texto omite a particularidade de os municípios de Córrego Danta e Luz terem integrado o de Dores.

– A tradicional Farmácia Fiúza, que o saudoso Jacinto fundou com seu vigor e graças ao seu trabalho e rigor, foi e é modelo, mantido o mesmo padrão pelo nobre e escrupuloso Mozart, que a morte levou cedo, virou farmácia Finza... o "u" ficou plantando bananeira...

– O Professor Cornélio Caetano ganha patente de Coronel, promoção aliás muito merecida, pois o Ginásio da CNEC que tem seu nome, aparece registrado assim: "Ginásio Cel. Caetano"... Só se for abreviatura de nome inventado, como por exemplo, Coronélio... Isso no mapa do município, porque na planta da cidade a sua Rua está lá rabiscada, mas sem o seu nome.

Eis agora uma caso virgem: para dar nome de logradouro a dona Osória, tiveram que rebaixar de classe uma avenida de verdade, a antiga avenida Sul, que passou a ser rua...

PORANDURAS. . .

Nosso feudo é deveras curioso no seu processo social e quem viaja e vive fora é que mais nota o fato.

De Melo Viana a Paris, via Coração de Jesus, passando pela África e por Roma, Madrid e outras capitais e grandes cidades européias, a gente observa isso.

● Vejam que certa vez correu um abaixo-assinado para tirar um delegado, que o governo atendeu prontamente e o nomeou novamente em atenção a outro abaixo-assinado firmado pelos mesmos signatários do primeiro. . .

● Mais de um sacerdote, autênticos como homens e como pecadores que também são, sucumbiram à tentação de nossas evas e, num tempo em que ainda não existia indústria automobilística, pílula e motéis, não ficaram apenas em "programas" curtos, em irresponsáveis aventuras. Assumiam a situação e deixavam a prole crescer. . .

● Já houve pulhis, destes "comprexados", dando uma de sherif e sonhando acabar com a zona. Seria divertido ver uma " 'utoridade" dessas embrenhando-se nas densas matas do prestígio de uma rua Paquequer, com seus despachos e intimações ou enfrentando muito lupanar de "respeito e tradição", muitas "zezés" e que tais, seja na Capital, em Copacabana ou na Baixada Fluminense. . .

TROPEÇOS

Desço pela primeira vez e já tarde da noite, sem luz, na rodoviária, e ao procurar o banheiro vejo logo que cheguei na terra, eis que entrei em intimidades com o mictório mais notável e original desse mundão de Deus, que já corri de cabo a rabo.

Resultado de arquitetura vinda da moita de bananeira, pois antes de tudo sugere mostrar e não esconder o que é preciso. O jeito foi fazer como o avestruz, isto é, esconder a cabeça e briquitar com a sorte para que as partes em serviço não fossem identificadas de quem seriam.

E depois dessa, numa chuvinha boa p'ra uma do Marcondes e galinhada daquelas que só sabe fazer o cidadão de respeito, "viúvo enxuto, tinindo, proprietário e "auto" funcionário federal aposentado e com família criada, em boa situação financeira", que outro não é senão a soca dos homens da raça postal dos Triste, bato à porta do Hotel Centenário – então muito modernizado: os quartos eram melhores que os apartamentos e você podia até conseguir guardar seu carro no quintal, se tivesse o dom de descobrir qual a faixa que não era privativa. . . – e aí levo um susto danado: o saudoso e admirável Lincoln, aquela escuridão no escuro, dentaduras ao molho, no repouso, substituindo a folha de parreira

por folhas de jornal, uma na frente e outra atrás, me aparece de Adão, com uma vela na mão e dando a entender que para hospedar não precisava acordar o dono, era só empurrar a porta, pegar uma chave e se acomodar. . .

Acontece que eu não queria só arranchar. Procurava um irmão, que era seu hóspede permanente e de conta-corrente. O Lincoln respondeu assim: "Venha comigo, vamos ver se ele está". E se manda pelos corredores, agachando com a vela em cada porta, com perigo de incêndio e, indagado sobre o que estava fazendo, esclareceu então o hoteleiro-delegado que onde houvesse um vomitado, ali estava quem eu procurava. Se não houvesse vômito, o hóspede ainda estava p'ra rua, o que logo se constatou. Rapidamente indicou meus aposentos e desapareceu dentro dos jornais.

O DOUTOR ESTÁ CHEGANDO

O saudoso Gustavo Faria, filho da Honorina do Sentico, foi um homem diferente, misto de conselheiro e curandeiro.

Tinha um vozeirão "deste tamanho", falava alto e grosso, sempre alegre.

Corria todo o território da redondeza e era de todos conhecido e por todos estimado, pois curava dezesseis doenças. . .

Fazia o bem sem olhar a quem. Apreciava como ninguém uma comidinha roceira. Sua chegada em qualquer lugar era motivo de alegria.

E eis que um belo dia chega à fazenda de um velho conhecido e vai logo batendo palmas e dizendo: "ôh de casa!" E mais: "o doutor está chegando. . ."

Recebido festivamente pela mulher do fazendeiro a ela pergunta com sofreguidão: "tem doente aí? O Dr. chegou".

À resposta de que estava todo mundo bem, que não havia doentes, o Gustavo exclamou melancólico: "QUE PEEENAA!"

(Contribuição do **Boulanger)**

MIGUEL DA LUZ, UM HERÓI

Em matéria de sujeito prestativo não é fácil encontrar outro do quilate do Miguel do Nhonhô Zica.

Ele só falta pagar para fazer um obséquio.

E não mede o tamanho ou escolhe tipo de favor. É o que vier. Seja para quem for.

Com aquela característica mania de apanhar caco de vidros e pregos na rua ou fazer discurso em enterro, este cristão de quatro costados, tesoureiro de sua igreja, é visto o dia todo por toda a cidade, sempre descalço.

Agora vejam o que ele fez certo dia:

Uma garotinha cai numa privada seca e funda, cheia. Que fazer? Desespero geral, desorientação da mãe aflita.

Em segundos o Miguel foi lembrado e, chamado, chegou correndo e em dois tempos entrou na fossa, do jeito que estava, mergulha e salva a criança.

Um gesto como este dignifica o ser humano, a criatura de Deus.

Orgulhemo-nos deste parente.

FORÇA E LUZ

O Sílvio do Mundinho, hoje bem situado na vida, família toda bem, na melhor, quando "caiu" pela Ceição, foi um problema para as senhoras que gostavam da novela de rádio.

Diretor Sup'rintendente Geral da Companhia Força e Luz, que se de força não tinha nada, de luz então nem se fala. A "energia" despencava lá do Funchal e vinha dar aquelas brasinhas saudosas nos postes e se dava para ligar rádio era à custa dos proibidos transformadores domésticos. . .

Mas mesmo assim era uma festa, uma alegria.

Acontece que depois que começou o namoro, a luz começou a pifar, sem mais nem menos, sem explicação que convencesse. As comadres começaram a ficar alarmadas e convocaram até a Donêta, uma das maiores acionistas da empresa, para dar um jeito na situação. Como nada desse resultado, acionaram a DIVA (Divisão de Investigação da Vida Alheia) e descobriram curiosas coincidências: os defeitos na velha usina e na transmissão só ocorriam quando a dupla de enamorados brigava.

A moça era jovem e muito bonita, sendo natural que o candidato – que era um partidão – se esforçasse para ficar senhor da afeição dela. Ficou frajola, passou a caprichar no toalete e andava numa pomada que só vendo. Quanto mais se "embeiçava", mais exigente ficava com ele e com ela, que não deixava nada sem recíproca, daí as rusgas.

Se ele bebesse ela brigava. Se ela brigava ele bebia. E quem sofria eram as aficionadas em novelas, todas também com os problemas de amor. . . lá da novela. Pois não é de ver que o "defeito" acontecia justamente naquelas noites em que esperavam ansiosas um capítulo que prometia desfecho sensacional. Porque acontecido o desentendimento, o "defeito" era automático, tranchã. Quando alguém via o sup'rintendente no bar, já avisava: hoje não tem novela. Foi aí que o clube das mulheres foi em comissão à casa da noiva e pediram a ela para aguentar as pontas e evitar atritos, suportasse com paciência os atos de um apaixonado, abreviasse o casamento. E ela, atenciosa como é próprio das Damas, e bem dotada de espírito de sacrifício, fez com que a usina jamais desse defeito. . .

CUSTODINHO TIBÚRCIO

O Tonico Caetano, homem sem veneno, mais para elogiar que criticar e sem nenhum ranço com os Tibúrcio's, arrasa com o Custodinho, qualificando-o de mau pagador à página 74 de seu livro.

Isto de devedor se esconder não tem nada de original: é fato normal, comum, corriqueiro.

Original é quando o CREDOR se esconde do devedor, que na verdade era o comportamento daquele doublé de farmacêutico e médico prático, arrumado na vida, folgado, e que tinha birra dos maus pagadores, dos quais não gostava nem de ver a cara.

Os Tibúrcio's antigos eram muito corretos, mas tinham lá suas "luas".

Acho que o Tonico confundiu as coisas, pensando mais na metrificação, ao compor a quadra.

Como fez na questão da primeira presidência da Câmara, onde embaralhou Tarcísio com Narciso, Barão com Doutor.

O AVALIADOR CABEÇA DE FOGO

Filho de músico, casou-se com filha de compositor, também músico e poeta inspirado, autor da mais tocante marcha fúnebre que conheço.

União que era assim uma espécie de sustenido com bemol, onde a esposa, nobre heroína, dançou a valsa da vida. . . orquestrada pelo maestro à base de um filho por ano.

Escapou de ser sogro para sorte da prendada moça e respeitável senhora, então princesa da casa.

Vizinho, a gente conhecia os hábitos daquele que tirava retratos dos outros e fotografava a vida alheia.

Quando ia às caçadas, quase sempre terminava amarrado numa árvore pelos companheiros, pois bebia e passava a dar tiros a torto e a direito.

Mas a melhor dele era a publicidade sobre todo e qualquer fato positivo em sua vida e entre elas destaca-se a compra de carne, lá nos açougues do Buracão.

Com paradinhas nas vendas, ele revirava os "cortes" até comprar a melhor carne. E ia logo exigindo que não embrulhasse. A mercadoria tinha que ser transportada na embira, dependurada, descoberta, à mostra.

Aí então ele partia, vitorioso, com destino à sua casa, com o troféu a vista, mas passando primeiro lá nos Lacerda, na loja do Hipólito e no famoso Pólo Norte (Rua São Paulo) e vinha pela Rua 15 afora, todo sorridente, a todos contando a história da carne, que era de uma novilha assim, assim e coisa e tal.

Neste dia era um homem realizado.

CASAMENTO EM GRUPO

O pároco que substituiu o Padre Luís, nascido em Piedade, ao pé da Serra da Moeda, chegou aqui como coadjutor, mas já com patente superior ao coadjuvado. Morenão forte, troncudo, alto, tipo físico mais próprio para boxeador e portanto desaconselhável para sacerdote, eis que o voto de castidade o maltratava seriamente. Para manter a linha, sofria como quê. Mas sustentava a nota, pois era de família de padres e da aristocracia do clero.

Vizinho dele e da igreja, testemunhava seu cotidiano. Certa vez, enfrentou um poste a cabeçadas até sangrar, que era para se martirizar e espantar maus pensamentos.

Não era um cientista social, como seu antecessor.

Com ele a pessoa era cordeiro ou lobo.

Capitoso, lia suas capítulas, mas não tinha meios-termos e por isso mesmo, sem ser capitular, capitulou em Capitólio.

Foi no seu tempo que o saudoso Tutu virou protestante. Um escândalo! E ficou fanático. E extremado era o monsenhor. Ambos puros, cristãos modelo.

Com mais o Dr. Soares para azucrinar suas idéias, monsenhor foi perdendo as estribeiras e ficava cada dia mais malcriado, perdendo ovelhas.

Foi o caso que um dia, celebrando umas bodas matrimoniais seriadas, após o serviço geral foi "acertar" com os pais e padrinhos a "conta" lá na sacristia.

E o preço foi desigual, de acordo com cada caso. E ali, na vista de todos, sem explicação, já que não era de muitos rapapés.

Como cobrou mais caro justamente de um desses "amarelinhos" de beira do Indaiá, dos que botam lencinho bordado e engomado no bolso superior do paletó e nele pregam uma verônica com um desmazelo – sinal de perigo, segundo o Guilherme, pois andam de faca até na igreja – pai de uma das noivas (daquelas antigas, garantidas, de grinalda e véu) este com toda humildade caiu na asneira de pechinchar a espórtula, dizendo ao prelado que, sendo o mais fraco, devia pagar menos e não mais. Foi o bastante para o vigário, que dava dois do indaiazeiro, pegá-lo pelos gorgomilos, ali mesmo na secretaria da igreja e levá-lo dependurado pela nave afora até a saída, onde o entregou à autoridade policial, que o prendeu por desacato. . .

O juiz, agnóstico e o escrivão também, meio lá, meio cá, vizinhos da Matriz, foram acionados e se dirigiram à cadeia, pessoalmente, e soltaram o pobre diabo a tempo de curtir a festa de casamento da filha, não sem antes colher o compromisso do ofendido de que não furaria o padre.

Nota: *O saudoso prelado foi cunhado de uma Zica, D. Efigênia, de Arcos, c.c. seu irmão Custódio.*

A POLACA

Um dos badalados feitos de Francisco Campos foi a elaboração da Constituição do Estado Novo, de 1937, feita por encomenda de Getúlio e inspirado na da Polônia cujo povo, ontem como hoje, sempre viu a coisa preta em matéria de direitos.

Instrumento caudilhesco, forte, sem rebuços, dava ao grande brasileiro condições de implantar reformas sem recorrer aos bois de presépio que eram os deputados, sem necessidade de negociar favores para que eles balançassem a cabeça nas votações.

Humanista, sonhando com governo popular, o ditador-estadista, depois de ler, elogiar e aprovar a obra, observou ao jurista um detalhe: a carta magna não se preocupava com o povo, ao que respondeu o "ciência": "O povo, Excelência, precisa é de chicote".

E realmente o pau comeu naqueles tempos. Os extremistas que o digam.

O MAU

Nele não surtia efeito água benta ou hóstia, reza brava ou despacho. Sua maldade era tal, que o tornava imune a estes humanos apelos.

Bem que pelejava para ser bom, rezava pacas, mas era mau de natureza, aquilo estava em suas entranhas.

Os padres, coitados, faziam o que era possível, tudo sem resultado. Só faltaram submetê-lo a uma sessão de exorcismo.

Entre outros, eu fui um dos que "paguei o pato" por isso. O dito cujo, um carimbamba, considerou-me por duas vezes sem capacidade para trabalhar, eu que suei a camisa para conseguir emprego, fazendo quantos concursos seu compararam quis.

E foi por isso que me mandei dos meus pagos, conseguindo ultrapassar mais esta barreira da vida, pois noutra cidade tive outro tratamento, fui aceito e admitido na Previdência com toda facilidade e boa vontade, sem embaraços motivados por interesses subalternos, sem conveniências pessoais.

Não é à-toa, pois, que o ferino Dr. Soares dizia que a mudança de nome de certa rua azarada não ia em nada melhorar a sorte de seus moradores, como de fato.

LITERATURA DOS OUTROS

O CHICO DO QUINTO

Já havia perdido a esperança de casar-se, o Chico do Quinto. Mas não perdia a vontade de ter sogra, viva ou morta.

Exulta de alegria quando é correspondido por uma pequena, que lhe faz renascer toda a esperança desaparecida. Contrata casamento, e que é da coragem de confessá-lo?

Lá um belo dia (belo para quem quer que seja, menos para o Chico), quando trata de despedir-se da noiva, pede ela que espere um pouco, para tomar café com bolo. Diz o Chico: "Então temos cafezitos com bolitos?"

Foi o bastante para que a noiva tomasse antipatia dele e lhe desse um fora solene. Despeitado, Chico passa a afirmar que não era, não é e não será noivo de ninguém. Feijão a dois mil réis não é brincadeira.

Com o Chico passava-se coisas!. . .

Dizia ele que tinha um irmão em São Paulo, já com duas lagartixas no braço, por atos de bravura.

Que fez o seu irmão? Perguntou-lhe um amigo.

"Já matou sete; três, na dúvida".

Era um grande emotivo. Deixava-se trair pelas orelhas e pelo bigode. Aquelas mexiam e estes eriçavam, à mínima emoção.

No jogo, todo o mundo sabia quando ele tinha o zapete ou outra manilha. É que as orelhas e os bigodes davam os sinais imediatamente.

Leu, certa vez, "Escrava Isaura", que o entusiasmou deveras. Dizia sempre, tocado da mais viva emoção: "ali se encontra tudo – amor, valentia e costumes sertanejos". E os seus bigodes entesavam, parecendo cabelos de escova de roupas.

Há criaturas assim, de um pitoresco insopitável à pena do cronista.

(Jacinto Guimarães *em Dores, Pitangui e Pompéu, p. 110)*

ALCUNHAS

Este rincão que meu tetravô Capitão Amaro, filho de bandeirantes paulistas, começou a povoar em 1765, sempre teve e tem um apelidório e mesmo nomes próprios temperados com arte, sendo a terra do

Do Di e do Du
Do Zá e da Zu
Do Patu
Do Pandu e do Xuxu
Do Bebé
Da Dadá, do Dedé e do Dudu
Do Tatá, do Totó, do Tatu e do Tutu
De Mãe Catu, minha tia
Do Didico e do Diquinho, dois diplomatas
Do Fio do Fio
Do Pisca
Do Tombô, do Timbó e da Timbá
Do Dolô
Do Tatão e da Tatão
Do Caixão e suas confortáveis mercadorias. . .
Do Cebola
Do Meio Tijolo
Do Chama Chuva e do Quenta Sol
Da Bela, a do Pedro
Do Pralógo
Do Caboclo e do Menino das Antas e do Pedro Caboclo
Do Vôsa com sua mansidão e fidalguia
Do Joaquim Nenen e do Nenen Jeremias
Do Juca Fubá, Juca Tudo, Juca Doutor, Juca dos Ovos
Do Cabo Quinto, hoje importante livreiro com um toró de dinheiro. . .
Do Geraldo Tenente e do divertido Capitão, muito civis por sinal

Do Antônio Tenente
Da Gaxa, da Roxa, do Racha, do Rixo e do Ruço
Da Criola
Do Boneco, do Caneco, do Bedeco e do Dedeco
Do Capoeira, Currutum e Papagaio
Do Zé do Padre
Do Tramela, que trancava
Do Pai João que criou a raça dos fredericão
Do Bico e do Zico do Bico
Do Fuméga e do Turíbulo, com suas fumaças
Da Badala
Da Purunga, da Mundunga e dos próspero Badunga
Da Chiquinha Toca e da Tuquinha
Da Zóia
Do Gó, o homem das abelhas meliponas
Do Tuá
Do Qu'éto, dos Triste e do João Triste Vida
Do Caco
Do milionário Bri, do Quidem e do Mutamba
Do caramba
Do Aprígio Porto e do Aprígio Preto, um Ribeiro ricaço e outro músico...
Do Sinhô Gomes, Sinhô Morais, Somundo, Soíco, Sôfli, Sobeco, Sostingo
Da Munduca, da Dona, Sadôna, Sajó, Sarapia, Salía, Sanica, Sazuína, S'Elvira
Do Sadok, pai da eficiente e prestimosa Mara, e cunhado torto da Marciana
Da Dona Bília, dona Pudinga, dona Bibina, dona Xicuta, d. Luzuca, dona Mazéca, dona Dêda, dona Bicota, dona Berta do Dr. Rôxo, sofrendo com a pronúncia maldosa dos outros
Dos dorenses da gema Pernambuco, Gaúcho, Voronof, Mary, O'Conel, Hiroito, Ferreti...
Do Xande (das ramonas), do Xandinho, do Xandico, Xandoca, Xandicão e Xandiquinho
Do João Criminoso, do Traíra, dos Capivara, da Perereca, dos Grilo, da Biaca, da Vaca e do Matavaca, do Zé Macaquinho, Zé Galinha, do Garrincha
Do "capadô" Passarinho, ora sem ninho
Do Chapeleta, Farolete, Mutreco e Balanção.

Mas não vamos deixar na volta de fora o Chico Folheiro e o seu honrado colega Toninho Troncho, mais o Raimundo Grosso, o João Roliço, o João Torcido e o Jerônimo Beiço Rachado, o Bazé, a Coité e a Picolé mais a Cará, a Caçá, a Xóla e a Chula, muitos deles cantados em verso pelo notável Tunico Caetano, figura humana sem par, que fazia vales pro pai do autor saciar a furiosa marcação cerrada do cabungo e intolerante galo de São Roque que era a estigmatizada jabiraca bedel da escola nos seus dias de problema com sapato

grande, quando sempre dava uma de ultriz em cima da gente, para vazar seus recalques.

E o malcriado Cego, quem não se lembra dele? Foi forte comerciante no Buracão e vendia cheirosa lingüiça a metro, daquelas de varal. Era o Prego.

Seu filho ficou sendo o Preguinho, que enxerga até atrás do morro...

Continuemos nossa lista e vamos de Juquinha Carneiro, que era José Gonçalves Ferreira, de João Azevedo que é Geraldo, de Gustavo Cota que é Alves de Carvalho, o Lino Santos, que era Vitorino, do aristocrata João da Vó (dos netos dela), ao pai do potencial Bispo dorense: Juca Salgado, pessoa de trato ameno e cujo sobrenome a gente tempera com o Rapadura e o João Doce, melhorando o paladar.

Vai também uma penada para os corretos delegados Dão e Tão e o meirinho Bodão, bem como para a tribo da Badu e dos Badurra, para Dona Colô, para a Bolô e Ritinha Puladeira, que não dava "pulinhos": pulava mesmo.

N'outros tempos o retinto tenente Galo, o Picumã, a raça dos Caxinguelê, observando que se nos apelidos não figura a paca, já tivemos o Pacão e a Pacoa e se não tem mico, tem Mica e se não teu tiú, tem e teve Tiúca.

Presente também o Galo do Campo, o Cupim, o Zé Gato, o Marimbondo e os Picapau do partido de Antoninho Caetano, avô da saudosa Tóta, o Tôco e seus primos Fofôla, Sacudo e Foguete, irmãos do gente fina Nengo. E ainda o Chororó, fogueteiro, representando o Inhambú.

E o saudoso e inteligente Chulé, que a morte levou cedo, mais o Vasinguiton, chará do Uachim de Luz, ambos com a intenção de homenagear o primeiro Presidente e libertador dos States.

Não resisto a tentação de bolir com os sugestivos apelidos e corruptelas condicionantes de seus titulares: Duvige e Virginíssimo. Não deve ser fácil carregar tal responsabilidade...

A extrovertida Rebate imperou no seu tempo com sua notável plástica e hoje é respeitável senhora e dedicada filha, cuidando de sua mãe com o maior carinho e desvelo.

Minha querida estação de Melo Viana, no seu esforço para deixar de ser "currutel" se meteu a ser Comendador Viana, nome que não deu certo e muito menos o de Serra da Saudade pois, ao pé da serra, continua no buraco, mas nem por isso deixa de ter o seu Cuíca fazendo frente ao nosso milionário Cuecão, abastado fazendeiro e financista.

Nos ostrupícios de um "emplacamento" raro ficou o abstêmio (apesar de meu parente) Brahma.

E o Józa, hoje dando uma de doutor, mais o Jôrça, grande prefeito. Hoje o vereador Zé Pequeno e ontem o político Pedro Grande, com sua fidalguia, e o Zé Cotó, esperto comerciante que com um só braço fazia mais que muitos com dois.

Na Praça da Matriz, onde custei a nascer e onde dei um trabalhão à minha mãe para me criar, pimpolhavam os Itamocí Noré, por sinal uma das famílias que por lá romanescem.

E os Pança, a Milica, a Miluca, a Miloca, o Bostéia e os Pregaiota não podem deixar de figurar neste trabalho parcial, porque para botar tudo não dá.

E o Calça Larga (pior se fosse apertadinha), o mais popular e entusiasmado chefe de executivo que já tivemos, que enfrentava o serviço braçal com os peões, é meu amigo, companheiro cenecista, e não calçou minha rua, por isso mesmo.

Se sapecaram o pejorativo de Sapolândia na sua maior obra, também não perdoaram seu sucessor, batizando de "banheira de elefante" o esguicho d'água metido à fonte luminosa que construiu na Praça do Santuário.

E antes que a esclerose isole os córtex, sapequemos lembranças dos nossos Binga, Gambá (de pecha, não de golo), o belo Zibinho e o ricaço modelo de cidadão Bizinho.

No meio da zicaiada objeto desta publicação, temos Caéca, Catatau, Pé de Cera, Pé Torto, Cola, agora com um Dr. para atrapalhar, Torró, Barão e a América Americana Secundina Brasileira.

Dentro desta miscelância, deixem-me dar umas tintas, umas tipografadas no contraparente Burrusquê, figura que se não existisse a gente tinha de mandar fazer, mesmo que fosse preciso buscar barro em Abaeté.

Do Precata, do Dr. Precata e do Precateiro
Do Onça, do Zé da Égua
Do Nem Cotia
Do Caboré
do Carapuça
Do Messias Pipa, Chico Coqueiro e Pedro Bocó
Do Ran-Ran
Do Côco e do Cocão
Do Garça, lá do Quartel
Do Traíra
Do Coruja, do Macuco e do Urubu Choco

Mas maltrataram muito foi com um certo "eletrautoísta" que opera na Praça da Matriz, pois não é de ver que o carimbaram de Gambá Maduro?

E o Wado, que vende fato, agora é Tuh!

Agora esta de ser conhecido por Capeta recomenda mal.

E temos mais o Café Americano, o Poldrinho, o Carringolô e o Polvilho, além do Colchão

Do Pão
Do João Golô
Da Augusta mais custa
Do Tica

Os Mariquinhas, gente boa, que não são maricas

O Patrício, que dizem ter sangue de Tiradentes, era o pai do meu amigo Chico, que virou Dr. Francisco e milionário.

O saudoso Quito, marido de D. Santa, que realmente era uma santa. Ele e o
Quite, bons pagadores e o Kico, que andou dando umas "kicadas"...

8.ª Parte
DOR DE MÃE



Pietá.

ÓRFÃS DE FILHOS

Não se fica órfão só de pais. Fica-se também de filho e filhos, orfandade parcial quando se tem outros, ou completa quando morrem todos antes dos pais. Em que pese tratar-se de afirmação singular, com certa dose estrambótica, é um fato e só quem passa pela dor é capaz de avaliar a situação.

As mães então são as que mais padecem e por isso vai aqui nossa homenagem a todas e particularmente àquelas de quem conhecemos o fato.

Comecemos por Eva, a primeira mulher e primeira mãe que padeceu a inexedível dor da perda do filho Abel, com a agravante de ter sido morto pelo irmão Caim.

MARIA, cujo nome já significa dor e amargura, sem o consolo do marido, também passou pelo rude golpe e ficou sendo a Divina Mártir, em quem as nossas órfãs se apóiam e nela hão de encontrar abrigo de colega, elas cujos corações choram, e a alma sangra pela vida afora. O sofrimento de MARIA foi muito forte, pois o fato de perder filho é coisa de enlouquecer, ainda mais quando torturado, física ou psicologicamente, social ou profissionalmente, seja na polícia, em acidente, em hospital ou na cruz. Nossa Senhora merece todo o nosso carinho, pois afinal é companheira de tantas mães que passaram por tal pedaço. E não é à-toa que vez por outra ela dá um "chego" aqui na terra, seja em Lourdes, seja em Fátima (e dizem que recentemente tem aparecido na Iugoslávia), que é para animar e confortar os sofredores. Mais vezes há de vir.

Se ela perdeu Jesus, suas xarás pecadoras devem se consolar no seu exemplo, pois a dor é demais e que o digam as que estão vivas, pois muitas das que conhecemos já estão juntas com os filhos que as anteciparam.

Eis as que conhecemos:

Dona Maria I, Rainha de Portugal, que perdeu dois filhos e enlouqueceu.

Sá Maria do Fredericão que perdeu dois Josés, um primogênito e o outro caçula, ambos em circunstâncias trágicas.

Sá Maria do Solí, que perdeu o Marinho de forma triste.

Sá Maria do Godofredo, que ficou sem a Vera, ainda adolescente.

Dona Maria Lina, que perdeu a Nilsa e agora também a Mariinha.

Maria Lacerda, mãe do Juca dos Ovos, que perdeu a Policena.

Mariinha do Zé Lacerda, que perdeu tragicamente a filha Berenice.

Minha tia Lília, que também é Maria, perdendo a impúbere Joana e o Zezé.

Maria Greco, que perdeu o Humberto, colega de Tiro e ginásio.

Maricota do Fredericão, a bondade em pessoa, até hoje chorando seu Assis.

Mariinha do Quidem, rindo por fora e chorando por dentro a perda da Arilma.

Maria do Toca sem o seu Francisco Stocler Lemos Ribeiro, que se foi com 14 anos.

Maria Joana do Inhonhô Zica, perdendo o Vicente.

Maria do João Inácio, que ficou sem o Vandinho, modelo de gente.

Dona Milia, que é Maria Augusta Souza de Assis Rocha, viva e forte, perdeu 5 entes queridos, 4 filhos e um genro: Geraldo, Francisco de Assis, Beatriz, Estanislau, em acidente de avião e carro e só o Tarciso de morte natural.

Marieta Rios perdendo a Maria.

Marieta do Pedro Lopes ficou triste o resto da vida, quando mataram sua Ebe (Bibi).

A De Lourdes do Cruz, mãe extremamente amorosa, como lutou para não perder o inteligente Gilberto.

Maria Rita do Tonico Caetano ficou sem a Teresinha, que deve estar no céu com sua xará.

Minha prima Dorinha Fidelis, cujo filho Ivan desistiu da vida.

Mariinha do Pedro França sofreu muito com a morte do Orlando.

A Nega do Jair Costa, que já tinha perdido um filho em Bom Despacho, sofreu com sua cunhada Jarina, mãe de criação, a perda do José Maurício em pavoroso desastre de avião.

A Fia do Damas, o seu Dr. Carlos, em acidente na ponte dos Patos.

A Edith do Totonho do Hipólito perdendo sua Moema.

A Princesa Isabel adoeceu com a perda do filho D. Luiz e veio a falecer.

A Rita do Zé de Almeida sofreu o duro golpe da perda da Mariinha (1.ª), morta por faísca elétrica, do Antônio matando-se e ainda sobreviveu ao Du, meu particular amigo.

Minha tia Joaninha do Walter Alemão, de grande sentimento, falou até morrer na morte de suas idolatradas filhas Marta e Carmita.

Outra Joaninha, a do Mundinho Soares, que perdeu o Tupi.

Como também a Naninha Soares, padeceu a morte do Zico, que enfarou da vida.

Leonor Correia, mãe do meu grande amigo Vicente, flor da família, que um apendicite levou.

Afra, minha sofrida mãe, perdeu a Geralda que era uma gracinha de criança, e meu pai ficou meio maluco. Perdeu, ainda recém-nascidos, o Eliseu, Sílvio e Silvério.

Clarice, minha mulher, comigo de lado, ela forte e eu nem por isso, até hoje sentindo o martirizado filho condenado, morrendo com 26 anos, 3 após sua formatura. Seu nome era Teófilo, que nunca gostou.

Minha tia Teresa do Chico Lemos, perdendo dois filhos de forma brutal: O Toca e o Zizinho. Na ocasião ficou até desregulada da cabeça.

A Altina do Márcio perdendo o Xande, sempre lembrado.

A Andina do Aprígio, mãe extremosa do Ofli, que deu fim à vida.

A Sá Aurora do Joaquim do Porto sofreu o suicídio do Joaquim Marcos de Queiroz, seu filho dileto, que estourou os miolos no enterro de sua avó (e minha tia-avó) Candinha, da Fazenda dos Porcos.

A Laura Soares, ficando sem o Cláudio, minha alma irmã, fervoroso cristão, que morreu vitimado por cochilo médico.

A minha vó Joana, brava como ela só, perdendo o Joaquim, assassinado.

A Naninha do Adão (e do Cornélio) perdendo o Amado.

A Sarapia, o mordaz Geraldo, venenoso como ele só.

A Anita do Toninho Generoso, perdendo seu Tonho, levado pelas águas.

Jacira do Jó, minha prima, que viu seu primogênito Braga, que era José, morrer no dia dos seus 17 anos, na hora de cortar o bolo.

A Gabina Barbosa perdeu o mais velho, o Zé Triste.

A Siá Antônia do Firmino Pinto perdendo o Clodoveu.

A Juventina do Pedro Pacífico, como deve ter sentido a morte da Fidência.

A Ana Beltrão perdeu a Criola.

A Zoé Beltrão Soares, de quem muito me orgulho ser parente, ficou até passada quando a Helena morreu daquele jeito, revoltada com a vida.

E a Sinhazinha, como sofreu com a partida de Pedro Rogério para o céu.

A Aurora Correia perdendo a Marisa.

A Isaura do Ingué ficou sem o Aldair, esta preciosidade de cidadão, meu companheiro da escola de música do Irací do Gustavo Cota.

E a vó Tunica cujo filho, o Marcílio, sumiu de uma vez?

Já a Eugênia, também pudera, morreu com 121 anos, perdeu o João Beltrão, fruto de seus amores com Tiradentes e que morreu envenenado.

A Natália do Nado, a quem Deus consola a perda do seu primeiro Roberto.

Drs. Neide e Adalberto, coronel e doutor, conseguindo contatos com seu filho Ivo, que um acidente levou com apenas 18 anos.

A Dona Hilda do João Vieira, aniquilados com o suicídio do Silvério, na flor dos 20 anos.

Sua xará, a Hilda do Orozimbo, ficando sem o Amilton.

Terezilda, mãe biológica, sofrendo o drama e a tragédia do desesperado enforcamento do filho de suas entranhas e suicídio da mãe de criação, a tresloucada Luisa do Abílio, que matou-se e ao Eliardo, menino de 5 anos, para dele não se separar.

Como faz falta um Rei Salomão nessas horas. . .

A Nega do Marico Carneiro, perdendo cedo o Marinho.

A Zefina do Aprígio Preto vendo o brioso e desesperado Anatólio por fim na vida.

Minha ex-colega Letícia perdendo o Heitor, abatido na porta do Pronto-socorro.

A Flavina do Procópio perdendo o Juquinha de tiro disparado.

A Chiquinha do Joviano sofrendo com o acidente que levou, tempos depois, o Hudson, que fez o Tiro de Guerra com a gente.

A Norina do Ingué, forte como ela só, sobrevivendo ao Pedro Barbosa.

A Aleluia perdeu a Iolanda.

Outra Hilda, penou com a morte da Lia.

Dona Celeste, uma Zica Tiradentes, o Artur com 14 anos e depois a criança Reni.

A Elzira do Jorge, sua primeira Rosalli.

A Keca da Miada, o Rodrigo.

A Nair do José Beltrão, vendo o Arnaldo, o amigo de todos, imitar o pai e fazendo gesto tresloucado como o Assis da Maricota. Incrível.

E a Dona Zilda, perdendo em acidente o seu Edgard, que era Genivaldo.

Dona Genoveva perdendo de forma trágica seus mais nobres filhos: o Oswaldo ao procurar salvar companheiro de pescaria, morreu afogado; o Dirceu, atirado, pediu que não se processasse o autor do disparo. E ainda sofrendo a morte prematura de Aida.

São dois exemplos que a memória dorense deve guardar.

Dona Luzia, professora, perdendo de forma esquisita sua colega e filha Jannett.

A Laurita e o João do Marcondes, sentimentais como que, perdendo o Jano assim sem mais nem menos. Quanta dor.

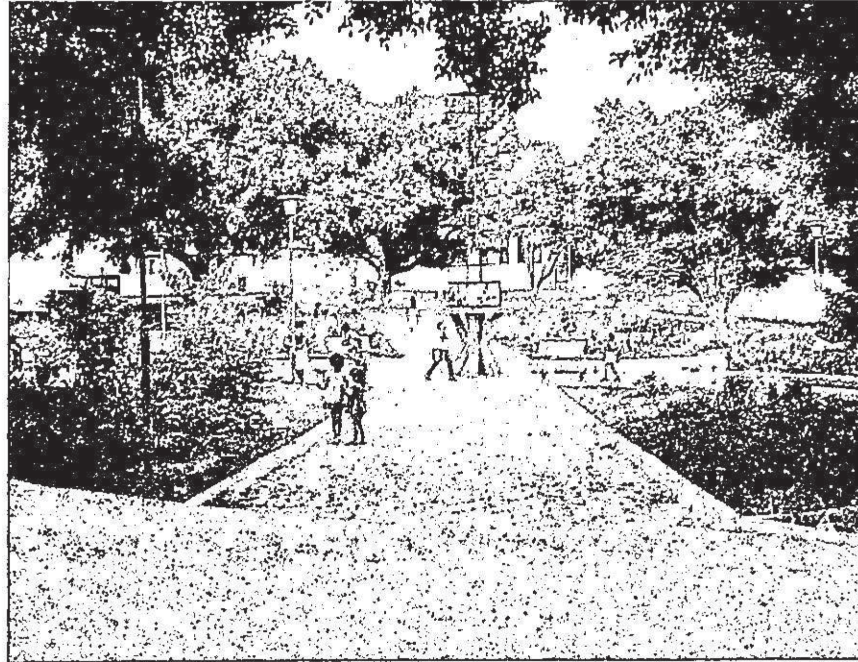
Minha nobre parenta Alice da Samaria do Rafael, vendo sua Mariinha ir-se para o céu, com apenas 19 anos.

A Chicuta, o alegre e amigo Waldir, enterrado com todas as honras lá em Vitória.

A Conceição do Emídio, que perdeu o Marcelo.

A Ritinha Maineti ficou sem dois filhos: Amauri e Solange.

9.ª Parte
GUERRA DO PARAGUAI



Praça Tenente Zacharias

GUARDA NACIONAL

O Brasil foi mexer com o bigode da onça, que era o Paraguai, e deu no que deu: uma guerra das grandes, para a qual não estava preparado, escorado legalmente apenas em sua Constituição Política de 25.03.1824, que dizia no Título V, Capítulo VIII, Art. 145:

"Todos os brasileiros são obrigados a pegar em armas para sustentar a independência e integridade do Império e defendê-lo dos seus inimigos externos e internos".

Contava ainda com a frágil Guarda Nacional, criada em 18.08.1831 e que rezava em seu Artigo 1.º:

"As Guardas Nacionais são criadas para defender a Constituição, a Liberdade, independência e integridade do Império; para manter a obediência às Leis, conservar ou restabelecer a ordem, e a tranquilidade pública; e auxiliar o exército de linha na defesa das fronteiras e costas".

No Art. 3.º definia que seriam organizadas por municípios e no Art. 5.º revelava seu espírito civilista, quase copiando a doutrina do senado do povo romano. Eis o texto: "Serão subordinadas aos Juízes de Paz, Juízes Criminais, aos Presidentes da Província e ao Ministro da Justiça".

Era assim o Art. 9.º: "Os GN ficam isentos do recrutamento para o Exército de Linha, salvo. . ." E o Art. 10.º, definindo a Obrigação do Serviço: "Serão alistados os cidadãos que têm voto nas eleições primárias, que tenham de 21 anos de idade até 60". Nota: na Reorganização, em 1850, a idade mínima foi reduzida para 18 anos e falou ainda, no novo Art. 9.º o seguinte: "Serão alistados os que tiverem renda para votar nas eleições primárias".

Observa-se que o sistema era ao contrário do de hoje: atualmente não se pode trabalhar ou estabelecer, isto é, ter renda, sem ser reservista. Não se chega a eleitor sem antes cumprir o dever militar. Já antigamente, para integrar a Guarda Nacional, para ser alistado, tinha que primeiro ser eleitor e para ser eleitor, tinha-se que primeiro ter renda. . . Treta seletiva.

Quando estourou a guerra, devia ter muito sabidinho que, por não ter renda não era eleitor e, por não ser eleitor, não podia ser alistado e assim foi fácil tomar aquela atitude de "mato ou morro", que não significava os verbos na 1.ª pessoa.

O jeito foi mesmo, para os que não quiseram ser Voluntários da Pátria, o governo adotar o sistema do "voluntário" de canga, ou de corda, pego a laço e virado assim "reculuta" compulsório. De acordo com a Constituição. Sem precisar ser filho de família, ter renda, ser eleitor ou ser liberto. Era hora do "pega pra capar". Nada de elitismos, bons só em tempo de maré mansa.

OUTRAS PARTICULARIDADES DA GUARDA NACIONAL

● Organizadas por municípios em Batalhões de 6 a 8 companhias e Regimento de 2 a 4 esquadrões.

● Oficiais até capitão nomeados pelo Presidente da Província, por proposta dos chefes de corpos.

● Os comandantes eram indicados pelo Presidente da Província e nomeados pelo Ministro da Justiça.

● Sujeitava-se ao serviço de recrutamento os brasileiros solteiros, livres ou libertos, de 18 a 35 anos, desde que fossem filhos de família e com renda para serem eleitores. . . (Nesta nova redação vê-se que a idade máxima foi reduzida para 35 anos).

O serviço normal consistia em:
– destacamento dentro ou fora do município e
– nos corpos destacados para auxiliar o exército de 1.ª linha.

Era obrigatório e pessoal mas. . . tinha o item "SALVO AS EXCEÇÕES DA LEI", que abrigava confortáveis dispensas dos:
deputados estaduais;
juízes;
promotores;
professores;
estudantes de curso superior;
empregados do correio;
funcionários públicos;
grandes fazendeiros e seus vaqueiros e capatazes e até o número de três;
caixeiros de casa comercial;

● Decreto n.º 13.040 de 29.05.1918, incorporou a Guarda Nacional ao Exército, como 2.ª linha (reserva), dissolvendo as unidades, comandos e serviços.

● As patentes foram mantidas e se extinguiram pela morte de seus titulares.

● Dores, vila e município no final de 1880, não chegou a ter o seu batalhão. Apenas uma seção de companhia que fazia evoluções na praça S. Sebastião.

● A unidade de Pitangui e Dores tinha o n.º 92 e era comandada pelo Ten. Cel. Antônio Zacharias Álvares da Silva.

RETRATO DE UMA ÉPOCA

O texto dos quatro ofícios adiante dão uma idéia do estado de espírito que reinava na ocasião da guerra:

"Illm e Exm. Sr.: Pelo correio que com dias de atraso acaba de chegar, tive a honra de receber a portaria de V. Ex., de 27 do mez próximo passado, ordenando que faça aquartelar e marchar para a capital do império, até o dia 15 deste mez, o 15.º batalhão da guarda nacional.

No mesmo momento dei as ordens precisas ao chefe d'aquelle corpo, ordenando terminantemente, que na manhã d'aquelle dia, estivesse o batalhão reunido no lugar de sua parada, onde seria por mim revistado, afim de seguir seu destino.

Nenhuma esperança nutro de que se obtenha resultado algum; o praso é pequeno; o terror que ha, a repugnancia em geral da guarda nacional para o serviço de guerra, a insubordinação mesmo, são causas que ainda mais uma vez farão abortar esta medida.

Deus guarde a V. Ex.".

Quartel do commando superior da guarda nacional de Pitangui, na Fazenda dos Guardas, 9 de janeiro, 1867.

Illm. e Exm. Sr. Dr. presidente da provincia de Minas Geraes, *José Luiz Álvares da Silva*.

"Illm. Exm. Sr.: Entrando hoje no goso da licença que me foi concedida, passo o commando ao chefe do estado maior, tenente coronel Francisco Gabriel da Cunha e Castro.

Em relação às designações nada pude conseguir, ou pelo terror, que se tem espalhado, ou pela indiferença, com que muitos se portam, ou finalmente, pela má vontade, que, com rarissimas excepções, tem manifestado os officiaes da guarda nacional.

Sentindo confessar isto, sinceramente desejo, que o oficial que me vai substituir consiga o que não pude alcançar, apezar dos esforços, que nesse sentido debalde empreguei.

Deus guarde á V. Ex.".

Quartel do commando superior da guarda nacional de Pitangui, Fazenda dos Guardas, 1 de fevereiro de 1867.

Illm. Exm. Sr. conselheiro presidente da provincia de Minas Geraes, *José Luiz Álvares da Silva*.

"Illm. e Exm. Sr.: Julgo de meu dever communicar a V. Ex., que até hoje, não se aquartelou guarda nacional algum dos designados no 12.º, 13.º, 14.º e 15.º batalhões, á excepção de José Alves Francisco, do 12.º batalhão, a respeito de cujo destino V. Ex. ordenará o que devo fazer, visto como nenhuma esperança tenha de obter-se a reunião dos designados, para cuja prisão, baldadas têm sido as energicas providencias por mim tomadas.

Fiz sahir os capitães da 1.ª e 2.ª companhias, escoltados, para effectuar a prisão d'aquelles, como já expuz a V. Ex., e qual o resultado, verá V. Ex. do officio que por copia este acompanha.

Ordenei igualmente ao capitão da 1.ª companhia do 13.º batalhão e ao da 3.ª do 15.º, para fazerem prender aos designados n'aquelles batalhões, mas creio que o resultado será nenhum, attenta a desmoralisação da guarda nacional.

O designado Francisco Rodrigues da Silva, que se havia apresentado, e aquartelado, desertou no dia 5 do corrente mez, contra o qual terminantes ordens foram expedidas.

Embora, pense a respeito do batalhão n.º 92, como a respeito dos de mais acerca do aquartelamento, todavia, attenta a distancia de sua parada a esta cidade e das de companhias a aquella, não tendo ainda recebido participação do chefe, a aguardo para então prestar a V. Ex. precisa informação.

Deus guarde a V. Ex.".

Quartel do commando superior da guarda nacional em Pitangui, 13 de dezembro de 1866.

Illm. e Exm. Sr. presidente da província de Minas Geraes, *José Luiz Álvares da Silva*.

"Illm. e Exm. Sr.: Ordenou-me V. Ex., em data de 27 de dezembro passado, que com brevidade e circunstanciadamente informa, quaes os officiaes deste commando superior, que não têm querido prestar-se ao serviço delles exigido, nesta emergência.

Em resposta informo a V. Ex. que ostensivamente ninguem se tem negado ao serviço, embora tambem *ninguem rigorosamente tenha cumprido seus deveres*, á vista da magnitude da questão, e a importancia delles para o soldado e cidadão.

Deus guarde a V. Ex.".

Quartel do commando superior da guarda nacional de Pitangui, 12 de janeiro de 1867.

Illm. e Exm. Sr. presidente da provincia de Minas Geraes, *José Luiz Álvares da Silva.*

A CRIAÇÃO DOS VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA
Decreto n.º 3371, de 7 de janeiro de 1865

Cria corpos para o serviço de guerra, em circunstâncias extraordinárias, com a denominação de VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA, estabelece condições e fixa as vantagens que lhes ficam competindo.

Atendendo às graves e extraordinárias circunstâncias em que acha o país, e à urgente e indeclinável necessidade de tomar, na ausência do Corpo Legislativo, todas as providências para a sustentação, no exterior, da honra e integridade do Império, e tendo ouvido o meu Conselho de Ministros, hei por bem decretar:

Art. 1.º – São criados extraordinariamente corpos para o serviço de guerra, compostos de todos os cidadãos maiores de dezoito e menores de cincoenta anos, que voluntariamente se quizerem alistar, sob as condições e vantagens abaixo declaradas.

Art. 2.º – Os voluntários que não forem guardas nacionais, terão, além do soldo que percebem os voluntários do Exército, mais 300 rs. diários e a gratificação de 300$000 quando derem baixa, e um prazo de terras de 22.500 braças quadradas nas colônias militares ou agrícolas.

Art. 3.º – Os guardas nacionais, praças de pré, que se apresentarem, serão alistados na 1.ª linha com as mesmas vantagens do art. 2.º, passando nos postos que tiveram nos corpos da mesma guarda a que pertencerem.

Art. 4.º – Os voluntários compreendidos nos artigos anteriores terão baixa logo que for declarada a paz, dando-se-lhes imediatamente passagem para onde a solicitarem, no caso que tenham de se transferir por mar.

Art. 5.º – As baixas não dependerão de ordem do Governo, ficando os comandantes dos respectivos corpos autorizados a dá-las, logo que forem reclamadas pelos indivíduos que tiverem direito.

Art. 6.º – Os voluntários terão todas as regalias, direitos e privilégios dos praças do Exército para serem reconhecidos cadetes ou particulares, sem que por isso percam vantagens do art. 2.º, e possam ser promovidos a oficiais quando se distinguirem.

Os que tiverem direito a ser reconhecidos Cadetes ou particulares poderão usar logo dos respectivos distintivos até se proceder aos conselhos de direção e averiguação, quando o quartel-general o faculte, ficando dispensados da apresentação de escritura de alimentos.

Art. 7.º – Aqueles que desistirem da baixa, depois de feita a paz, e continuarem a servir por mais três anos, receberão, além das outras vantagens, trezentos mil réis, sendo cem mil réis nesse ato, e o resto no fim dos três anos.

Art. 8.º – Os voluntários de que tratam os art. 2.º e 3.º ficarão isentos do serviço do Exército e da Marinha, assim como do serviço ativo da Guarda Nacional, quando não se queiram prestar voluntariamente. Os do art. 3.º, quando se prestem, terão preferência na promoção aos postos de oficiais, em igualdade de circunstâncias com outros.

Art. 9.º – Os voluntários terão direito aos empregos públicos, de preferência, em igualdade de habilitações, a quaisquer outros indivíduos.

Art. 10.º – As famílias dos voluntários que falecerem no campo de batalha ou em conseqüência de ferimentos recebidos nela, terão direito à pensão de meio soldo, conforme se acha estabelecido para os oficiais e praças do Exército. Os que ficarem inutilizados por ferimentos recebidos em combate, perceberão, durante a sua vida, soldo dobrado de voluntário.

Art. 11.º – Todos os voluntários de que trata este decreto trarão no braço esquerdo um chapa de metal amarelo com a Coroa Imperial, tendo em baixo as seguintes palavras: *Voluntários da Pátria*, da qual poderão usar mesmo depois da baixa.

Art. 12.º – O Governo concederá, em atenção aos serviços RELEVANTES prestados pelos ditos voluntários, graduações de *oficiais* honorários do exército e solicitará ao Corpo Legislativo autorização para conceder-lhes vitaliciamente o soldo por inteiro, ou em parte correspondente aos seus postos.

Art. 13.º – As praças dos corpos policiais do Império, e os indivíduos que já tiverem obtido baixa desses corpos e dos de 1.ª linha, terão todas as vantagens concedidas aos voluntários guardas nacionais.

Art. 14.º – Gozarão de todas estas vantagens aqueles que na Corte e Província do Rio de Janeiro se apresentarem dentro do prazo de sessenta dias, nas províncias mais próximas de três, e nas mais remotas de quatro meses, contados da data da publicação deste decreto, nas respectivas capitais; os guardas nacionais aos comandantes superiores, e, onde não houver, aos comandantes dos corpos, e os voluntários às autoridades que o Governo designar.

Art. 15.º – Ficam provisoriamente revogadas as disposições em contrário. Os meus Ministros e Secretários de Estado dos Negócios das diversas repartições, assim o tenham entendido e façam executar. Palácio do Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1865, 44.ª da Independência e do Império. Com a rubrica de Sua Majestade, o Imperador. *Francisco José Furtado, José Liberato Barroso, Carlos Carneiro de Campos, João Pedro Dias Vieira, Henrique de Beaurepaire Rohan, Francisco Xavier Pinto Lima, Jesuino Marcondes de Oliveira e Sá.*

GUERRA DO PARAGUAI – VOLUNTÁRIOS E INVOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA DA REGIÃO DE PITANGUI

	Origem Fonte	Residência ou naturalidade	Destino	Folha de serviços/ Observações
1. Antônio Gonçalves dos Reis	3.º dos 52 de	Pitangui	Corte	
2. Antônio José Corrêa	Guarda Nacional	Bom Despacho		35.º dos 52 de Pitangui
3. Antônio José Patrício	Guarda Nacional	Bom Despacho		34.º dos 52 de Pitangui
4. Antônio Luiz Fagundes	20.º dos 52 de	Pitangui		20.º dos 52 de Pitangui
5. Antônio Rodrigues de Souza	5.º dos 52	Martinho Campos		
6. Antônio da Silva Barbosa	1.º dos 52 de	Pitangui		
7. Antônio Silvério Dantas Pinto (r?)	52.º dos 52 de	Pitangui		
8. Antônio Silvério da Fonseca	2.º dos 52 de	Pitangui		
9. Bento Ferreira (ou Pereira) de Souza				
10. Bráz Xavier da Silva	Guarda Nacional	Bom Despacho		36.º dos 52 de Pitangui
11. Claudino José da Silva	19.º dos 52 de	Pitangui	Corte	19.º dos 52 de Pitangui
12. Domingos Martins da Silva	Guarda Nacional	Bom Despacho		37.º dos 52 de Pitangui
13. Estácio José da Silva	Guarda Nacional	Bom Despacho		38.º dos 52 de Pitangui
Faustino: Ver José Faustino				
14. Fidélis Cláudio Maciel	12.º dos 52 de	Pitangui		12.º dos 52 de Pitangui
15. Florêncio José de Andrade	Guarda Nacional	Bom Despacho		Prisioneiro, teve a língua cortada pelo inimigo. Namorada de nome Margarida. Revista *Acaiaca*, n.º 72 – 44.º dos 52 de Pitangui.
16. Fortunato José Gonçalves	Guarda Nacional	Bom Despacho		43.º dos 52 de Pitangui
17. Francelino José Gonçalves	Guarda Nacional	Bom Despacho	Corte	Ferido em Curuzu, juntamente com Zacharias. 42.º.

18. Francisco Agostinho dos Santos	Guarda Nacional	Dores do Indaiá		Vulgo Chico Paraguai
19. Francisco Alves Salgado		Dores do Indaiá		
20. Francisco Antônio de Araújo				Recruta que esteve preso em Dores do Indaiá.
21. Francisco Antônio da Silva	Guarda Nacional	Bom Despacho		45.º dos 52 de Pitangui
22. Francisco de Assis Pereira da Fonseca	17.º dos 52 de	Pitangui	Corte	
23. Francisco Ferreira da Silva	21.º dos 52 de	Pitangui		
24. Francisco Gomes da Conceição	11.º dos 52 de	Ouro Preto		
25. Francisco José Barbosa		Abaeté		Natural de Curvelo
26. Francisco Marinho	13.º dos 52 de	Pitangui		
27. Francisco Moreira da Silva	Guarda Nacional	Bom Despacho		39.º dos 52 de Pitangui
28. Francisco de Paula	41 dos 52 de	Pitangui	Corte	
29. Francisco Pomba			Corte	Eccos, pág. 27
30. Francisco Rodrigues da Silva		Abaeté		Natural de Dores do Indaiá. Desertou.
31. Francisco da Silva Dantas	40.º dos 52 de	Pitangui		
32. Gabriel José Soares				Desertor que esteve preso em Dores.
33. Guilherme da Silva Capanema ou Guilherme Ildefonso	22.º dos 52 de	Pitangui		
34. Herculano Xavier Rabello	23.º dos 52 de	Pitangui	Corte	Dispensado
35. Ignácio Joaquim Bahia da Cunha	16.º dos 52 de	Pitangui		Adoeceu e voltou do caminho. Sargento. Irmão de José Bahia da Rocha.
36. Isaías Gonçalves de Sousa				
37. Ivo José Ribeiro Caldas		Araxá		Natural de Dores do Indaiá
38. Jacintho Pereira Guimarães	18.º dos 52 de	Pitangui	Corte	Voltou como alferes. Patente no Museu de Pitangui.
39. Jacintho Pereira da Silva	6.º dos 52 de	Maravilhas	Corte	
40. Jerônimo Rodrigues Lima		Abaeté		Natural de Dores do Indaiá

41. João [illegible] de Freitas Mourão	25.º dos 52 de	Pitangui	Corte	Deixou filhos
42. João Soares de Freitas Mourão	24.º dos 52 de	Pitangui		
43. João dos Santos Mascarenhas	27.º dos 52 de	Pitangui		
44. João José Patrício	28.º G. Nacional	Bom Despacho		
45. João José de Sousa	33.º dos 52 de	Pitangui		
46. Joaquim José Ferreira	Guarda Nacional	Bom Despacho		31.º dos 52 de Pitangui
47. Joaquim Pereira de Castro (ou Costa)	Guarda Nacional	Bom Despacho		32.º dos 52 de Pitangui
48. José Agostinho Pereira	Guarda Nacional	Bom Despacho		29.º dos 52 de Pitangui
49. José Alves Faustino, ou Francisco	do 12.º Btl GN			Apresentou-se ao ser convocado.
50. José Antônio de Brito		Abaeté		Natural de São Paulo
51. José Bahia da Rocha, Sargento	15.º dos 52 de	Pitangui	Corte	Chegou ao Rio como Alferes. Ficou adido ao 9.º batalhão
52. José Bernardino Fernandes Gama	9.º dos 52 de	Pitangui	Corte	
53. José Faustino Rodrigues ZICA (meio irmão de Zacharias R. Zica)	4.º dos 52 de	Pitangui		Depois foi oficial de justiça em Abaeté
54. José Ferreira Rattes	26.º dos 52 de	Pitangui	Corte	Depois foi oficial de justiça em Abaeté e vereador em Abaeté
55. José da Silva Gomes (ou Guerra)	Guarda Nacional	Bom Despacho		30.º dos 52 de Pitangui
56. José de Sousa Peixoto	Extra	Pitangui		
57. Ludovino Gonçalves Pinto	8.º dos 52 de	Maravilhas		
58. Manoel Ferreira Coelho	Guarda Nacional	Bom Despacho		48.º dos 52 de Pitangui
59. Manoel Gonçalves dos Santos ou Manoel Gomes dos Santos	7.º dos 52 de	Perdigão		
60. Manoel José Pereira		Abaeté		Natural de Pitangui
61. Manoel José da Silva	47.º dos 52 de		Corte	
62. Manoel Ricardo Fernandes (ou Guimarães)	46.º dos 52		Corte	
63. Marcelino Pedro Abade	49.º dos 52	Abaeté		Sentinela, companheiro de Florêncio. Conseguiu fugir. Voltou e

				foi vereador e fazendeiro. Fazenda Bandeira.
64. Moysés Antônio Pereira da Silva	10.º dos 52	Conceição do Pará	Corte	
65. Olímpio José da Silva	50.º dos 52		Corte	
66. Sebastião Alves Coelho	Guarda Nacional	Bom Despacho		51.º dos 52
67. Secundo José Morais		Abaeté		Natural de Pará de Minas.
68. Theóphilo Martins Ferreira	14.º dos 52	Guaicuí		
69. Timóteo Lopes da Silva		Abaeté		Natural de Dores do Indaiá
70. Valeriano Carvalho da Silva				
71. Zacharias Rodrigues ZICA, meio irmão de José Faustino Rodrigues ZICA Furriel reformado foi, em virtude de apostila lançada em sua provisão de reforma, feita pelo Supremo Tribunal Militar, mandado considerar como reformado no posto de 2.º tenente (Arquivo Geral do Exército, Diretoria de Fundos: Assentamentos individuais. Livros 486 e 489, fls. 173 e 175, janeiro, 911). Esteve engajado de fevereiro/1865 a 21 de julho de 1869. De Ouro Preto seguiu junto a 2.ª expedição de mineiros a 18 de julho, chegando ao Rio em 6 de agosto (684 homens, com oficiais), onde foram recebidos festivamente. Seguiram para o Rio Grande do Sul a 13 de agosto de 1865. Estiveram acampados em São Carlos, nas missões correntinas e estacionados em Passo da Pátria. Regressou como 49.º Corpo de Voluntários, mas junto com o 17.º Corpo de Vonluntários, unidade esta que mereceu, com exclusividade, todas as honras do povo mineiro, o que tem constituído grave injustiça..		Natural Pitangui Residência: Dores do Indaiá	Corte	Foi um dos 506 homens que integraram o 18.º Corpo de Voluntários da Pátria, unidade que depois passou a ser o 49.º dito. Foi um dos 96 combatentes feridos (houve 17 mortos) na tomada do Forte de Curuzú, a 3 de setembro de 1866, sob o comando de Antônio Martins do Amorim Rangel. O batalhão formou a 1.ª linha de frente e avançou sobre a linha direita da trincheira inimiga, a marche marche, debaixo de fogo, e assaltou a trincheira, penetrando nela, conduzindo-se todos com a maior intrepidez. Os voluntários do 18.º foram os que primeiro escalaram o entrincheiramento inimigo, arrearam do parapeito a bandeira paraguaia e lá hastearam a nossa..."

A SAGA DO 18.º CORPO DE VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA

1865:

27/04 Data do aviso que dava número ao Corpo.
10/05 Chega à Corte notícias dando conta dos preparativos em Ouro Preto para a partida com destino ao Rio de Janeiro.
03/06 Publicação da Ordem do Dia n.º 450, numerando a unidade.
16/07 Benção da Bandeira na Igreja de São Francisco de Assis, Ouro Preto.
18/07 4.ª Feira – Partida para a Corte, às 10 horas, da Praça Principal, discursando o Sr. Penido Jr.
30/07 Chegada a Juiz de Fora, aquartelado na estação da Cia. União e Indústria.
02/08 O *Jornal do Comércio* dá notícia da viagem.
A colônia mineira do Rio foi esperar o Batalhão na Raiz da Serra de Petrópolis, com discursos e festas. Logo depois desfile pela cidade.
Três léguas adiante, pousam no Capão da Alegria.
06/08 Parte de Mauá em 4 vapores e chega ao arsenal de Marinha às 14 horas.
Contingente recebido festivamente na corte e no cais entrou em forma e desfilou pelas ruas Direita, Ouvidor, Campo da Constituição, Rua dos Ciganos, até o Campo da Aclamação, onde aquartelou.
13/08 Às 7:30 horas apresentou-se no Arsenal de Marinha, embarcando para Santa Catarina no vapor Oiapoque ao som do hino "Os Voluntários Mineiros", de José Martins de Santa Rosa, executado pela banda do arsenal. Presença dos ministros militares. O vapor largou às 10 horas.
14/08 O *Jornal do Comércio* dá notícia do embarque.
15/08 Chegou a Desterro (Florianópolis).
Chegada a Uruguaiana.
30/09 O Ministro da Guerra manda marchar para São Borja.
Ordem para invadir o Paraguai pela Província de Encarnación, com deslocamento até a fronteira norte da província argentina de Corrientes, na direção de Candelária.

1866

01/01 O Visconde de Porto Alegre organizou o seu 2.º Exército pela Ordem do Dia n.º 50, ficando o 18.º incluído na Brigada do Cel. Dr. José Maria Barreto, inicialmente como 4.ª Brigada, juntamente com os corpos 32, 35 e 36.
Esta Brigada, com a 3.ª e 5.ª, formava a 2.ª Divisão do Cel. Joaquim José Gonçalves Fontes.
23/01 Mitre, então Comandante em Chefe das Forças Aliadas, acha que o Visconde de Porto Alegre não dispõe de meios para atravessar o Rio Paraná.
09/03 Do São Borja o Barão de Porto Alegre oficia ao Ministro da Guerra informando que vai deslocar-se dentro de 5 ou 6 dias.

11/12/3 O grosso do 2.º Exército atravessa o Rio Uruguai.

18/03 O 18.º chega do acampamento de Itapua um pouco atrasado.

19/03 Partida de São Borja, estabelecendo o Quartel General ao norte do Povoado de São Tomé, território correntino.

21/03 A Esquadra informa que poderá operar a travessia do Rio Paraná.

23/03 O Comandante do 2.º Exército, em Itapua, manda formar toda a 2.ª Divisão em ordem de marcha, passando-a em revista.

20/04 Publicação de Ordem do Dia em São Tomás, ao norte de São Carlos, povoado missioneiro em ruínas.

A Brigada do Cel. Dr. José Maria Barreto passa a figurar como 3ª, com os Corpos 18.º, 34.º e 36.º.

Os paraguaios estão com 3.000 homens e 12 canhões do outro lado do Rio Paraná.

A Esquadra informa que só pode fazer a travessia à jusante da Ilha do Apipé.

25/06 A Junta de Generais autorizou Porto Alegre a transpor a tropa para a margem direita do Rio Paraná.

/07 Tropa levada para um ponto abaixo de Tranqueira de Loreto, descendo na direção do Salto do Apipé.

Embarque em navios da Esquadra, na altura do Porto do Cardoso, com destino a Itapiru.

No fim do mês a tropa estava reunida junto às ruínas de Itapiru.

03/08 Polidoro da Fonseca faz conclamação ao seu 1.º Exército, comunicando que o 2.º já está em solo paraguaio.

18/08 O Almirante Tamandaré propõe ataque a Curuzu e Curupaiti, na margem esquerda do Rio Paraguai.

29/08 2.º Exército pronto e municiado para três jornadas, mas o mau tempo atrasou o embarque.

O 18.º e outras unidades destinadas ao ataque de Curuzu deixaram o acampamento de Itapiru e se aproximam da foz do Paraguai.

01/09 Embarcaram em frente à Ilha do Cerrito, pela madrugada, em 11 vapores e 3 chatas, sendo que o 18.º ficou no vapor Riachuelo.

Alguns navios sobem o rio e abrem violento bombardeio contra a posição de Curuzu, que reage energicamente.

Desembarque no local conhecido por Guarda do Palmar, 3/4 de légua abaixo de Curuzu.

O 18.º da 3.ª Brigada da 2.ª Divisão ficou disposto para o lado do rio.

Após meia hora de bombardeio do forte pela esquadra, foi desencadeado o ataque geral, sobre o qual podemos destacar duas Partes de Combate:

Do Comandante da 3.ª Brigada:

"Fiz avançar em linha, na direção do flanco direito do Forte, os Corpos 18.º e 32.º, não obstante o vivíssimo fogo de metralha e fuzilaria. O Batalhão n.º 18 foi dos primeiros que, com denodo e coragem, transpôs a trincheira. Os oficiais e praças deste corpo comportaram-se durante o fogo com bravura e sangue frio, tornando merecedor de elogio o Ten. Cel. Antônio Martins do Amorim Rangel, pela calma que sempre conservou e pela coragem com que animou todos os seus companheiros".

Do Comandante do 18.º:

5/09 "O Batalhão sob meu comando avançou em linha de batalha sobre o Forte de Curuzu no dia 3, às 6 horas da manhã, fazendo a vanguarda deste exército; à distância de 50 passos, fiz estender em linha de atiradores o mesmo Batalhão, por estarem já sendo feridas muitas praças; depois, fazendo convergir a ala direita sobre o flanco esquerdo do forte, e a da esquerda sobre o direito do mesmo, segui em marche-marche, conseguindo com pleno êxito galgar a trincheira e transpor o forte, sofrendo o Batalhão, desde que saiu do acampamento até entrar na trincheira, um fogo vivo de artilharia e mosquetaria inimiga, ficando fora de combate 113 praças e oficiais. Os oficiais e todas as nossas praças portaram-se como valor e bravura. . ."

Curupaiti:

15/09 Reconhecimento da frente inimiga e preparativos para o ataque.

17/09 Tudo preparado para o ataque, adiado por força de chuva torrencial, que durou até o o dia 20.

21/22/9 Bombardeio de Curupaiti. Ordem de avançar, ao meio-dia, repetida pelos cornetas.

O 18.º marchando em formatura de batalha, castigado por bombas inimigas. Ao meio-dia, ao toque de avançar, atacou a direita do inimigo, em mato denso. Satisfeito o comandante com o seu 18.º, que avançou em acelerado pela mata. O 18.º fez o quanto cabia no possível; a artilharia e fuzilaria inimiga abriram grandes claros na unidade.

Parte do Comandante Amorim Rangel:

"O Batalhão sob meu comando, que fazia parte da ala esquerda da Divisão de Infantaria, marchou pelas 8 da manhã pelo flanco esquerdo do acampamento, em direção à mata que borda a margem esquerda do Rio Paraguai, a fim de atacar o flanco direito do Forte Curupaiti. . . Ao toque de avançar, o Batalhão marchou à trincheira inimiga, com intrepidez e coragem, conseguindo logo galgar o grande fosso que circula a beira do mato, aí sofrendo, logo ao sair da mata, um vivíssimo fogo de artilharia e mosquetaria do Forte. Nesse ponto foi preciso sustentar o fogo por algum tempo, conseguindo, contudo, depois avançar até perto do Forte, não sendo possível transpô-lo pelo fortíssimo fogo que dele faziam. Todos os oficiais e praças do Batalhão portaram-se com bravura e valor. . . O 18.º, no ataque a Curupaiti, teve 79 danos em suas fileiras". O Comandante foi condecorado com a Ordem do Cruzeiro pelos combates de 24/05, 3/09 e 22/09/1866.

10/10 Caxias nomeado comandante-chefe de todas as forças brasileiras.
12/10 Ordem do Dia n.º 89, do 2.º Exército, nomeia comandante interino do 18.º o major Felizardo Antônio Cabral.
Três dias depois Amorim Rangel era mandado reverter ao comando de seu 18.º.
18/11 Caxias assumiu o Comando Geral e publicou sua 1.ª Ordem do Dia.
20/12 Foi dada nova organização aos Voluntários, mudando as numerações, quando o 18.º passou a ser o 49.º.

ITINERÁRIO DE ZACHARIAS RODRIGUES ZICA E DO SEU 18.º BATALHÃO DE VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA

Dores do Indaiá, Ouro Preto, Juiz de Fora, Raiz da Serra de Petrópolis, Capão da Alegria, Mauá, Arsenal de Marinha - Rio, Embarcado, Florianópolis, Uruguaiana, São Borja, Itapua, São Tomé, São Tomás (norte de São Carlos), Ponto abaixo da Tranqueira de Loreto, Porto do Cardoso, Itapiru, Foz do Rio Paraguai, Frente à Ilha do Cerrito, Guarda do Palmar, Curuzu, Curupaiti.

Comando de Caxias:
18.º passa a ser o 49.º.
Epidemia de "Cólera-morbus".
O 2.º Exército, a Divisão e Brigada a que passou a pertencer a nova unidade passa ainda por: Passo da Pátria, Linha Negra, Tuiuti, Humaitá, Tuyu - Cué, Humaitá.

Zacharias reformado em 21/07/1869. O comandante Antônio Martins do Amorim Rangel regressa com sua tropa via Montevidéu, pelo vapor Alice.

ITINERÁRIO DO 2.º CORPO DE EXÉRCITO
Ao qual pertencia o 18.º (depois 49.º) Batalhão de Voluntários da Pátria

Sentido Sul/Norte, margem esquerda do Rio Paraná: partindo de São Gonçalo, passando por Santo Antônio, Ya-Apé, Assunción (não é a do Paraguai), Yribu-ia, Limona, La Cruz, Ytati, Currales até Riachuelo. De Currales a Itapiru, Ilha do Cerrito e, após Tuiuti e Curuzu, sobem a margem esquerda do Rio Paraguai, passam por Esterobelaco, Curupaiti, Humaitá, Vila del Pilar, S. Fernando, Vila Franca, Vila Oliva, a seguir, regressam.

RESUMO GERAL APROXIMADO DA CONTRIBUIÇÃO REGIONAL EM HOMENS

(Levantamento feito pela relação nominal e de outros dados conhecidos)

DE		POR	
Abaeté	0	Abaeté	7
Abaeté	1	Pitangui	1
Bom Despacho	18	Pitangui	18
Carmo do Cajuru	8		
Conceição do Pará	1	Pitangui	1
Curvelo	1	Abaeté	1
Divinópolis	14		
Dores do Indaiá	3	Abaeté	3
Dores do Indaiá	1	Araxá	1
Dores do Indaiá	12 16	Dores	12
Guaicuí	1	Pitangui	1
Itaúna	diversos		
Maravilhas	2	Pitangui	2
Martinho Campos	1	Pitangui	1
Ouro Preto	1	Pitangui	1
Pará de Minas	10		
Pará de Minas	1	Abaeté	1
Pitangui	1	Abaeté	1
Pitangui	24	Pitangui	24
Perdigão	1	Pitangui	1
São Paulo	1	Abaeté	1
	Total por Pitangui		59

RELAÇÃO DAS UNIDADES MAIS AUTÊNTICAS DE VOLUNTÁRIOS DA PÁTRIA

Formadas a partir da apresentação espontânea dos recrutas paisanos:
1.º – Corte
2.º – Corte
4.º – Corte
7.º – São Paulo
8.º – Rio de Janeiro
9.º – Corte (Schneider, II/391)
11.º – Pernambuco
18.º – Minas Gerais
21.ºb – Pernambuco
25.º – Pernambuco
26.º – Ceará
29.º – Bahia
30.º – Pernambuco
33.º – Rio Grande do Sul
34.º – Pará
35.º – Rio Grande do Sul
38.º – Corte
42.º – São Paulo
43.º – Bahia
45.º – São Paulo
51.º – Pernambuco (Schneider)
52.º – Pernambuco (Schneider)
54.º – Bahia
55.º – Piauí
56.º – Pernambuco

Total de 25 Corpos que não tiveram núcleo em forças militares ou paramilitares já existentes.

VOLUNTÁRIOS INVOLUNTÁRIOS
Nem podia. . .

O ilustre historiador e militar Anatólio Alves de Assis, em interessante artigo no "Diário da Tarde" de 24 de janeiro de 1984, informa que os Voluntários da Pátria não representaram a Polícia Militar na Guerra do Paraguai.

De fato, os briosos soldados da nossa força pública jamais foram voluntários, dada a sua condição de profissionais. Voluntário mesmo só pode ser considerado aquele que, civil, se alistou espontaneamente e que, antes não era inte-

grante de organização militar ou paramilitar. Tinha que ser sem farda, sem graduação, sem patente, sem título.

D. Pedro II mesmo, que por naturais razões demagógicas e de estímulo se intitulou o Voluntário n.º 1, nunca o foi. Nem o grande Caxias, Osório, Conde D'Eu, Polidoro, Porto Alegre.

Foram comandantes de voluntários. Não voluntários. As expressões: *Corpo Policial de Voluntários; Voluntários Policiais; Voluntários Mercenários; Voluntários da Guarda Nacional; Voluntários Alemães* são uma aberração. Não calham.

As conclamações citadas, do Governador Saldanha Marinho e do bispo D. Viçoso aos homens do corpo policial, incitando-os a se apresentarem para a luta, não lhes dava a alternativa de recusa. Eram, antes de tudo, uma convocação.

A verdade é que dos 56 ou 57 corpos planejados e que no papel chegaram a 60, no máximo 25 deles eram de fato constituídos de voluntários-voluntários. . . e olhe lá. Os demais eram de elementos de corpos policiais e da guarda nacional, organizações que foram automaticamente convocadas.

E entre os voluntários-voluntários mesmo havia muito escravo, muito estrangeiro, muito mercenário.

O estudo do voluntário só pode ser individual. Por batalhões é praticamente impossível a diferenciação. Só por alto.

Sobre os Corpos de Polícia, Danton fala à página 37, que os dos diversos Estados foram postos à disposição do Governo Imperial.

Às páginas 41 e 42 informa que "para operar no sul de Mato Grosso, Minas enviou o *17.º de Voluntários, o 21.º de Infantaria de Linha e um Batalhão de Infantaria Policial.* Esta tropa foi muito sacrificada, pois, depois de viajar 230 léguas por lugares sem estrada e doentios, a pé ou em cavalos que não deviam ser bons de sela, tiveram que enfrentar os descansados paraguaios".

Aliás, sobre o voluntariado mineiro, verifica-se em todas as publicações existentes, imperdoável omissão com relação ao 18.º batalhão (porque o 27.º não passou do papel). Só se fala no 17.º! Até parece que Minas só mandou esta unidade.

Seja porque o 17.º foi da 1.ª expedição de Minas, sofreu muito na Retirada da Laguna e teve as bençãos de Taunay, seja porque ele tinha elementos da Força Pública na volta, seja porque os remanescentes do 18.º tiveram a numeração de sua unidade alterada para 49.º e regressaram debaixo da bandeira do 17.º, o fato é que os componentes da 2.ª expedição, voltando como 49.º CVP, apesar de terem brilhado na frente de combate, e por isso mesmo só sobrando os cacos, foram assim como o corpo policial, totalmente eclipsados pelo 17.º, o único que, no regresso, colheu os louros da vitória, quando na verdade o 18.º enfrentou as mais duras pugnas, foi corpo de vanguarda e se dele poucos voltaram, não será por isso que devemos cultuar apenas o 17.º.

Isto sem falarmos no 4.º CVP da Corte (Rio), que era consitituído de mineiros, em sua maioria.

Enfim, são as seqüelas da guerra.

10.ª Parte
DESCENDÊNCIA DE ZACHARIAS

ESCLARECIMENTOS

O propósito inicial era de uma só publicação, completa, integral, de toda a desdencência de JOSÉ JACINTHO RODRIGUES ZICA, o Zica Velho, primeiro ZICA e, portanto, GENEARCA da família.

Dificuldades de variada ordem e mesmo resistências de setores menos esclarecidos, levaram-nos a fracionar o trabalho, dividindo-o em três livros:

O primeiro trata do ramo mais numeroso, representado pelos descendentes do segundo casamento de Zacharias Rodrigues Zica e pelos de sua única irmã mulher, Maria Custódia Rodrigues Zica.

O segundo tratará do ramo menor, porém mais difícil, constituído pelos três filhos do primeiro casamento de Zacharias.

O terceiro livro, dos descendentes dos outros filhos de Zica Velho.

Tanto o livro segundo como o terceiro, estão em fase bastante adiantada.

Os Zica's Paraguai são dois e são meio-irmãos:

1. José Faustino Rodrigues ZICA,
   filho natural de José Jacintho Rodrigues Zica e 4.º Voluntário da Pátria dos 52 de Pitangui.
2. Zacharias Rodrigues ZICA,
   do 18.º Batalhão de Voluntários da Pátria e combatente de Curuzu. Filho legítimo de José Jacintho Rodrigues Zica.

A vida militar prestante
Não se aprende, senhor, na fantasia:
Sonhando, imaginando ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando.

Camões

ESTÓRIAS

Contam que o Zacharias não era boa bisca nos seus verdes anos, antes da guerra.

Destemido, valentoado, fazia-se respeitar; tomava a sua, montava bem. O tipo que as mulheres gostam.

Namorava a sua primeira, cujo pai não via com bons olhos o gosto da filha. Não tinha condição de casar e nenhum plano de vida.

Pois mesmo assim cismou de pedir a mão de sua escolhida ao sogro, homem às direitas, que gostava de tudo certinho e sonhava com príncipes para genros.

E eis que um belo dia bateu à porta do pai da namorada e lascou o pedido assim de frente, na bucha, sem rodeios, de chofre.

O velho não teve dúvidas, negou logo, mas teve a infelicidade de botar uns babados na negativa. Ele, o apaixonado de sua filha, não lhe servia para genro e fim de papo. Que vá bater n'outra freguesia, porque "filha minha não casa com qualquer um".

Como homem quando ama não desiste, e ele sabia que o sentimento era recíproco, saiu dali enfezado, matutando o que fazer.

Dias depois, arreia sua besta, bota matalotagem no alforge, cerca o sogro na rua, dá-lhe umas reiadas. . . e se manda para a guerra, o que muito aborreceu seu pai, e lá na frente de combate passou a integrar unidade de vanguarda, deu trabalho ao inimigo, pois parece que queria mesmo era morrer, o que lhe valeu boas "lagartixas" e galões, com o que se habilitou a realizar seu sonho primeiro.

O CAFÉ DA COMADRE

Vindo da guerra cheio de manias (o que hoje chamam de neuroses), o veterano Zacharias fazia questão absoluta que toda visita fosse servida de café. Considerava mesmo afronta a recusa da rubiácea ou quando não lh'a ofereciam.

Amicíssimo de uma família que sempre o visitava e a quem raramente retribuía, ligado a eles por compadresco, nas raras vezes que ia à casa deles a comadre sempre tinha uma desculpa: não tinha café catado, pilado, torrado e já socado, em pó. O café ainda estava em coco, mas se o compadre esperasse. . .

É claro que Zacharias nunca esperou, pois afinal o mecanismo de beneficiar o café naquele tempo era bem demorado. Depois de umas cinco visitas sem café, um verdadeiro desaforo, uma falta de consideração, eis que o veterano lá aparece e vem a comadre com a mesma lenga-lega. . . Mas se o compadre esperasse. . .

Pois nesse dia o compadre esperou. Despachou logo a comadre, dizendo-lhe que podia tratar do serviço calmamente, enquanto ele batia um papo com o compadre.

A comadre titubeou um pouco, ficou confusa, tentou lembrar alguma saída, mas nada. Acabou adentrando a casa, pegou o pilão, manejou o soquete à vontade, soprou, catou, rachou lenha, ascendeu fogo, torrou, socou no pilão e. . . fez o café que, medroso, se fez acompanhar de bolinhos.

Levado em rica bandeja, o café chegou até a sala. Só que ao ser servido, colocado na chícara, foi recusado pelo compadre Zacharias que, dizendo-se agora com pressa, foi levantando e despedindo-se, não sem antes falar à dona da casa que, assim, o pó já ficou pronto para a próxima visita. . .

O ENTERRO

Orquestrado pelo Juquinha, que já tinha sonhos políticos e conhecia a massa de votos que podia emanar de sua "piedade", porque o defunto deixou 16 filhos além de numerosíssima parentela, o féretro do VETERANO, como era conhecido Zacharias, foi um acontecimento cívico de destacada importância, eclipsando o fato fúnebre.

Morrendo na pobreza, porque vivia de minguado soldo e estava praticamente cego por ferimento em combate, entregou a alma ao Criador no dia 28 de abril de 1919, 14 anos após seu xará, o Dr. Zacharias, também enterrado com muita solenidade.

Seu sepultamento foi no dia seguinte, com toda pompa e circunstância. Enterro de herói.

O Juquinha preparou-lhe a farda e nela colocou as medalhas ganhas na guerra. Mandou fazer o caixão e nele colocou, além do corpo, a espada e a patente. . .

Convocou o Tiro de Guerra do ano, e de quebra os infantes do ano anterior. Mais a banda e seu vigário, com auxiliares. Convites. Avisos.

Presentes todas as autoridades, o cortejo parte imponente, o corpo conduzido pelos atiradores, armados, com guarda de honra, à baioneta calada.

O velho sino de São Sebastião, triste e compassadamente, bate pelo morto. Viúva e filharada, mais enteados e netos, em prantos convulsivos, contagiantes.

A Bandeira Nacional, que defendeu com sangue, abraçava a urna carinhosamente, agradecida.

Na esquina da hoje Rua Irmã Inês com Alagoas, uma parada. A voz grave do comandante ordena uma primeira salva de tiros em honra do Voluntário da Pátria que era levado à sua última morada.

É momento de dor e orgulho da família. O enterro segue.

A cidade inteira vai àquela caminhada piedosa e patriótica. Solene o garbo dos atiradores e reservistas da saudosa Linha de Tiro.

O padre reza e a banda executa marcha fúnebre de arrepiar, de mexer com o mais duro coração.

Em ordem, a procissão chega ao Cemitério da Saudade, e o rufar do surdo passa a cadenciar o passo dos soldados, que param junto ao local do sepultamento. Breve epicédio e o corpo desce à cova rasa sob o impacto de gritos de comando: "Escolta! Em funeral! Preparar, apontar, fogo!" E o estampido dos 21 tiros de fuzil, em 3 descargas, dá adeus ao tenente. Estava terminada a vida aventurosa de Zacharias.

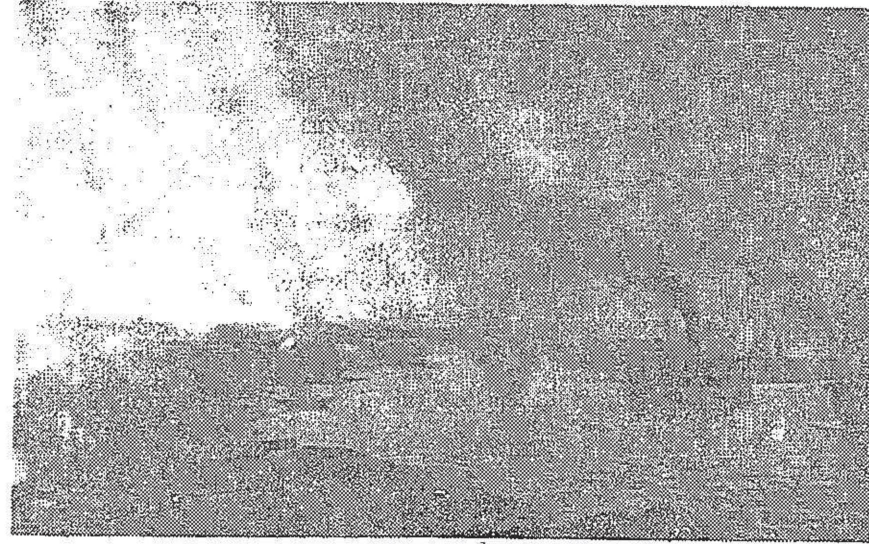
Dos poderes públicos ele merece um cenotáfio.

Os

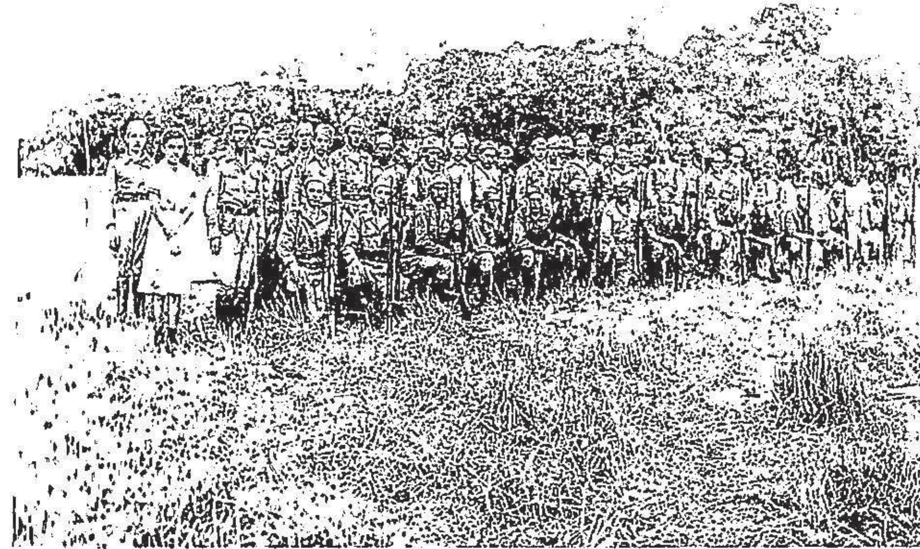
ZICA's Paraguai
Descendentes do veterano
Tenente Zacharias Rodrigues Zica



Para longe, Paraguai,
Cumprindo um alto chamado,
Seguiu Zacharias Zica,
Voltando glorificado.



Batalha de Curuzu.



TG 563/39, do 1º Sargento Dr. Sinval Reis - Madrinha Dora Lopes - Cortesia Dora Argolo

ZACHARIAS RODRIGUES ZICA
★14/11/1845 † 28/04/1919
Depois da guerra, casamentos:

Primeiro com Maria Lacerda

FILHOS	c. c.	GENROS/NORAS
1) Policena		solteira
2) José Rodrigues Zica	1	Maria Felisbina da Cruz
depois José Zacharias Zica	2	Maria Teodora da Cruz
3) Ana Lacerda Zica	c. c. p.	Américo Brasileiro Zica
4) Maria Zica	c. c.	João Batista da Silva

Eis a descendência do segundo casamento do

Tenente Zacharias:

Não são os profetas menores
Ou os de Congonhas
Ou os Apóstolos
Tampouco as Tribos de Israel
Ou as de Ismael
Nem os pares de Carlos Magno
Quiçá a coroa de estrelas do Cap. 12 de Ap.

mas também são DOZE



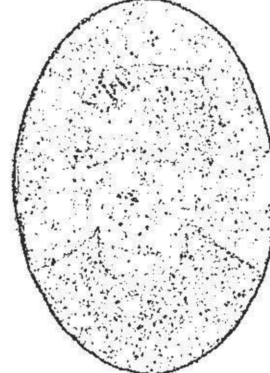
vindos da fonte da água da vida (Ap.)
aqui estão eles, e os que deles vieram.

Legião é o meu nome, porque somos muitos.
Marcos, 5-9

Ao meu filho,
Universitário Marcos Caldeira Ribeiro

ZACHARIAS RODRIGUES ZICA
c. 2 c. Joana Luiza de Macedo
† 86 anos em 25/04/1953

FILHOS		GENROS/NORAS	N.º Filhos
1. Maria Rodrigues Zica	c. c.	Silvestre Pereira da Costa	5
2. Porfíria Rodrigues Zica	c. c.	Etelvino Cardoso	3
3. Afra Rodrigues Braga	c. c.	Herculino Ribeiro de Sousa	8
4. Antônio Rodrigues Zica	c.c.v.	Elvira de Sousa Marques	2
5. Joaquim s. s.		Solteiro, faleceu em 13/06	
6. Francisco Norberto Zica	c. c.	Margarida Gonçalves de Melo	2
7. Vicente Rodrigues Zica	c.c.p.	Isaltina Zica	0
8. Joana Rodrigues Zica	c.c.e.	Walter Ude	14
9. Tereza Rodrigues Zica	c. c.	Francisco Lemos Filho	10
10. Aureslina Rodrigues Zica	c. c.	José Fidélis	7
11. Romualda Rodrigues Zica	c. c.	Benjamim Antunes Ferreira	8
12. Humberto Zica	c. c.	Maria José da Conceição	8
			68



Joana Luiza de Macedo
2.ª esposa de Zacharias

Trezenas de Santo Antônio
No antigo "Engenho de Serra"
A música em alvoroço
E o povo de nossa Terra.

PNT/ACSG

UMA DA VÓ JOANA

Quando levada ao "pé do padre", a Sá Joana era ainda "de menor". Casou-se numa capela que existiu lá no Engenho da Serra, destruída com arquivo e tudo por um incêndio.

Veio o casamento civil e não trataram de casar também na lei dos homens; de qualquer forma, para ela desnecessário.

Aliás, por muito tempo, o casamento religioso ainda predominou. De fato, para o cristão, é um casamento bem mais forte, eis que, ali frente ao altar, os noivos têm que prometer meia dúzia de situações que o casamento de cartório não exige. Além do mais, têm que ouvir um sermão muito sério.

Mas, voltando à vó Joana: enviuvou-se e ficou com 16 filhos e enteados para criar, sem renda nenhuma e sem meios de provar que era casada com o Tenente Zacharias.

Procedente da roça, de nenhumas letras, não houve quem a orientasse. Só *24 ANOS* após a viuvez conseguiu receber pensão.

E entre os tropeços que encontrou para receber o benefício a que tinha direito, estava o fato de não saber escrever.

Dependia dos outros e foi aí que se deu o fato:

Em nome dela foi feito um requerimento em que, afirmando ser analfabeta, "assinou" o papel! Foi o quanto bastou para que a petição "engasgasse", indo parar no arquivo.

A "gaffe", descoberta por este seu neto, foi eliminada através de novo expediente e de procurador legalmente constituído que, após fazer a justificação judicial, obteve sucesso tranquilo no pedido.

A FALTA DE CAMARADAGEM DE DEUS

Um importante — e dos mais inteligentes — ramos Zica, o pessoal do Inhonhô, optou pela férrea religião batista, boa mas dura de roer, pois não há tolerância com coisas erradas.

Ali não tem colher de chá para quem não anda na linha. O crente, ou está de dentro da igreja ou de fora. Os de dentro são aqueles já aureolados com o carisma da aceitação das regras. Os de fora são ouvintes, vestibulandos, sonhando ingressar quando se livrarem de seus hábitos contrários à moral imposta pela igreja.

Então golo e jogo não é mesmo com eles. Ou larga ou fica de fora. E é por isso que o número de adeptos cresce vagarosamente, vegetativamente.

Como deixar a sensação de um carteado ou a zonzura de uma "espirituosa" não é nada fácil; os que já não professam a romana ou outro credo e rezam

(só no culto) pela cartilha batista, ficam numa encruzilhada sem vela, galinha preta ou marafo, pois têm diante de si obstáculos sérios.

São os "bíblia" de fora, que querem regularizar sua situação, se batizarem, fazer voto de fé, etc., e não conseguem o "emplacamento". É uma pichotagem danada.

Entre esses sofredores está meu tio, o Caneco da Fia, esta um cristã modelo. Ela de dentro, ele de fora.

Apertado certo dia por um erudito pregador itinerante, que andou na terra presidindo umas importantes solenidades, o Caneco, íntimo do baralho, respondeu que andava pelejando para largar o jogo, mas estava dependendo de uma ajuda de Deus, pois se Ele não lhe desse força de vontade, não ia dar conta de livrar-se de sua única diversão.

Enfim, o culpado dele não ingressar na igreja era mesmo Deus!

O PSEUDO AUTOCÍDIO DO SOUSA

O Silvestre da Lilia sabia levar a vida; e tinha que saber, pois casou-se com mulher brava, exigente, executiva.

Trazia ele na "corda bamba".

Alegre e espirituoso, gozava da estima geral, pois era sério, respeitador, ótimo pai de família.

Lá um dia ou outro tomava seu aperitivozinho, o que, se lhe dava aquela loquacidade por todos apreciada, colocava-o quase sempre, debaixo do crivo da patroa, que não o perdoava.

Era chegar em casa e ver a mulher parar seu duro batente e começar o "pega".

Aquilo já estava enchendo as medidas do Sousa, carinhoso adjetivo que seus íntimos lhe deram.

Olhava a liberdade do Herculino, a autoridade do Walter Alemão, a vida solta dos Benjamim, a maneira de ser de seus cunhados e ficava a matutar uma maneira de forçar a patroa a afrouxar um pouco sua "disciplina".

E engendrou um suicídio à moda de Santana dos Patos.

Num dia de frio e chuvinha fina, tomou sua preferida branquinha e foi pra casa onde, chegando, topou logo com a "fera", que foi logo aprontando aquele "destampatório" em cima dele, ali mesmo na sala.

Foi quando ele, que estava de alpercatas, entre um ingênuo semblante de revolta e jeito diferente, respondeu que ia naquele dia por um fim naquilo.

Caminhou para a cozinha, tomou um café, e foi para o quintal, onde estava a cisterna. Caladinho, pegou uma bruta pedra, abriu a tampa, tirou as alpercatas e as deixou rente no poço. . . e jogando a pedra no fundo, escondeu-se atrás de umas bananeiras. O barulho da pedra ao cair dentro d'água, chamou a atenção da

Lilia, que veio correndo ver o que era. E, ao ver a cisterna aberta e a água borbulhando no fundo e o par de alpercatas, botou a boca no mundo e saiu pedindo socorro, inteiramente transtornada.

A vizinhança acudiu de pronto, foi aquele corre-corre. As janelas encheram-se de gente. Voluntários com corda na mão, cisteneiros improvisados, lamparina e todos os apetrechos necessários ao salvamento apareceram, para salvar o "desesperado e tresloucado" amigo.

Ao redor do poço, os comentários eram os mais variados: "coitado, tão bom, não precisava fazer isso"; "estou vendo os cabelos dele"; "parece que está mexendo"; "ainda está vivo", etc.

A "viúva", nos braços das amigas, tomando água com açúcar, lastimando, desculpava-se, chorando: "do jeito que ele era bom. . .", etc.

O Sousa a tudo assistia, do seu esconderijo e muito se divertia.

Assim, depois do "circo armado" e em pleno espetáculo, nosso herói aparece perguntando inocentemente o que havia acontecido. . .

Alívio geral. Ordens aos gritos para os que estavam mergulhados no fundo da cisterna, para voltarem, para subirem.

E a mulher, entre aliviada e satisfeita, fala mansinho e com muito cuidado: porque foi fazer isso, Silvestre? Eu estava só brincando.

Daí pra frente, após pequena lua-de-mel, nosso amigo teve uma vida mais mansa.

O Silvestre da Lilia
Gostava de ser pedreiro,
Enquanto esperava o barro,
Uma prosinha primeiro.

PNT/ACSG

1

Jacintho, José, Zacharias,

MARIA RODRIGUES ZICA (Lilia)
nascida em 13 de maio de 1888
c. c. Silvestre Pereira da Costa

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Maria das Dores da Costa (Fia)	c. c.	José Senra de Oliveira, de R. Pomba
2. José da Costa Zica	s. s.	Solteiro
3. Joana R. Zica		Falecida impúbere
4. Rita da Costa Zica		Solteira
5. Zacharias da Costa Zica	c. c.	Iolanda Jesus Costa

Jacintho, José, Zacharias. Maria

MARIA DAS DORES DA COSTA (FIA)
depois Maria das Dores da Costa Oliveira
c. c. José Senra de Oliveira, falecido

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Adélia Maria da Conceição	c. c.	Djalma Melgaço da Fonseca, Prof.
2. Elenice Maria Senra Barbosa	c. c.	João Bosco Carneiro Barbosa, Dr.

ZACHARIAS DA COSTA ZICA (Zangue)
c. c. Iolanda Jesus Costa

FILHOS		GENROS/NORAS
1. José Silvestre Zica	c. c.	Ilma Pereira da Silva
2. Antônio Aquiles da Costa Zica		

Jacintho, José, Zacharias, Maria 1.ª, Maria 2.ª

ADÉLIA MARIA DA CONCEIÇÃO
depois Adélia
c. c. Djalma Melgaço da Fonseca, Prof

FILHOS
1. Maria Cristina Melgaço
2. Adeleine Maria Melgaço
3. Rosângela Melgaço
4. Djalma José Melgaço
5. Talmo Melgaço

Jacintho, José, Zacharias, Maria 1.ª, Maria 2.ª
ELENICE MARIA SENRA
depois Elenice Maria Senra Barbosa
c. c. João Bosco Carneiro Barbosa, Dr.

FILHOS
1. Antônio Wagner Barbosa
2. Geraldo Sérgio Barbosa
3. Paulo Henrique Barbosa
4. Carlos José Eduardo Barbosa

2

Jacintho, José Zacharias,

PORFÍRIA RODRIGUES ZICA, falecida

c. c. Etelvino Cardoso, falecido

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Francisco Cardoso Zica, (Calais)	c. c.	Emília Rita de Jesus
2. Efigênia	c. c.	José Pedro
3. Maria	c. c.	Vitalino

Jacintho, José, Zacharias, Porfíria,

FRANCISCO CARDOSO ZICA

c. c. Emília Rita de Jesus

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Irene Cardoso	c. c.	Wiler Carvalho
2. Carmélia Cardoso Oliveira	c. c.	Joaquim José de Oliveira, vulgo Gaúcho
3. Iraci Cardoso	c. c.	Joaquina Lima
4. Iolanda Cardoso	c. c.	Mário
5. Maria do Carmo	c. c.	Almir Araújo
6. Edith Cardoso	c. c.	Luís Gonzaga de Araújo
7. Emília Lúcia	c. 1 c.	Volgue
	c. 2 c.	Antônio
8. Amélia	c. c.	Sebastião Ozélia
9. Ari	c. c.	Leopoldina
10. Sueli		Solteira

Jacintho, José, Zacharias, Porfíria, Francisco,

IRENE CARDOSO

c. c. Wiliam de Carvalho

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Wiliam de Carvalho Filho	c. c.	Neuza
2. Valéria		
3. Valquíria		
4. Marcos		
5. Sérgio		
6. Denise		
7. Carlos		

Jacintho, José, Zacharias, Porfíria, Francisco, Wiliam,

WILIAM DE CARVALHO FILHO

c. c. Neuza

FILHOS
1. Valéria

Jacintho, José, Zacharias, Porfíria, Francisco

CARMÉLIA CARDOSO OLIVEIRA

c. c. Joaquim José de Oliveira, por alcunha Gaúcho

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Elza de Oliveira Araújo	c. c.	Antônio Oliveira Araújo
2. Eleuza de Oliveira Marques da Silva	c. c.	George Marques da Silva
3. José Antônio de Oliveira		
4. Maria Emília		
5. Antônio Carlos de Oliveira, vulgo Neco		
6. Carlos Bonifácio de Oliveira		
7. Sônia de Oliveira		

Jacintho, José, Zacharias, Porfíria, Francisco, Carmélia,

ELZA DE OLIVEIRA ARAÚJO

c. c. Antônio Oliveira Araújo

FILHOS
1. Eudie

ELEUSA DE OLIVEIRA MARQUES DA SILVA

c. c. George Marques da Silva

FILHOS
1. Ana Paula
2. Wombley

Jacintho, José, Zacharias, Porfíria, Francisco,

IOLANDA

c. c. Mário

FILHOS
1. Nilton
2. Vaneza

Jacintho, José, Zacharias, Porfíria, Francisco,
MARIA DO CARMO (CARMINHA)
c. c. Altamiro Xavier de Araújo

FILHOS
1. Simone
2. Silvânia
3. Luciana
4. Fábio
5. Renato

EMÍLIA LÚCIA
c. 1 c. Volgue

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Alexandrina		
2. Ineclobis	c. c.	Margarete

c. 2 c. Antônio d'Ávila

FILHOS
3. Jaquelina
4. Júnia
5. Carla
6. André
7. Daniela
8. Jôsi

EDITH CARDOSO
c. c. Luiz Gonzaga de Araújo

FILHOS
1. Eliana
2. Luiz Antônio
3. Marcos
4. Ricardo

Jacintho, José, Zacharias, Porfíria, Francisco, Edith,
ELIANA
c. c. Ebernom Cardoso

FILHOS
1. Mapira

Jacintho, José, Zacharias, Porfíria, Francisco,
IRACI
viúvo de Joaquina Lima

FILHOS			GENROS/NORAS
1. Wagner	Gêmeos		
2. Vani	Gêmeos	c. c.	Carlos
3. Valdeci			
4. Valdirom			
5. Vanderley			
6. Valber			Falecido
7. Eduardo			

AMÉLIA
c. c. Sebastião Oséias

FILHOS	GENROS/NORAS
1. Rubens	
2. Washington	
3. Cleiber	

ARI
c. c. Leopoldina

FILHOS	GENROS/NORAS
1. Venício	
2. Virgínia	
3. Fernando	

Jacintho, José, Zacharias, Porfíria,
EFIGÊNIA (falecida)
c. c. José Pedro

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Marcelo Roberto de Souza	c. c.	Ângela Starling

Jacintho, José, Zacharias, Porfíria, Efigênia,
MÁRCIO ROBERTO DE SOUZA
c. c. Ângela Starling

FILHOS
1. Marcos Vinícius Starling de Souza
2. Luciana Starling de Souza

Jacintho, José, Zacharias, Porfíria,
MARIA (falecida)
c. c. Vitalino

FILHOS
1. Milton
2. Etelvino

O PIRRACENTO TATU

Das tias falecidas, a Miada e a Joaninha eram as melhores cozinheiras da segunda ninhada da raça do Zacharias. Ambas fartas e caprichosas ao extremo. Não foi à-toa que eu goderei elas muito tempo.

A casa da Joaninha lá em Dores foi sempre, neste sentido e para nós sobrinhos, uma "casa de mãe Joana": comida em quantidade e em qualidade, para sua família e quem mais aparecesse. E com direito ao chá de boldo para os que facilitavam no golo.

E sempre teve uns "pensionistas", fregueses diários, "barranqueiros", que lá comiam (e comem, porque sua filha D'Arc mantém a tradição) à vontade.

Um deles, o Vino, meio tantã, sobrinho de 2.º grau, foi um sujeito que levou a vida sem nenhum regulamento. Sempre viveu numa boa. Lá na tia ele tinha roupa lavada, botão pregado, cama e bóia, mas só aceitava esta, porque isto de pousar condiciona o indivíduo, o que para ele não valia.

Como não tinha hora para comer, porque evitava a tia em virtude do risco de conselhos, seu prato ficava sempre pronto, na chapa do fogão do quintal, morninho. Qualquer hora ele podia entrar pelo portão que dava aos fundos e pegar o seu.

Acontece que a comida começou a amanhecer no prato. Interpelado, respondeu que estava pirraçando a tia, porque a comida andava muito fraca. . .

Pois mesmo assim a paciente tia continuou fazendo o PF e deixando no lugar de costume. Vez por outra ele ia lá comer. Naturalmente quando não achava em outro lugar.


O casal

Herculino Ribeiro de Sousa
Afra Rodrigues Braga

Negocio de seccos e molhados



Herculino Ribeiro de Souza

Compra e vende generos do paiz

Vendas por atacado e a varejo

Preços fixos

UBERABA -- MINAS

Rua João Pinheiro, n. 22

Cabeçalho de Memorando

HERCULINO, MEU PAI

Não teve vida cinzenta. Menino ainda, enfrentou o mundo e foi ajudar no transporte, a cavalo, de malas postais para Ibiá, onde residiu por algum tempo. Depois fez a linha Ibiá/Uberaba. Nesta cidade fixou-se por longo tempo e ali fez pequeno capital, estabelecendo-se no ramo de cereais por atacado, apoiado por Boulanger Pucci.

Dizia que deixou lá em Uberaba uma filha.

Depois mudou-se para Bauru, onde foi comerciário e dali transferiu-se para Três Lagoas, sempre trabalhando para a família Fenelon como cometa e de onde voltou para Dores a chamado do pai. Chegando em Dores, trabalhou na loja de Nenen Jeremias e depois foi nomeado Escrivão do Judicial. Casou-se com a antiga namorada. Foi ótimo filho e pai amoroso.

3

Jacintho, José, Zacharias,

AFRA RODRIGUES BRAGA (falecida)
c. c. Herculino Ribeiro de Sousa*(falecido)

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Fenelon Ribeiro	c. c.	Clarice Peres Caldeira (Brant), depois Clarice Caldeira Ribeiro
2. Herculino Ribeiro Filho	c. c. p.	A. Ribeiro Zica
3. Lila Zica		Solteira
4. Boulanger Rodrigues de Souza	s. j. de	Célia Machado
5. Eliseu		Falecido impúbere
6. Silvério		Falecido impúbere
7. Geralda		Falecida impúbere

*Herculino é filho de Theóphilo Ribeiro de Souza e Antônia Flora de Souza.

Neto de Militão José Ribeiro e Souza e Carlota Maria de São José; Cândido José Ribeiro e Guilhermina Victória de Souza.

Bisneto de Joana Jeracina de Proença; Ana Joaquina de São José e Manoel Antônio de Almeida.

Trineto de AMARO DA COSTA GUIMARÃES (Capitão Amaro) e Joaquina Antunes de Faria.

Tetraneto de Jerônimo da Costa Guimarães e Damiana de São José.

Pentaneto de João Pinto Coelho, o velho (de Pitangui).

Nota: C. Cunha Corrêa, à página 90 de *"Serra da Saudade"*, esclarece: "Os primeiros povoadores do centro e sul de Minas, vindos de São Paulo, eram bandeirantes de alta linhagem, procedentes de famílias educadas no colégio dos jesuítas".

Depois de muito lidar,
Em seu cartório, sozinho,
Herculino para a casa,
Leve como um passarinho.

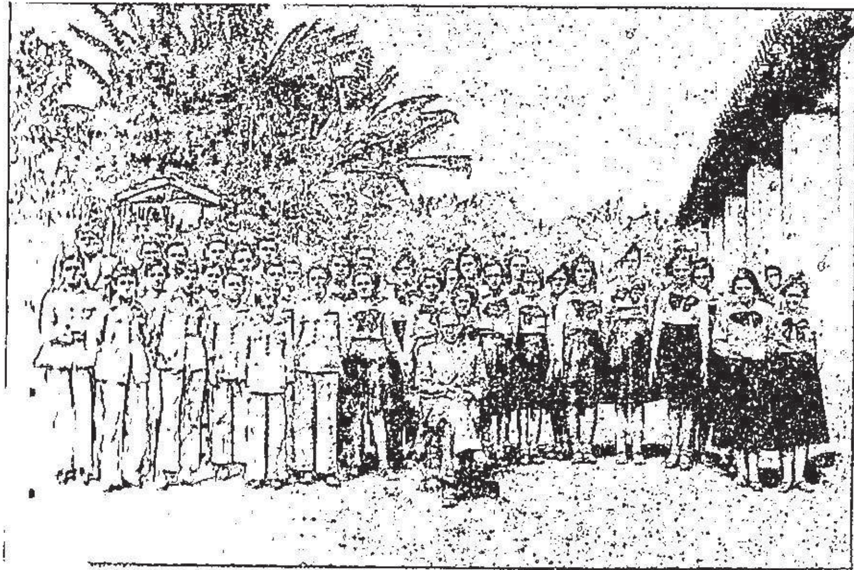
Em sua casa, tranquila,
No meio de muitas flores,
A Dona Afra assim vivia,
Para os filhos, seus amores.

PNT/ACSG

Jacintho, José, Zacharias, Afra,

FENELON RIBEIRO
c. c. Clarice Peres Caldeira (Brant)
depois Clarice Caldeira Ribeiro

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Teófilo José Ribeiro, Dr.		Faleceu solteiro
2. Hilton Caldeira Ribeiro (ex-Zica)	c. c.	Solange Silva Lages
3. Clara Caldeira Fenelon	c. c.	Raimundo Ronaldo de Souza
4. Marcos Caldeira Ribeiro, universitário de engenharia		
5. Clarice Fátima de Souza, doutoranda em medicina	c. c.	Olavo Antônio de Souza, Dr.



Turma do Ginásio Dorense em 1937



Teófilo nos seus melhores dias, logo após a formatura

PEQUENA BIOGRAFIA DO MEU FILHO TEÓFILO JOSÉ RIBEIRO

Concebido aqui, gerado ali, nascido acolá e criado na estrada, andou de déu em déu, como o pai, até morrer prematuramente, com 26 anos, 8 meses e 24 dias: viveu de 9 de março de 1950 a 2 de dezembro de 1976.

Batizado em Montes Claros, terra de sua mãe e onde nasceu na maternidade da Santa Casa, foi crismado por D. Manoel Nunes Coelho, em Dores, terra do seu pai.

Cursou o 1.º e 2.º ano primário em Patrocínio, o 3.º com os maristas em Montes Claros quando, com 9 anos, separou-se dos pais pela primeira vez e a quem visitou em Teófilo Otoni, chorando ao despedir-se, dor que machuca até hoje.

Reuniu-se à família em Belo Horizonte, época em que seu pai começou a viajar como fiscal de banco. Na capital completou o primário no Colégio Marista.

Mudando-se para o Rio, passou a ter o pai junto, que parou de viajar.

Ingressa no Colégio Pedro II, onde cursa com o maior proveito a 1.ª e a 2.ª série.

Nova separação com a transferência de seu pai para Vitória, ficando no Rio com a mãe e os irmãos. Pede para continuar no Rio, o que já não é mais possível.

Vai para Vitória com a mãe e os irmãos e ingressa no Colégio Estadual, onde faz a 3.ª e a 4.ª série, mais o 1.º e o 2.º científico.

Adolescente em Vitória, ali curte a vida: enturma, é escoteiro, é surfista, participa de gincanas, aprende a dirigir. É modelo de filho.

Nova transferência, porque um ladrão vulgar precisava do lugar de seu pai, na época gerente campeão de um banco que começava a degringolar.

Volta a Belo Horizonte, once conclui o científico no Colégio Universitário, tempo que aproveita a vida com o maior entusiasmo, integrando o grupo Coluni, que marcou época.

Entra para a Escola de Arquitetura, compra seu primeiro carro e começa a ganhar dinheiro em atividades avulsas: censo, fiscalização de vestibular, estágio e emprego em firmas especializadas e Secretaria de Obras, participando do projeto Ceasa.

Viajava nas férias e conheceu o Paraguai, Argentina e Uruguai.

Compra novo carro, moto, forma-se. Vai para Divinópolis como engenheiro da Prefeitura; pega obras na Capital e faz projetos.

Muda de carro, tem suas namoradas. Sofre acidentes. Vai passar o carnaval em Pirapora e se arrebenta em Várzea da Palma, voltando bastante machucado, o que lhe provoca convulsivo choro. O carro acabou.

Adquire carro zero e toca a vida, quando lhe sobreveio uma tosse crônica, que os exames e abreugrafias não foram suficientes para identificar. Inespecífica, assintomática.

Era o começo do fim. A doença que o levaria já estava presente.

Torturado sem resultado, a título de "tratamento", submeteu-se a uma endoscopia. . . que confirmou a triste suspeita.

A barberagem médica deu uma demão à doença, resultando em água no pulmão, o que impedia a cirurgia. Mesmo assim, submeteu-se a uma operação, onde os cirurgiões pintaram e bordaram, judiando dele a ponto de sair da sala dizendo que antes tivesse suicidado. Como penou, como sofreu, mas como foi forte, como foi homem!. . .

Muito orgulhoso, muito vaidoso, não queria visitas.

Foi piedoso com os pais, silenciando sua dor para não magoá-los, para não alarmá-los.

Acabou com a namorada, vendeu o carro. Enfrentou a morte com muita coragem. Avisou ao pai, calmamente: "olha, pai, estou à beira do abismo, não tenho mais jeito".

Pediu para ser levado ao hospital, o hoje "Belo Horizonte" e lá o médico receitou-lhe os comprimidos de sempre, mais uma injeção e ele começou a agonia, entrou em coma gemendo e morreu sorrindo. Presente um sacerdote franciscano, que ministrou o último sacramento.

Foi o primogênito e tinha muita capacidade de liderança.

Pelo lado materno é um Belo, Brant, Caldeira, Coutinho, Durães, Peres, Veloso, Vieira.



Teófilo José Ribeiro

✫ 9-03-1950

† 2-12-1976

Rubrica de Teófilo

Jacintho, José, Zacharias, Afra, Fenelon

CLARA CALDEIRA FENELON (Montes Claros)
depois Clara Fenelon de Souza
c. c. Raimundo Ronaldo de Souza, Roca (Acesita)

FILHOS
1. Carina Fenelon de Souza
2. Cristiano Fenelon de Souza

Obs.: Carina e Cristiano são, pelo lado paterno, netos de Zélia Sampaio, Hn 1052 citada por Pedro Maciel Vidigal à p. 741 de sua notável obra "Os antepassados", II vol., tomo 2.º, 1.ª parte: Os Martins da Costa.

Descendem portanto de D. Afonso Henriques, 1.º Rei de Portugal e ainda de Amador Bueno, João Ramalho e dos caciques Piquerobi e Tibiriçá.

HILTON CALDEIRA RIBEIRO
c. c. Solange Silva Lages (Tarumirim)
depois Solange Silva Ribeiro

CARLICE FÁTIMA DE SOUZA, doutoranda (Patrocínio)
depois Carlice Fátima de Souza Lima
c. c. Olavo Antônio de Souza, Dr.

Jacintho, José, Zacharias, Afra

HERCULINO RIBEIRO FILHO
c. c. p. A. Ribeiro Zica

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Oscar Boulanger Ribeiro, Dr.	c. c.	Nanci Maria de Fátima

Jacintho, José, Zacharias, Afra, Herculino,

OSCAR BOULANGER RIBEIRO, Dr.
c. c. Nanci Maria de Fátima

FILHOS
1. Cristina
2. Flávia Boulanger Ribeiro

Jacintho, José, Zacharias, Afra
BOULANGER RODRIGUES DE SOUZA (Gegê)
c. 1 c. s. j. de Célia Machado

FILHOS
1. Rayssa
2. Reysson
3. Rosângela

c. 2 c. Carmem Terra

4

Jacintho, José, Zacharias,
ANTÔNIO RODRIGUES ZICA (2.º)
c. c. v. Elvira de Souza Marques

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Antônio Zica Filho	c. c.	Carmem Cardoso Zica
2. Edith Zica	c. c.	N. Peçinha Araujo
	u. c. Goiana:	
3. Cláudio		

O CASAMENTO DE TIANTONHO

O Sontonho era o mais velho varão do segundo casamento de Zacharias.

Criado na lida brava, no trabalho duro, do pai recebeu mais que os outros em iniciativa, desassombro e coragem.

De muita disposição, sabia faturar o seu, não só em suas famosas "comitivas" de gado, como em negócios. Foi boiadeiro e foi fazendeiro.

Quando solteiro, bebia bem. Alto, olhos azuis, corpulento, voz grossa, de comando, apesar de arrimo de família, era um bom partido. Sempre foi perdido por um rabo de saia. Mas era respeitoso como quê. E muito brioso.

Estava de "asa virada" por uma jovem e prendada viúva sem filhos, à qual vinha prometendo casamento; e já freqüentava a casa dos pais dela como sério pretendente, fazendo vestibular para noivo, enquanto arrumava a vida.

Eis que um belo dia o sogro deu uma festa, houve farto e caprichado jantar, muita bebida, gente importante e até o vigário.

Sontonho lá estava na melhor fatiota.

Acontece que nosso herói facilitou no copo, ficou por demais entusiasmado e como o pessoal botasse fogo no assunto de noivado, ele, naquela euforia, topou muito mais: não ficava noivo, casava logo, ali, na hora. Em dois tempos o padre fez-lhe uma confissão ligeira, enquanto a futura esposa se aprontava.

E ele, naquela "fogueira" toda, sob palmas dos presentes, recebeu o "conjugo vobis". Logo a festa acabou e foram dormir.

Quando acordou de manhã e viu que estava em leito estranho, com o seu bem-querer do lado, exclamou entre assustado e envergonhado: "Nossa! Bebi demais! Olhe o que aprontei! Como vou explicar esta?". Pedindo mil desculpas e fazendo movimento para sair, recebeu então daquela que seria sua companheira até o fim da vida, os esclarecimentos que vieram desanuviar seu conturbado espírito: que não se preocupasse, estava tudo certo, que se lembrasse direito, pois haviam se casado na noite anterior.

Aquela informação foi para ele um alívio, principalmente ao ver que a noiva estava toda feliz. É claro que sustentou a nota e atravessou a vida com S'Elvira, que foi esposa e tanto, modelo de bondade, paciência e compreensão.

Mas o Tiantonho nunca mais bebeu.

Jacintho, José, Zacharias, Antônio,
ANTÔNIO ZICA FILHO
c. c. Carmem Cardoso Zica

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Edna Maria Zica Santos	c. c.	José Antônio dos Santos
2. Nanci Cardoso Zica Barbosa	c. c.	Geraldo Magela Barbosa
3. Suely Cardoso de Sá	c. c.	Pedro Ernane Franco de Sá
4. Ronaldo Cardoso Zica	c. c.	Rosângela del Debbio Zica
5. Everaldo Cardoso Zica		
6. Nivaldo Cardoso Zica		

Jacintho, José, Zacharias, Antônio, Antônio Filho,
RONALDO CARDOSO ZICA
c. c. Rosângela Del Debbio Zica

FILHOS
1. Renato Del Debbio Zica

SUELY CARDOSO DE SÁ
c. c. Pedro Ernane Franco de Sá

FILHOS
1. Danilo Cardoso de Sá
2. Flávio Cardoso de Sá
3. Cristiano Cardoso de Sá

Jacintho, José, Zacharias, Antônio, Antônio Filho,
NANCI CARDOSO ZICA BARBOSA
c. c. Geraldo Magela Barbosa

FILHOS
1. Fabíola Zica Barbosa
2. Sérgio Zica Barbosa

EDNA MARIA ZICA SANTOS
c. c. José Antônio dos Santos

FILHOS
1. Vanessa Zica Santos
2. Débora Zica Santos
3. José Antônio Zica Santos
4. Fabrício Zica Santos
5. Viviane Zica Santos

Jacintho, José, Zacharias, Antônio,
EDITH ZICA
c. c. N. Peçanha de Araújo

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Sílvia Helena de Araújo Andrade	c. c.	Ênio Andrade
2. Roberto Eustáquio de Araújo, Dr.	c. c.	Araci da Costa Silva Araújo
3. Paulo Roberto de Araújo	c. c.	Maria Cristina Bittencourt de Araújo
4. Ricardo Alberto de Araújo	c. c.	Tânia Lúcia Fiúza de Araújo
5. Rodrigo Eduardo de Araújo		
6. Tânia Márcia de Araújo		

Jacintho, José, Zacharias, Antônio, Edith,
SÍLVIA HELENA DE ARAÚJO ANDRADE
c. c. Ênio Andrade

FILHOS
1. Rogério Araújo Andrade
2. Valeska Araújo Andrade
3. Sérgio Araújo Andrade
4. Fernando Araújo Andrade

Jacintho, José, Zacharias, Antônio, Edith,
ROBERTO EUSTÁQUIO DE ARAÚJO
c. c. Araci da Costa Silva Araújo

FILHOS
1. Bruno Otávio da Costa Araújo
2. Marina Elisa da Costa Araújo

PAULO ROBERTO DE ARAÚJO Dr.
c. c. Maria Cristina Bittencourt de Araújo

RICARDO ALBERTO DE ARAÚJO
c. c. Tânia Lúcia Fiúza de Araújo

FILHOS
1. Michele

6

Jacintho, José, Zacharias,
FRANSCISCO NORBERTO ZICA
c. c. Margarida Gonçalves de Melo (Dica)

FILHOS		GENROS/NORAS
1. José do Nascimento Zica	c. c.	Ilsa Gonçalves Zica
2. Maria José Gonçalves de Melo Zica		Solteira

Jacintho, José, Zacharias, Francisco,
JOSÉ DO NASCIMENTO ZICA
c. c. Ilsa Gonçalves Zica

FILHOS
1. Aloísio Ricardo Gonçalves Zica
2. Fábio Martinho Gonçalves Zica

Da Alemanha, Walter Ude
Aqui chegou, certo dia,
Se enamorou da cidade,
Formando a sua família

PNT, *Antônio Caetano da Silva Guimarães Júnior*

RAPADURA X RAPARIGA

O Walter Alemão, quando chegou em Dores, sua segunda terra, estava cru de tudo em "dorês", o dialeto que se falava por estas bandas.

Ariano puro, orgulhoso do elevado QI de sua raça, vindo da mais desenvolvida região de seu grande país, sentia-se humilhado vendo qualquer criança ou qualquer crioulo falar nosso idioma, situação que procurava contornar – sem resultado – com seus conhecimentos de francês.

Volta e meia entrava em fria e ficava vermelho da silva. A situação mais difícil que enfrentou foi com a Sá Norina, comerciante na própria casa de residência, que tinha cômodo adequado e ficava na Rua Quinze, que continua sendo RUA mas metida a Avenida.

Era a 'Norina mui moralista e ao extremo zelosa das três filhas, que resguardava a todo custo da maldade dos homens e dos olhares da rapaziada, particularmente estranhos e especialmente estrangeiros.

O Walter, ainda xeno, na maior inocência, querendo comprar rapadura, entrou no armazém e pediu uma. . . rapariga!

Foi o bastante para a'Norina sair com o godo pela cabeça, xingando e dizendo que não era uma zabaneira, para baixar em outro centro, que ali não era o tipo de casa que ele pensava, era casa de família, etc. e tal.

Sem condições de argumentar, não teve o genearca dos Ude no Brasil outra saída senão botar a viola no saco e se retirar sem a sua sobremesa preferida.



O Godó, do Válter, em Curitiba, 1953. Irmão Otávio Alberto

8

Jacintho, José, Zacharias,

JOANA RODRIGUES ZICA
c. c. Walter Ude, de Essen

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Elza Guilhermina Ude	c. c.	Pio Paganini
2. Joana D'Arc Ude		Solteira
3. Walter Godofredo Ude, religioso		Solteiro
4. Gisela Ude	c. c.	Agenor José Feliciano
5. Geraldo Ude	c. c.	Maria do Carmo (Fia)
6. Joaquim Ude, Dr.	c. c.	Zilá Caetano Boaventura
7. Elizabeth Ude	c. c. e.	Antônio Giovani Todde
8. Maria Helena Ude	c. 1 c.	Job Marques
	c. 2 c.	Abel Santos
9. Paulo Ude	c. 1 c.	Irani Cordeiro
	c. 2 c.	Maria das Graças
10. Pedro Ude, Dr.	c. c.	Marta Carvalho
11. Oto Ude, Dr.	c. c.	Amire Sarkys Ude
12. Alberto Carlos Ude	c. c.	Adélia Pereira
13. Maria Eloísa Ude, falecida com 19 anos		Solteira
14. Carmem Maria Ude	c. c. p.	Wilson Zica da Cruz

Jacintho, José, Zacharias, Joana,
ELSA GUILHERMINA UDE
c. c. Pio Paganini

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Walter Francisco Paganini	c. c.	Rochane Abreu
2. Vânia Maria Paganini	c. c.	Eduardo Torres Sampaio

GISELA UDE
c. c. Agenor José Feliciano

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Júlio		Falecido
2. Nilson Wagner Feliciano	c. c.	Maria Aparecida Silva
3. Geraldo Magela	c. c.	Idelma
4. Beatriz	c. c.	Oto
5. Roberto	c. c.	Selma Silva Ude

GERALDO UDE
c. c. Maria do Carmo

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Maria do Carmo		
2. Walter Francisco	c. c.	Maria José
3. Maria Regina		
4. Alberto Camilo		
5. Ricardo		

JOAQUIM UDE, Dr. (Côla)
c. c. Zilá Caetano Boaventura
depois Zilá Boaventura Ude

FILHOS
1. Mauro Boaventura Ude
2. Denise Boaventura Ude (Tiúca)
3. Eduardo Boaventura Ude

Jacintho, José, Zacharias, Joana,
ELIZABETH UDE
depois Elizabeth Ude Todde
c. c. e. Antônio Giovanni Todde (Nuoro, Sardenha, Itália)

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Pietro Ângelo Todde	c. c.	Denise Carlos Todde
2. Júnia de Fátima Todde		
3. Isabel Cristina Todde	c. c.	Jarbas de Castro Pedra Filho
4. Elizabeth Todde		
5. Renata Todde		
6. Antônio Giovanni Jr.		
7. Giovana		

Jacintho, José, Zacharias, Joana, Guilhermina,
WALTER FRANCISCO PAGANINI
c. c. Rochane Abreu

FILHOS
1. Anderson

VÂNIA MARIA PAGANINI
c. c. Eduardo Torres Sampaio

FILHOS
1. Luciana
2. Eduardo Torres Sampaio Jr.

Jacintho, José, Zacharias, Joana, Gisela,
NILSON WAGNER FELICIANO
c. c. Maria Aparecida Silva

ROBERTO FELICIANO UDE
c. c. Selma Silva Ude

FILHOS
1. Igor Vale Feliciano

Jacintho, José, Zacharias, Joana, Gisela,

GERALDO MAGELA

c. c. Idelma

FILHOS
1. Cíntia
2. Nádia
3. Tatiana

BEATRIZ

c. c. Oto

FILHOS
1. Marco Aurélio
2. Juliana

Jacintho, José, Zacharias, Joana, Elizabeth

ISABEL CRISTINA TODDE

c. c. Jarbas de Castro Pedra Filho

FILHOS
1. Fabiana

Jacintho, José, Zacharias, Joana,

MARIA HELENA UDE (Lena)

c.1 c. Job Marques

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Walter Ernesto Marques	c. c.	Maria da Conceição Freitas
2. Helecine Ude Marques		
3. Joanita Ude Marques		

c. 2 c. Abel Santos

4. Abel
5. Carmem Lúcia (Cacá)

Jacintho, José, Zacharias, Joana,

PAULO UDE

c. 1 c. d. Irani Cordeiro, sem filhos

c. 2. c. Maria das Graças

FILHOS
1. Aline
2. Paula Zacharias

PEDRO UDE, Dr.

c. c. Marta Carvalho

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Walter Romero Carvalho Ude (Torró)	c. c.	Ana Maria
2. Maria Sílvia		
3. Márcia Luciano		
4. Pedro Ude Filho		
5. Frederico Carvalho Ude		

OTO UDE, Dr.

c. c. Amire Sarkys Ude

FILHOS
1. Maria Aparecida Sarkys Ude
2. Marcos
3. Paulo César
4. Mônica
5. Silvana
6. Roberto
7. Cláudio
8. Alexandre (Xandoca)

A CAÇADA DO PAULINHO

Com um metro e noventa e tantos, beirando 150 quilos, uma disposição fora do comum, o Paulinho é o único filho homem da Joaninha que tem diminutivo no apelido.

Na sua adolescência foi bancário no norte de Minas. Rapagote prestativo, atencioso, amigo de todo mundo.

Um belo dia foi passear na fazenda de um médico, cliente do banco.

Conseguiu uma besta e uma espingarda, bastante cartucho e foi sozinho. Era um domingo.

Pouco antes de chegar à sede, onde não havia ninguém, o Paulinho deparou com uma bruta lagoa, cheia de patos, marrecos, gansos e paturis.

Não teve dúvida: desviou o animal para um mato, apeou, amarrou a besta, pôs o cinturão, carregou a arma e, cautelosamente, abeirou-se da lagoa, protegido por adequados arbustos e, ficando em exepcional posição de tiro, fez aquela "capina" nos anseriformes do doutor, que os CRIAVA para, comendo caramujos, limpar a lagoa, face a presença da esquistossomose na região.

À tarde chega ele de garupa cheia, satisfeito com o sucesso da caçada e sabe onde foi parar primeiro, para levar um pouco da caça? Na casa do médico fazendeiro o qual, político fino, nortista maneiroso e admirador do Paulinho, recebeu com muita "alegria" os presentes e até o convidou para ir comer em sua casa. . .

Você já imaginou o sem graça de nosso personagem quando soube que se tratava de patos de estimação, trazidos de longe para manter a lagoa limpa de caramujo portador da terrível doença?

Mas a ingenuidade do Paulinho era tanta, que o fato transformou-se em piada e entrou para o folclore local, sem o menor arranhão de amizade.

Jacintho, José, Zacharias, Joana, Maria Helena,
VALTER ERNESTO MARQUES
c. c. Maria da Conceição Freitas

FILHOS
1. Vinícius de Souza Marques

Jacintho, José, Zacharias, Joana,
ALBERTO CARLOS UDE (Racha)
c. c. Adélia Pereira

FILHOS
1. Joana D'Arc
2. Carla
3. Elizabeth (Tequinha)

Jacintho, José, Zacharias, Joana,
CARMEM MARIA UDE (Carmita)
c. c. p. Wilson Zica da Cruz

FILHOS
1. Adriana Zica Ude
2. Bruno

LEMOS
De Galisa são os Lemos
Antigos fortes e nobres
Como hoje em dia vemos
Mas os de cá como pobres
Por pobres os esquecemos.

(D. João Ribeiro Gayo, Bispo de Málaca, 1601)

9

Jacintho, José, Zacharias
TEREZA RODRIGUES ZICA
c. c. Francisco Lemos da Silva Filho

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Dalva		Faleceu com 4 anos
2. Doralice Lemos Zica, depois Doralice Lemos Santos	v. v.	Jeovah Moreira Santos (Vasinho)
3. Beatriz Lemos Zica, depois Beatriz Lemos Coutinho	c. c.	Marcionilo Chagas Coutinho (Maneco)
4. Nylton Lemos da Silva	c. c.	Maria José Ribeiro
5. Murilo Lemos Zica	c. c.	Adalci Rezende
6. Francisco de Assis Lemos Zica		Solteiro
7. Milton José da Silva	c. c.	Ivone Caldeira Pérez
8. Fernando Antônio Lemos	c. c.	Junivani Pereira
9. Heitor Eustáquio Lemos Zica		Solteiro
10. Berenice Lemos Zica, depois Berenice Lemos de Andrade	c. c.	Décio René de Andrade

Jacintho, José, Zacharias, Tereza,

DORALICE LEMOS SANTOS
c. c. Jeovah Moreira dos Santos, falecido

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Elen Lemos Henrique	c. c.	José Anastácio Henrique, Dr.
2. Lúcia Lemos Santos	c. c.	Hélio Diogo da Silva

BEATRIZ LEMOS
c. c. Marcionilo Chagas Coutinho

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Leide Chagas Coutinho		
2. Roberto Chagas Coutinho	c. c.	Dilma Pires Pimenta
3. Ricardo Chagas Coutinho		
4. Maria da Conceição Pompemaier	c. c.	Pompeu Pompemaier
5. Virgínia Lemos Vaz (Lolô)	c. c.	Ângelo Vaz
6. José Rubens Chagas Coutinho (Guito)		
7. Tereza Margareth Lemos Coutinho		
8. Mônica Lemos Coutinho		

NYLTON LEMOS DA SILVA (Toca)
c. c. Maria José Ribeiro

FILHOS
1. Valteci Lemos Ribeiro
2. Francisco Stocler Lemos Ribeiro — Falecido com 14 anos
3. Isabel Tereza
4. Newton Lemos Ribeiro

Jacintho, José, Zacharias, Tereza, Doralice,
HELEN LEMOS HENRIQUE
c. c. José Anastácio Henrique, Dr.

FILHOS
1. Alexandra
2. Petrônio
3. Cícero

Jacintho, José, Zacharias, Tereza,
MURILO LEMOS ZICA
c. c. Adalci Rezende

FILHOS
1. José Silvério Lemos
2. Áurea Lemos
3. Gabriel Lemos
4. Rui Lemos
5. Murilo Lemos Jr.
6. Maria Aparecida Lemos
7. Glaúcia Lemos
8. Ênio Lemos
9. Fabíola

MILTON JOSÉ LEMOS DA SILVA (Toninho)
c. c. Ivone Caldeira Pérez

FILHOS
1. Luciano
2. Marco Antônio

FERNANDO ANTÔNIO LEMOS
c. c. Junivani Pereira

FILHOS
1. Fernando Antônio Lemos Jr.
2. Heitor Eustáquio Lemos
3. Rodrigo Eugênio Lemos Pereira
4. Tereza Cristina Lemos Pereira

BERENICE LEMOS ANDRADE
c. c. Décio René de Andrade

FILHOS
1. Carlna Lemos Andrade
2. Dalguo Lemos Andrade
3. Téo Lemos Andrade

Jacinto, José, Zacharias, Tereza, Beatriz,

LEIDE CHAGAS COUTINHO

c. c.

FILHOS
1. Adriani Lemos Carneiro

ROBERTO CHAGAS COUTINHO

c. c. Dilma Pires Pimenta

FILHOS
1. Leslie
2. Michel

MARIA DA CONCEIÇÃO POMPEMAIER

c. c. Pompeu Pompemaier Neto

FILHOS
1. Fábio Pompemaier
2. Daniel

VIRGÍNIA LEMOS VAZ

c. c. Ângelo Vaz

FILHOS
1. Rodrigo
2. Poliana (Popo)

Ei-lo na sua oficina,
Apesar de aposentado,
Querido José Fidélis,
Muito alegre, entusiasmado.

PNT, Antônio Caetano da Silva Guimarães.

10

Jacintho, José, Zacharias,

AURESLINA RODRIGUES ZICA (Lilica)

c. c. José Fidélis

FILHOS		GENROS/NORAS
1. José Fidélis Filho	c. c.	Maria Adália Faria, depois Maria Adália Fidélis
2. Ronaldo Rodrigues Zica	c. c.	Maria de Lourdes Silva Zica
3. Maria da Conceição Zica	c. c.	Oto de Oliveira
4. Conrado Zica		Solteiro
5. Marlene Zica		Solteira
6. Maria Auxiliadora Zica de Oliveira	c. c.	Adilon Correa de Oliveira
7. Aimée Maria Zica da Encarnação	c. c.	Washington Augusto da Encarnação

Jacintho, José, Zacharias, Aureslina,

JOSÉ FIDÉLIS FILHO

c. c. Maria Adália Faria
depois Maria Adália Fidélis

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Suely Faria Fidélis	c. c.	Oswaldo Faria Moura
2. Paulo Roberto Faria	c. c.	Márcia Maria
3. Edna Faria Fidélis	c. c.	Augusto Silveira Brun
4. Nanci Fidélis Costa	c. c.	Abelardo Ribeiro Costa
5. Maria Aparecida Fidélis Oliveira	c. c.	Mário Antônio de Oliveira

RONALDO RODRIGUES ZICA (Nadinho)

c. c. Maria de Lourdes Silva Zica

FILHOS		GENROS/NORAS
1. José Ronaldo Fidélis	c. c.	Nívia Luzia Souza Figueiredo, depois Lívia Luzia Figueiredo Fidélis
2. Maricélida Silva Mendes	c. c.	Élcio Lopes Mendes
3. Aluísio Antônio Rodrigues Silva		Solteiro

Jacintho, José, Zacharias, Aureslina, José F.º,
SUELY FARIA FIDÉLIS
c. c. Oswaldo Faria Moura

FILHOS
1. Sérgio Faria Moura
2. Ricardo Fidélis Moura
3. Carina Faria Fidélis

PAULO ROBERTO FARIA
c. c. Márcia Maria

FILHOS
1. Paulo Roberto Jr.

EDNA FARIA FIDÉLIS
c. c. Augusto Silveira Brun

FILHOS
1. Wagner Fidélis Brun
2. Cristini Fidélis Brun

NANCI FIDÉLIS COSTA
c. c. Abelardo Ribeiro Costa

FILHOS
1. Marcelo Fidélis Costa
2. Rodrigo Fidélis Costa

MARIA APARECIDA FIDÉLIS OLIVEIRA
c. c. Mário Antônio de Oliveira

FILHOS
1. Paulo Henrique Fidélis Oliveira
2. Daniel Fidélis Oliveira

Jacintho, José, Zacharias, Aureslina, Ronaldo,
JOSÉ RONALDO FIDÉLIS
c. c. Nívia Luzia Souza Figueiredo
depois Nívia Luzia Figueiredo Fidélis

FILHOS
1. Fabiano Figueiredo Fidélis
2. Flávia Figueiredo Fidélis
3. Fabrício Figueiredo Fidélis

MARICÉLIDA SILVA MENDES (Branca)
c. c. Élcio Lopes Mendes

FILHOS
1. Cláudia Lages Mendes
2. Magno Lages Mendes
3. Vinício Lages Mendes

Jacintho, José, Zacharias, Aureslina,
MARIA DA CONCEIÇÃO ZICA (Nega)
c. c. Oto Oliveira

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Rubens Eugênio de Oliveira	c. c.	Alaíde Versiani de Oliveira
2. Fernando Antônio de Oliveira	c. c.	Geni Lucas Barbosa
3. José Mauro de Oliveira	c. c.	Vitalina Fonseca Campos de Oliveira
4. Maria das Graças de Olivera Campos	c. c.	José Maria Fonseca Campos
5. Maria José Oliveira Moura	c. c.	José Gentil Souza Moura
6. Regina Coeli de Oliveira	c. c.	Ronaldo Rodrigues Marques
7. Eloisa Maria de Oliveira	c. c.	Domingos Ramos Ribeiro
8. Eliana Fátima de Oliveira Barbosa	c. c.	Herval Rodrigues Barbosa
9. Rosa Helena de Oliveira Guimarães	c. c.	Mário Oliveira Guimarães
10. Simeão José Fidélis de Oliveira		
11. Maria Alice de Oliveira		
12. Sara Kelen de Oliveira		

Jacintho, José, Zacharias, Aureslina,
MARIA AUXILIADORA ZICA DE OLIVEIRA (Dorinha)
c. c. Adilon Corrêa de Oliveira

FILHOS
1. Ivan de Oliveira, falecido
2. Tânia de Oliveira
3. Eliana Maria de Oliveira
4. André Luiz de Oliveira

AIMÉE MARIA ZICA DA ENCARNAÇÃO
c. c. Washington Augusto da Encarnação

FILHOS
1. Vinícius da Encarnação
2. Débora da Encarnação
3. Augusto César da Encarnação

Jacintho, José, Zacharias, Aureslina, Maria(Nega)
RUBEM EUGÊNIO DE OLIVEIRA
c. c. Alaíde Versiani de Oliveira

FILHOS
1. Rui Versiani de Oliveira
2. Rúbia Versiani de Oliveira
3. Ruth Versiani de Oliveira

FERNANDO ANTÔNIO DE OLIVEIRA
c. c. Geni Lucas Barbosa

FILHOS
1. Danilo Barbosa de Oliveira
2. Fábio Barbosa de Oliveira
3. Fernando Antônio de Oliveira Jr.

Jacintho, José, Zacharias, Aureslina, Maria(Nega)
JOSÉ MAURO DE OLIVEIRA
c. c. Vitalina Fonseca Campos de Oliveira

FILHOS
1. Mauro César Campos de Oliveira
2. Luciana Campos de Oliveira
3. Patrícia Campos de Oliveira

MARIA DAS GRAÇAS DE OLIVEIRA CAMPOS
c. c. José Maria Fonseca Campos

FILHOS
1. Elen Cristine Fonseca Campos de Oliveira
2. Erika Fonseca Campos de Oliveira

MARIA JOSÉ DE OLIVEIRA MOURA
c. c. José Gentil Souza Moura

FILHOS
1. Dênio Augusto de Oliveira Moura
2. Eveline Raquel de Oliveira Moura
3. Daniel Henrique de Oliveira Moura

REGINA COELI DE OLIVEIRA
c. c. Ronaldo Rodrigues Marques

FILHOS
1. Kênia de Oliveira Marques
2. Rodrigo de Oliveira Marques
3. Ricardo de Oliveira Marques

ELOÍSA MARIA DE OLIVEIRA SANTOS
c. c. Domingos Ramos Ribeiro

FILHOS
1. Viviani de Oliveira Santos
2. Virgínia de Oliveira Santos

Jacintho, José, Zacharias, Aureslina, Maria(Nega)

ELIANA FÁTIMA DE OLIVEIRA BARBOSA

c. c. Herval Rodrigues Barbosa

FILHOS
1. Caroline de Oliveira Barbosa
2. Lívia de Oliveira Barbosa

ROSA HELENA DE OLIVEIRA GUIMARÃES

c. c. Mário Oliveira Guimarães

FILHOS
1. Eduardo de Oliveira Guimarães

PINTOR DE SANTO

O Benjamim da Miada era uma inteligência de escol, capaz de tudo; homem dos sete instrumentos.

Com uma cabeça assim fervilhante, ele, ainda forasteiro, mostrava-se sempre diferente do normal das pessoas. Visto sempre como um sujeito da "pá virada", vivia a aprontar das suas.

Foi quando lhe aconteceu a pior.

Incréu, mas bom artista, pintava ele a cúpula interna da Matriz. O motivo de seu trabalho eram os anjos. Serviço difícil, aborrecido, altos andaimes, olhando para cima, para o teto o dia todo, lá estava ele na sua faina, quando cá de baixo um curioso pergunta, por perguntar, por falta de assunto, o que ele estava pintando.

Normalmente quem está trabalhando não gosta de "sapos", de indagações. Dão sempre respostas que não agradam.

Dentro desta maneira tradicional, foi que o Benjamim respondeu, sem muito pensar:

– "Estou pintando uns bonecos. Está gostando?"

E foi aí que deu-se o inesperado: ao olhar para baixo e pender o corpo um pouco, pisou em falso, a tábua escorregou e ele despencou lá de cima, quebrando as duas pernas. . .

Aceitando aquilo como um aviso e milagre por não ter morrido, pois era para ter caído de ponta e quebrado o pescoço, deixou de brincar com as coisas divinas, comprou uma bíblia, encheu sua casa de quadro de santo e passou a ser um cristão temeroso, mas sempre à sua maneira.



Miada em Copacabana. Vê-se Teófilo e Clara

11

Jacintho, José, Zacharias,

ROMUALDA RODRIGUES ZICA (Miada)

c. c. Benjamim Antunes Ferreira

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Ângelo Antunes Ferreira	c. c.	Ieda Maria Martins Antunes Ferreira
2. Philadelpho Antunes Ferreira	c. c.	Elsa Timóteo Antunes
3. Nelsa Antunes Ferreira	c. c.	Pedro Paula Faria
4. Edson Antunes Ferreira	c. c.	Vanda Rocha
5. Roberto Antunes Ferreira	c. c.	Mary Lúcia Maciel
6. Cleusa Antunes Ferreira	c. c.	Vicente Monteiro
7. Clélia Antunes Ferreira	c. c.	Geraldo
8. Lúcia de Fátima Antunes Ferreira	c. c.	Valmir Ferreira da Silva

Jacintho, José, Zacharias, Romualda,
ÂNGELO ANTUNES FERREIRA
c. c. Ieda Maria Martins Antunes Ferreira

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Edson Antunes Ferreira Sobrinho		
2. Solange	c. c.	Robson
3. Simone		
4. Wagner		
5. Kleber		
6. Wiliam		
7. Gláucia		Falecida
8. Cláudio		
9. Maria Angélica	c. c.	Nilton Garrido Guedes
10. Ildevan		

Jacintho, José, Zacharias, Romualda, Ângelo,
SOLANGE
c. c. Robson

FILHOS
1. Camila Martins Antunes Duarte

Jacintho, José, Zacharias, Romualda,
PHELADELPHO ANTUNES FERREIRA
c. c. Elsa Timóteo Antunes

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Leonardo		
2. Cristina	c. c.	Luciano
3. Ricardo		
4. Heloísa	c. c.	Romeu

Jacintho, José, Zacharias, Romualda, Pheladelpho,
CRISTINA
c. c. Luciano

FILHOS
1. Luciana

Jacintho, José, Zacharias, Romualda,
NELSA ANTUNES FARIA
c. c. Pedro Paula Faria

FILHOS
1. Valesca
2. Ludimila

EDSON ANTUNES FERREIRA
c. c. Vanda Rocha Ferreira

FILHOS
1. Anderson Antunes Rocha Ferreira
2. Valéria Antunes Rocha Ferreira
3. Alexandre Eustáquio Antunes
4. Andrea Antunes Rocha Ferreira

ROBERTO ANTUNES FERREIRA
c. c. Mary Lúcia Maciel

FILHOS
1. Renata
2. Fabrícia
3. Gustavo
4. Luana

CLEUSA ANTUNES FERREIRA (Keu)
c. c. Vicente Monteiro

FILHOS
1. Emanuele
2. Marcos Antunes Monteiro

CLÉLIA ANTUNES FERREIRA (Keca)
c. c. [redacted]

FILHOS
1. Rodrigo, falecido
2. Leonardo
3. Luan

Jacintho, José, Zacharias, Romualda,

LÚCIA DE FÁTIMA ANTUNES FERREIRA

c. c. Valmir Ferreira da Silva

FILHOS
1. Tiago Antunes Ferreira da Silva
2. Bárbara
3. Patiara

12

Jacintho, José, Zacharias,

HUMBERTO ZICA

c. c. Maria José da Conceição

FILHOS		GENROS/NORAS
1. Sônia Conceição Zica	c. c.	Raimundo Paulo da Silva
2. João Zacharias Zica	c. c.	Geralda Pereira Zica
3. Pedro Zacarias Zica	c. c.	Maria Helena
4. Jalma Conceição Zica	c. c.	Raimundo Morais
5. Zacarias Zica Neto	c. c.	Dalva Pereira
6. Jarita Zica	c. c.	José Expedito de Andrade
7. Maria Elizabeth Zica	c. c.	Paulo Jorge
8. Joana Conceição Zica		

Jacintho, José, Zacharias, Humberto,

SÔNIA CONCEIÇÃO ZICA

c. c. Raimundo Paulo da Silva

FILHOS
1. Wiliam
2. Marcos
3. Charles (Tatao)

JOÃO ZACHARIAS ZICA

c. c. Geralda Pereira Zica

FILHOS
1. Gardênia
2. Adriana

Jacintho, José, Zacharias, Humberto,

PEDRO ZACARIAS ZICA

c. c. Maria Helena

FILHOS
1. Walace Humberto Zica

ZACARIAS ZICA NETO (Prego)

c. c. Dalva Pereira

FILHOS
1. Ewerton (Alemão)
2. Chester

JALMA CONCEIÇÃO ZICA

c. c. Raimundo Morais

FILHOS
1. Welington
2. Jaqueline
3. Luciane
4. Leandro (Teco)

JARITA ZICA

c. c. José Expedito de Andrade

FILHOS
1. Mirna
2. Sanderson (Boy)
3. Michele

MARIA ELIZABETH ZICA (Bete)

c. c. Paulo Jorge

FILHOS
1. Raquel Zica Jorge

DESCENDÊNCIA DE ZACHARIAS
Índice de casados e pais

11.ª Parte
JOÃO DE ALMEIDA BELTRÃO



TIRADENTES ESQUARTEJADO

ASCENDÊNCIA

TIRADENTES, pai ilegítimo de JOÃO DE ALMEIDA BELTRÃO.
- Discussão sobre a paternidade.
- Brasil-Portugal hoje.
- Dúvidas, opiniões e observações.
- Um xará da atualidade.
- Cronologia.
- Onomástica.
- Locais ligados à Inconfidência, a Tiradentes e à família.
- Genealogia.
- Índice de casados e pais descendentes de Maria Custódia.

A DISCUTIDA ASCENDÊNCIA DE

JOÃO DE ALMEIDA BELTRÃO
c. c. Maria Francisca da Silva

pais de

BELCHIOR DE ALMEIDA BELTRÃO TIRADENTES, o Dr. Precata
c. c. Maria Custódia Rodrigues Zica

O ASSENTAMENTO DE BATISMO, COMO O REGISTRO CIVIL, NÃO PROVAM PATERNIDADE BIOLÓGICA.

O nome de um estranho como pai é uma constante. . . até hoje.
E o estranho costuma até ser o marido da mãe. . .
A paternidade consangüínea, congênita, esta sim, aliada ao conhecimento histórico, define o verdadeiro pai.
A análise da questão do filho de Tiradentes deve levar em conta:

1. a prática da poliandria, sendo um dos parceiros estéril;
2. a conseqüente ocorrência de "chifradas";
3. a ação do melro botando ovo no ninho do tico-tico (figurando);
4. a passividade do galo capão.

ASSENTAMENTOS E REGISTROS

Isto do pai ou da mãe verdadeira não querer ou não poder aparecer no papel e no conhecimento público é comum, e é conhecida aquela senhora que "paria para as filhas", não amamentava e *registrava o neto como filho*, escondendo assim o pecado das filhas.

E, segredo guardado a sete chaves, temos outra avó que registrou como sendo seu, e criou, filho de um seu filho solteiro, livrando o inocente da situação de bastardo, que iria persegui-lo pela vida afora.

Também não é novidade, por sua constância, aqueles que ostentam até o nome do marido de sua mãe e dele não são filhos. . .

Além de outro que põem "banca" de pai, a documentação é perfeita, mas os "filhos" são de adoção, sem a menor congeneidade.

Assim, se nobre e humanitário é o instituto da adoção, ele impede à ciência o estudo da linhagem e dificulta o trabalho perfeito do genealogista no levantamento de uma família.

Mas é o que dispõe a Lei 6.697, de 10/10/1979, que protege o menor sob o manto do Art. 35 e seus parágrafos.

DESCENDÊNCIA DE TIRADENTES

O filho de sua união com EUGÊNIA FRANCISCA DA SILVA ou E. JOAQUINA DA SILVA, mulher que *viveu 121 anos:*

JOÃO DE ALMEIDA BELTRÃO, um Eros, casado com Maria Francisca da Silva, a qual, de *25 partos*, criou 9 filhos, sendo caçula o de nome BELCHIOR DE ALMEIDA BELTRÃO TIRADENTES, o Dr. Precata, que *nasceu quando sua mãe tinha quase 50 anos, fato que levou o padre a considerá-lo o anti Cristo.* Foi casado em primeiras núpcias com MARIA CUSTÓDIA RODRIGUES ZICA.

NOTAS E DOCUMENTOS
O que há por aí.

1. Carta do cônego Francisco de Assis Garcia ao Visconde de Barbacena:
"Em resposta aos requerimentos de Vossa Excelência, confirmo que a dita Eugênia Joaquina da Silva *me confessou* por mais de uma vez ser o menino João, filho do alferes Joaquim José da Silva Xavier, com quem mantinha relações ocultas nos derradeiros tempos em que viveu com o cadete José Pereira Beltrão, o qual *nunca gerou filhos em mulher*.
Outrossim, peço e requeiro a Vossa Excelência, com sumo empenho, pelos motivos já aditados em nossa conversa pessoal do mês de fevereiro, que *o nome do menino não conste dos autos* porquanto eu nutro por ele um afeto muito grande, como se fosse verdadeiro pai.
Outrossim, já providenciei a remoção da mulher com o menino para um lugar bem retirado, na Serra dita do Andaial dos Diamantes, onde viverá protegida pelo anonimato, das seqüelas do crime nefando do seu amásio e pai de seu único filho".
(*"Brazil XVIIIth Century: Crisis and Conflicts"*, de Art Macauley, página 171, citado em "O Liberal" pelo Prof. Rubens.)
2. Do caderno de anotações de D. Claudina de Souza Coelho, D. Colô: (De Dores): ". . . dona Eugênia diz que nasceu em 17. . . (ilegível), ela tem então mais de 100 anos! Ela contou que o Belchior é o mais parecido com o avô, que tem o modo de falar alto e o mesmo ar espantado do Tiradentes".

COMENTÁRIOS E SUBSÍDIOS

- Ao livro *"Tiradentes, a alguma verdade"*, de Faraco:
  — Transcreve a petição de 05/11/1789 (após a prisão de Tiradentes em 10/05) da menor órfã Antônia Maria do Espírito Santo, que também seria filha de Maria Josefa e, portanto, irmã de Eugênia. Na petição conta que Tiradentes

"lhe tirou a pudicícia", tirou-a de casa e a deixou com uma filha, abandonando-a com 16 anos e indo para o Rio em 2 de março de 1787. (A filha é Joaquina, batizada em 31/08/1786). O pedido visava reaver escrava e crias que Tiradentes deu a ela e que foram confiscados.

— Admite que o cadete consentiu em aparecer como pai de João, mas que tal reconhecimento *foi uma farsa* e que o Alferes "nas noites outonais de 1786 andava a colher frutas maduras (embora ele gostasse das "de vez") de cama em cama em certa casa de rua da periferia. (Devia ser na casa de Dona Josefa, a qual, no recenseamento de 1804, tinha em casa 6 filhas e 10 netos. . .)

— Conta que "prometeu o paraíso às prostitutas. . ."

- Ao livro *"Tiradentes, a áspera estrada para a Liberdade"*, de Luís W. Torres:

— Relata que "numa dada fase de sua vida conheceu uma *pobre viúva* (parece que quis dizer: conheceu *filha* de uma pobre viúva), que morava nos arredores de Vila Rica. Teve dela uma filha de nome Joaquina. . ."

— Relata informações de um Cônego inconfidente o do Frei seu confessor, de que "Tiradentes era um homem animoso. Daqueles indivíduos da espécie humana que põem em espanto a mesma natureza: entusiasta, empreendedor, habilidoso, afoito e destemido. . ."

- Ao livro *"Serra da Saudade"*, de C. Corrêa:

— Que Eugênia, "mulher amargurada, viveu em sobressaltos, em pânico, naqueles dias; sofreu e penou, passando dias inteiros de ansiedade e pavor".

— Que "Tiradentes regou na Pátria a semente (que parece não era de boa qualidade, não era tratada, pois a árvore está custando a vingar) da democracia".

— Que o filho a todo instante lhe avivava a fisionomia do amante, procedência que, com resignação. . . havia de ocultar a bem do filho.

— Que um dia, no Quartel, Eugênia falou pela primeira vez: "o João se parece com o pai dele até no modo de falar alto".

— Que Tiradentes, "condoído" (pois sim. . .) das menores órfãs, delas se aproxima e ganha a afeição de Eugênia, então com 16 anos mais ou menos! Dessa "condoição" resulta o aconchego de uma alcova e a primeira experiência da menina, que se "enrabichou" de uma vez.

- Ao livro *"Autos da Devassa"*, Vol. III, pág. 142:

"JOAQUIM JOSÉ DA SILVA XAVIER é solteiro e tem uma filha natural por nome Joaquina, de menor idade, que vive pobremente em companhia de sua mãe, nesta vila". (Batizada em 31/08/1786 no Pilar, Ouro Preto).

Bilhete encontrado pelo Prof. Lúcio José dos Santos ("A Inconfidência Mineira", págs. 135/6), dentro de um dos volumes originais dos "Autos da Devassa":

" O Alferes Joaquim José da Silva Xavier, o Tiradentes, mora em uma casa da Rua São José, entre o Erário e o Largo do Pestana, a qual, sendo arrasada e salgada, se lhe pôs uma coluna, com letreiro.

Teve um filho de nome JOÃO de Almeida Beltrão, assentou praça de soldado e depois casou-se no Andaial e lá faleceu".

O registro de batismo localizado por Waldemar Barbosa à folha 354:

"Aos 15 dias do mês de julho de mil setecentos e oitenta e sete, nesta Igreja Matriz de Nossa Senhora do Pilar de Vila Rica de Ouro Preto batizei e pus o Santos Óleos a *João*, filho natural que diz ser do cadete José Pereira de Almeida Beltrão e de Eugênia Joaquina da Silva, solteira; foi padrinho o Tenente Bernardo Pereira Marques, solteiro, todos desta freguezia, de que fiz este assento. O Coadjor, *Antônio Ribeiro A. Azdo*".

Opinião de Nelson de Sena, "in" *Anuário de Minas Gerais*, 1911, ano IV, página 403:

"Teve filha natural de nome Brasília (novinha quando o pai morreu) e também, *JOÃO, com Eugênia,* que foi entregue a José de Almeida Beltrão pelo pai que declarou ser".

No "Estado de Minas" de 20/11/1960, sob o título "LENDA QUE SE DESVANECE", Waldemar Barbosa lamenta pôr uma pá de cal na questão da desdendência de Tiradentes, baseado num assentamento de batismo que encontrou no Pilar de Ouro Preto, datado de 15/07/1787, feito dois anos antes do alferes ser preso.

Afirma sem muita convicção que "João é filho de Eugênia e do cadete José Pereira de Almeida Beltrão".

O achado foi importante, mas a dedução, data vênia, foi mais própria de um juiz, de um burocrata, não de um sociólogo, não de um genealogista. E Waldomar Barbosa é "Doutor" em Tiradentes. . .

A interpretação, a explicação do fato, deve ser encarada, a nosso ver, por ângulos e prismas mais amplos, admitindo-se:

- o "espírito de corpo", de coleguismo, entre camaradas de farda, tanto mais que o pai verdadeiro era superior hierárquico;
- que o provável concunhadio sugeria que Tiradentes não figurasse como pai de dois netos de Dona Josefa;
- que um filho particular aqui e outro ali poderia atrapalhar seu sonhado casamento com a sobrinha do ricaço Padre Rolim;
- ser verdadeira a lenda de que o cadete recebeu Rs. 250$000 para concordar com o registro de seu nome como pai;
- tratar-se de um expediente direto de adoção;
- o preenchimento de um vazio no complexado e estéril cadete;
- a possibilidade de ser mesmo seu, o que infelizmente para ele não foi constatado, quando o garoto mostrou os primeiros sinais de sua herança genética;
- o espírito humanitário e a proteção do menino face a infâmia que sobre ele pesava. Sua morte (de João) por envenenamento é mistério até hoje;
- o pedido do cônego Francisco de Assis Garcia.

Consideremos que Eugênia era mesmo um ser diferente, polêmico, predestinado, haja visto o fato de sobreviver ao próprio filho, morrendo com 121 anos!

Repete-se com ela a especulação sobre a paternidade divina do MESSIAS – que os judeus até hoje não aceitam.

Os enxeridos ateus chegam até a falar mal de MARIA, conjecturando passionais absurdos.

Já os maometanos pregam SUA pureza e contam de seu acabrunhamento quando se sentiu grávida. E que as primeira palavras de JESUS – para eles IÇA – logo ao nascer, foi perdoá-La, tranquilizando-A quanto ao mistério.

O islã tem NOSSA SENHORA na mais alta conta.

Da mesma forma os protestantes estão aí a garantir que Ela teve mais filhos, além do Salvador, também hipótese de somemos importância, já que a verdade é que o Mártir do Gólgota foi enviado de Deus através de uma Mulher Escolhida, Especialíssima, era esperado e mostrou Seus poderes sobrenaturais.

O que vem no ventre da mulher. . . nem ela sabe e a ciência já comprovou filhos que não do marido em senhoras honestíssimas, por fatores que independeram de seu frágil mecanismo de conceber, sujeito até a inseminação, pelo marido, com gene de outros, quando prevarica fora e não se higieniza. . . levando à sua alcova material que não o seu, verdadeira erva de passarinho; sem falar na hipótese de superfetação e "barriga suja", a famosa telegonia.

E no caso Tiradentes/Eugênia, o cadete – espécie de antecuco – era um machorra, um aspérmico, como sabem os descendentes, por tradição de família.

Como a outra, a Antônia, também órfã, também "de menor", Eugênia, orfansinha desamparada e no desabrochar, não escapou ao destino certo reservado às jovens em tal situação, e se entregou primeiro ao alferes, e depois foi morar com o estéril cadete, sem jamais esquecer aquele que a iniciou na vida de mulher, praticando inevitável poliandria e concebendo o João.

E este João tinha um traço típico do Tiradentes: temperamento hipergenital, em que predominam as glândulas estenizantes.

Vejam o "estrago" que João fez em sua mulher: 25 partos!. . .

Agora imaginem o Alferes, possuidor de tal "fogueira" e solto na casa da viúva Maria Josefa, com 6 filhas solteiras: era o mesmo que macaco em casa de louças. . .

E mulher, juntada ou casada, quando "tropeça", "escorrega" ou "serve" outro e com ele concebe, JAMAIS batiza o rebento como filho do verdadeiro pai. É o marido ou o amante fixo, "oficial", quem paga o pato, que aparece nos registros.

Imagine, vê se pode, mulher casada ou amigada dizer que o filho é de outro. De jeito nenhum.

Até na lei civil é assim: mulher casada só pode registrar filho colocando o marido como pai.

Portanto, o batismo ou registro nada tem a ver com a, assim digamos, congeneidade.

A coisa eclesiástica e a coisa civil diferem da coisa real, no caso.

O batismo é um sacramento, primeiro degrau da escada do céu e sequer tinha assentamento ou registro antes do Concílio de Trento.

Mas batizar inocente deveras não garante nada em matéria de pai. E, como já disse, mãe alguma, por mais temor de Deus que tenha, dá ao padre o nome dos possíveis pais, quando tem mais parceiros. O pecado ela conta no confessionário, como aliás, sabe a família por tradição e é confirmada por um curioso pesquisador americano de nome *Art Macauley*, transcrevendo palavras do Cônego Francisco de Assis Garcia ao Visconde de Barbacena. O pai, *no papel*, é aquele que está sustentando a mulher e com ela coabita.

Que me perdoe o ilustre e renomado professor, já que o documento é frágil (e único, porque outros batismos de filhos do cadete não são conhecidos) e não autoriza a quebra de uma tradição familiar, vinda da boca da mãe que, na sua ignorância, só "abriu o bico" quando se sentiu segura e teve certeza de não correr riscos.

ASCENDÊNCIA E COLATERAIS DE EUGÊNIA

1.ª hipótese: Com base na petição de 05/11/1789, de *Antônia Maria do Espírito Santo*:
Pais: Antônio da Silva Pais e
Maria Josefa

2.ª hipótese: Com base em Borges Sampaio, Uberaba:
Pais: Manoel da Silva e
Maria Josepha da Silva

PROLE:
1. Theodoro da Silva – foi militar e morreu moço
2. Francisco Matias da Silva – foi militar e morreu moço
3. Eugênia
4. Maria
5. Leonarda

		Nascida em:
3.ª hipótese: Recenseamento de 1804, pág. 76/77:		
Mãe:	Viúva Maria Josepha, com 68 anos	1736
Filhas:	Eugênia com 30 anos (batizou filho em 1787)	1774
	Joana (1.ª) com 28 anos (vieram do Rio)	1776
	Leonarda com 27 anos	1777
	Antônia com 26 anos (batizou filho em 1786)	1778
	Joana (2.ª) com 24 anos (teria nascido em Vila Rica)	1780
	Maria com 23 anos	1781

Os netos de Maria Josefa, viúva de 68 anos, moradora no distrito de Ouro Preto, (Fonte do Rosário e todo o Largo da Igreja, passando no começo da Ponte Seca e continuando as ruas Bonfim e Ouro Preto): (*Censo de 1804*)

		Teria nascido em	Batizado
1. Francisca	18 meses	1802	
2. Profinis	2 anos	1802	
3. Francisca (2.ª)	3 anos	1801	
4. José. . .	5 anos	1799	
5. Domiciano	7 anos	1797	
6. Joaquim	8 anos	1796	
7. Amatildes	11 anos	1793	
8. João	16 anos	1788	1787
9. Joaquina	17 anos	1787	1786
10. Modesto			

Apesar dos batizados do 8 e 9 terem ocorrido em data não condizente com o nascimento, talvez se trate dos mesmos. Pode ter sido erro de cálculo do recenseador.

UM DETALHE IMPORTANTE

De acordo com os dados estatísticos acima citados, a idade das mães eram:

Eugênia . . . . .30 anos
Seu filho João . . . . .16 anos
Deu à luz com . . . . .14 anos

Antônia. . . . . .26 anos
Sua filha Joaquina . . . . .17 anos
Deu à luz com. . . . . 9 anos

Há qualquer dado errado sobre a ANTÔNIA.

Os integrantes da "ninhada" referida por Borges Sampaio, de Uberaba, quanto aos elementos femininos, quase coincidem com os do recenseamento de 1804, só que neste aparecem DUAS Joanas e a Antônia, não constantes daquele.

A escadinha de idades constantes do recenseamento, quanto às filhas e aos netos é de molde a sugerir que os cálculos foram feitos "por alto", porque, para acreditarmos nos dados, verificaremos que eles conflitam com outros. Senão vejamos:

A neta Joaquina tinha, em 1804, 17 anos, e teria assim nascido em 1787, mas foi batizada em 1786.

184

Para sua mãe ser a Antônia, que em 1804 tinha 26 anos, teria esta que ter nascido em 1778. Joaquina foi batizada em 1786, quando sua mãe teria apenas 8 anos!

Por outro lado, pela petição de 05/11, ela tinha a filha em 1789 e, como ela teria 26 anos em 1804, ela, Antônia, nasceu em 1778 e, assim, quando Joaquina nasceu ela teria apenas 11 anos!

Segundo o recenseamento de 1804, João era mais nôvo 1 ano que Joaquina: ela com 17, ele com 16, e seu batizado FOI DEPOIS do da irmã: o dela em 1786 e o dele em 1787.

A aposição dos Santos Óleos tinha como fito apenas afastar o pecado original, sem maiores efeitos e preocupações: bastava um padrinho e não se registrava a *data do nascimento*.

Observe-se que os padrinhos de João e Joaquina foram, ambos, solteiro e militares. Vieram ao mundo cercados de soldados por todos os lados. . .

De toda essa barafunda, o que se pode concluir é que o batismo, dando como pai putativo o cadete e não o alferes, atendeu conveniências familiares – fato aliás muito corriqueiro até hoje – e não políticas, não ao receio de castigo para o filho, pois era muito cedo (1787, prisão em 1789) para tanta preocupação, sendo injustificado o zelo, principalmente se considerarmos que não era praxe da corte e de sua justiça condenar outras gerações, de penalizar outros além do criminoso, espécie de sentença privativa de Deus (Dt 5.9, embora Ezequiel pretenda diferente: 18.14,18,19). E depois nenhum dos conjurados tratou de proceder assim.

Analisemos os fatos, os quais, por girarem em torno de uma inevitável bastardia, provavelmente vão jogar respingos em contornos até aqui adotados, podendo parecer aos menos avisados que vão manchar a figura de Xavier, cuja vida particular nada tem a ver com a do sonhador da liberdade, o primeiro a "balançar o coreto" do jugo português.

Bonitão, almofadinha, solteiro, tocador de violão, cantador de modinha, seresteiro, frequentava a zona. Andava de olho na sobrinha do milionário Padre Rolim, com a qual pretendia se casar. . .

Gostava de brotinhos em primeira mão, mas não era de assumir. . . ou o fazia só por uns tempos. No campo das conquistas amorosas atacava as presas mais fáceis. A inconstância sempre caracterizou suas relações amorosas. Gostava de variar, de ser livre.

E indenizava ou sustentava, o que fez com Antônia e depois com Eugênia, aquela dando uma escrava e a esta que, abandonada, amigou com outro, a este emprestava dinheiro, facilitava sua vida, a troco de favores de alcova, de corneação, que afinal resultou em barriga, e o fruto só podia ser seu, pois o cadete "não fazia filhos em mulher".

Tanto que depois tomou novamente Eugênia para si, acabando com a "sociedade", correndo com o cadete, que naturalmente levou consigo aquela [illegible] dúvida de chifrudo sobre a paternidade da criança, fato que deve ter dado conhecimento ao seu parente, ambos Almeida Beltrão, o que veio fa-

185

cilitar as coisas para o menino, quando Tiradentes foi preso e Eugênia ficou ao desamparo, sem condições de manter o garoto; então ela, não Tiradentes, quiçá por instâncias daquele Cônego Francisco, pediu ao açougueiro para levá-lo pois, afinal, ela morou com seu parente, que figurava no assentamento de batismo, o que ajudava na proteção do menor, já que ela, mãe, amante do conspirador, devia andar "enrolada" com a polícia política de então, chamada às falas e apertada por todos os lados, meios e modos (os famosos "tratos"), para dizer o que sabia da conjura.

É provável que a versão de que Tiradentes "confiou o menino ao açougueiro" signifique pedido do alferes pouco antes da prisão, antes de viajar para o Rio, quando deve ter manifestado receio de alguma coisa pior e falado ao seu amigo: "se algo me acontecer, não deixe meu filho ao desamparo".

Preso Tiradentes, era hora do titular *pai de batismo*, se se julgasse pai mesmo, tomar a criança da mãe, agora que ela não tinha quem a defendesse.

A verdade é que ele se desinteressou completamente pelo filho da amásia, porque observando os traços do guri: sinais, cabelos, olhos, modo de falar, ele, que já tinha 5 anos, levou o cadete a sentir que o filho não era seu.

Os belenguins da rainha bem que desconfiaram da paternidade — e devia ser voz geral em Vila Rica — que o pai verdadeiro era Tiradentes.

O cadete, por outro lado, desapareceu do mapa, não havendo menção dele depois que Eugênia voltou aos braços de quem ela amava — a não ser firmando procuração em São João del Rei, já como alferes reformado — sendo curioso que não tenham envolvido ele no processo, mesmo como testemunha.

Eugênia ter negado peremptoriamente que o pai era o alferes, agora preso (na certa incomunicável e sofrendo torturas inquisitoriais), é mais que natural: primeiro porque se falasse o contrário teria que explicar o registro de batismo e segundo, porque a verdade nua e crua só resultaria em danos para a criança. Adaptando frases do jurista *R. Savatier*, da Faculdade de Poitiers, "mais vale correr o risco de deixar, excepcionalmente, um 'pai' intruso que demolir sistematicamente as próprias bases do edifício conjugal".

E, pelo sim ou pelo não, a corte trabalhou no seguro: infamou o João (a sentença diz: . . . e filhos e netos, tendo-os) possível descendente do mártir, mas sem citar seu nome, protegido que estava pelo cônego Francisco, que agiu por trás dos bastidores, e por um registro de batismo "paternizado" no cadete, acomodação única que a mãe podia fazer para não deixar pagão o inocente, ou perder o companheiro, ocorrência inevitável se deixasse o nome do pai incógnito ou colocasse o verdadeiro. Sem outras alternativas.

Não fora a infâmia lançada sobre seus descendentes por gerações afora (30 anos depois veio a independência, mas daquele jeito, mui tenra), a verdade teria vindo a público bem antes e não ficaria tanto tempo no âmbito restrito da família, constituída no início por pessoas humildes, de poucas letras, cheias de temor, vivendo distante das notícias, embora sabendo que o dedo-duro do movimento estava bem, prestigiado, condecorado e casado em família de gente nobre, cuja força sempre foi muito grande junto aos imperadores do Brasil.

De sorte que eram pouco confiantes no Grito do Ipiranga, espécie de "racha", de partilha, que veio de cima, de supetão, resultado de briga interna na endogâmica família real e não fruto de movimento próprio, tanto que a portuguesada daqui não foi molestada e até se constituíam em maioria no seio da oficialidade, situação que foi objeto de reclamação dos patriotas mais nacionalistas. Só mandamos embora a parte das forças armadas obedientes a Lisboa.

O restante foi acomodado e os lusos continuaram com a corda toda, diferente de Angola e Moçambique, mais a Guiné, onde o negócio foi para valer logo, foi no tiro, e os botaram pra correr, deles tomando tudo: estabelecimentos comerciais, industriais, agropecuários, casas, gados, viaturas, etc. O português saiu na "marra" e os poucos que lá ficaram são vistos como inimigos e como tal são tratados, vivendo humilhados e sem segurança.

E como aqui não foi assim, o melhor mesmo foi se mandar para o sertão e deixar o tempo correr. Quando se sentiram seguros foi que fizeram surgir a verdade, que não é lenda.



À margem da genealogia vinda do discutido João e já que tocamos na *Independência*, é justo algumas linhas sobre o oportuno gesto de D. Pedro, que resultou no interesse recíproco de duas nações as quais, independentes, continuaram irmanadas, de braços dados, com grandes vantagens para a Pátria Mãe. Foi uma independência improvisada, inesperada, mas parecendo até inspirada, soprada por algum diplomata inglês, povo que sabe dar liberdade às suas colônias sem prejuízo de seus interesses.

O povo português, a rigor, deve ser reconhecido ao seu Pedro IV, não lhe deve guardar mágoa, sendo mesmo um absurdo admitir que seu ato foi de traição. Ele teve por aqui, também, suas Eugênias e deixou os seus Joãos. Mas como estadista foi um sábio. A independência, àquela altura, viria de qualquer maneira e, à força, seria péssimo por suas seqüelas. Dada por ele mesmo, fez a seu modo, controlou a situação, conciliou conveniências e deixou bem os patrícios, ontem como hoje.

Quem não teve visão foram os governos portugueses de pós-guerra que, obsecados, resistiram aos anseios das colônias e acabaram perdendo os anéis e os dedos, com o agravante de vê-las, todas, adotar governos contrários ao mundo ocidental e assim fracionar os povos que falam a língua de Camões. Foi uma pena!

Por isso achamos que falta aos monumentos a D. Pedro em Portugal, principalmente no centro de Lisboa e no Porto, pelo menos uma placa das beneficiadas comunidades luso-brasileiras, incluindo entre seus feitos positivos a autonomia política do Brasil sem quebra dos laços maiores, de bom entrosamento e crescente comunhão de interesses, a ponto de lá, como cá, portugueses e brasileiros não se sentirem em país estrangeiro, dado a gama de regalias mútuas que nos aproxima cada vez mais.

Vamos, pois, pôr um pouco de verde-amarelo nas homenagens portuguesas ao herói de duas pátrias, aquele que, com descortínio, soube fazer uma sepa-

ração inteligente, sem quebrar elos. A de 7 de setembro de 1822, Portugal não perdia, ganhava o Brasil.

E esperar que, também nas escolas de Portugal, não se faça restrições à biografia de Dom Pedro. Não é sem tempo.

OPINIÃO DO HISTORIADOR TARQUÍNIO AO PROFESSOR RUBENS FIUZA

". . . são fatos tranquilos e documentados que ela se chamava INÁCIA Joaquina e NÃO Eugênia.

Era *casada* com o cadete José de Almeida Beltrão que é efetivamente o *pai do alferes* João de Almeida Beltrão, de modo que. . ."

"O único caso romântico conhecido de Tiradentes foi com Antônia Maria; irmã de Inácia. . .

Inácia Joaquina FANTASIOU supostos amores seus com Tiradentes".

Observação: Como Faraco, Tarquínio não era mineiro. O que ele afirma, tem que ser conferido. Esta Inácia que ele cita é novidade. Como o *casamento*. . .

Muito duvidoso que Tiradentes, "que não era deste mundo" tivesse um *único* caso romântico.

Em todo caso, aguardemos o trabalho que o ilustre e sério historiador deixou e que deve ser publicado.

Mas mulher, para engravidar, não precisa de romance não.

Notas de Tarquínio nos "Autos da Devassa". Comentários.

- **Volume 9, página 58, nota 2.1 (Edição Câmara dos Deputados):**

"Antônia Maria do Espírito Santo *é o único* romance efetivo que se conhece na vida de Tiradentes. . ."

"No censo de 1804 verifica-se que aí (terreno da Rua da Ponte Seca) mora Dona Maria Josefa com suas filhas e netos, inclusive Antônia Maria e Joaquina. . ."

"Tendo conhecimento de que Antônia Maria (então com 17 anos) não soubera honrá-lo durante sua longa ausência,. . . desiste do casamento, e a devolve à casa paterna, provável donativo que fizera à sogra putativa. O pretenso filho, João de Almeida Beltrão, nascido em 1787 de Eugênia, . . . *foi reconhecido* por seu verdadeiro pai, o Cadete José de Almeida Beltrão, *colega* de Tiradentes no Regimento".

"A lenda esqueceu Joaquina, provavelmente falecida em Dores do Indaiá, substituída na memória familiar por João de Almeida Beltrão, na verdade apenas *sobrinho* CARNAL de Tiradentes".

- **Volume 6, página 66, comentário de Herculano Gomes Matias:**

"José Pereira de Almeida Beltrão, que deixa duzentos mil réis a Tiradentes *era o marido* de Eugênia Joaquina da Silva e PAI de João *Pereira* de Almeida Beltrão".

- **Volume 9, página 60, nota 19: (Comentário de Tarquínio J. B. Oliveira):**

"O documento (petição de Antônia Maria), . . . desfaz a piedosa lenda concernente ao Batismo de João *Beltrão de Almeida*, cuja paternidade teria sido falseada por temor de perseguições e da opressão. . . Anacronismo já apontado pelo historiador Waldemar A. Barbosa, que publicou na imprensa diária o batistério do filho do cadete José de Almeida Beltrão, APENAS sobrinho *afim* de Tiradentes".

NOSSAS OBSERVAÇÕES

Dizer que Antônia foi o único romance efetivo de Tiradentes é exigir demais do enforcado, ele que possuía aquele "furor femeeiro" de que nos fala Gilberto Freire.

Observa-se que o autor da Nota 2.1 fala que com Maria Josefa moravam suas filhas e netos, "INCLUSIVE Antônia Maria e Joaquina (mãe e filha)" MAS NÃO inclui Eugênia e João, que também figuram no referido Censo.

Outro curioso detalhe da "Nota" é quando ela fala que Tiradentes, tendo conhecimento de que Antônia não tinha "andado nos trilhos" durante sua ausência, *"desiste do casamento*, e a devolve à casa paterna. . ." Ora, falar de desistência de casamento do alferes com Antônia é também querer demais do herói, o qual tinha as vistas muito altas para pensar em se casar com uma orfanzinha pobre. Tal desistência nunca houve porque jamais houve a intenção, me perdoe o autor da "Nota".

Dizer também que o filho é pretenso e que *foi reconhecido* é reforçar hipótese, é especulação que contraria o fato. E o cadete não era assim tão "colega" de Tiradentes: era seu subordinado. . . e seu devedor.

Outra barbaridade é a afirmação de que Joaquina teria sido substituída por João de Almeida Beltrão, que seria APENAS sobrinho *carnal* de Tiradentes: pois nem apenas, nem *carnal:* o JOÃO era FILHO e SOBRINHO *afim* ao mesmo tempo e seus filhos Joaquina e João eram também primos. . .

Agora, quanto ao comentário do volume 6, página 66, transformando o cadete José Pereira de Almeida Beltrão em MARIDO de Eugênia e assim pai de João é outro equívoco, porque primeiro não chegou a ser marido e depois a legalização da mancebia, se houvesse ocorrido, em nada alteraria a paternidade real, genética do João, a de cama, não a de cartório ou pia batismal.

MANUSCRITO DA BIBLIOTECA NACIONAL, de 01/04/1870
Resumo

"Joaquim José da Silva Xavier, Tiradentes, foi condenado por tentar a independência, tem um filho natural com Eugênia Francisca da Silva no Ouro Preto. Depois da execução de Tiradentes, fugiu D. Eugênia com seu João de Almeida Beltrão, a quem Tiradentes dava subsistência enquanto foi vivo, e temendo D. Eugênia pela vida de seu filho, pôs-lhe nome e sobrenome diferente para não ser conhecido como descendente de Tiradentes.

João de Almeida Beltrão assentou praça no Ouro Preto na tropa de linha e veio para o Quartel Geral destacado. . .

No Quartel Geral Beltrão casou-se com Maria Francisca da Silva, sobrinha de Januário Garcia Paulista. . .

De seu matrimônio teve 25 filhos. . . mas escapou 7 vivos que são:

Justino Almeida Beltrão
João Almeida Beltrão (Jr.)
Belchior de Almeida Beltrão Tiradentes
Carolina Augusta Cesarina
Elisa Francisca da Silva
Francelina Francisca da Silva, casada com Santos Cald.ª
Anna Francisca da Silva, casada com José Gomes de Moura.

Moram em Dores do Indaiá: Belchior; Anna e Francelina em Uberaba; Carolina e João no interior, reconhecidamente descendentes de Tiradentes, que toda população. . . e vivem na pobreza mas honrados e com a glória de serem descendentes do herói. *Dores do Indaiá*, 1.º de abril de 1870".

Foi tirada esta informação por Antônio Aur.º Alencar em presença do major José Ribeiro da Silva e Serafim Je. Carvalho.

Nota do autor: Muito curioso que escolhessem a data de 1.º de abril. . .

SOBRE OS FILHOS DE TIRADENTES

• **Gilberto de Alencar em *"Tal dia é o batizado"*, página 126, sobre Tiradentes:**

"Quando não rico pelo menos remediado. E disto é que precisava, não só porque avançava em idade, como também porque lhe cumpria cuidar dos SEUS DOIS FILHOS NATURAIS. Não se envergonhava desses filhos. Os homens que na capitania não se encontravam em condição idêntica à sua eram tão raros que, na verdade, poderiam ser apontados a dedo. A coisa parecia mais de gabar que de desgabar".

"Ele precisa cuidar dos filhos e o soldo não dá".

"Simplício sabia também dos filhos, que não o escandalizavam de modo algum, já que na terra o costume era esse. Bem poucos teriam o direito de atirar a primeira pedra".

Pág. 127: "Não ignorava que o movimento a ser provocado comportava riscos muito graves e esta era a razão mais forte que o impelia a colocar em ordem a sua vida, com vista no FUTURO DOS FILHOS. Não se diria depois, que os havia abandonado à própria sorte, consoante a regra mais ou menos geral".

• **Oiliam José em *"Tiradentes"*, página 61:**

"Beltrão (João de Almeida) fora, criança ainda, levado ao Indaial, pouco depois da captura do PAI como envolvido na conjuração e, ali, recebido como filho de um BACHAREL EM LEIS". (O autor fala no registro, na contestação da paternidade e sugere comprovação e análise).

• **Lúcio dos Santos em sua *"História de Minas Gerais"*, página 93, item 11:**

"Conservou-se solteiro, teve um filho e uma filha naturais".

A TRETA DE OUTRO JOAQUIM

Velhaco como quê, não gostava de compromissos, tanto que não se casou.

Sempre andou na pior, mas a vida toda enrolado com mulheres, na base do "provisol" como ele mesmo dizia.

Até que uma delas, segundo ele, "aprontou", isto é, pegou filho. Um desastre. Como podia? Mulher irresponsável! E agora, como vai ser? O feijão do preço que está! E falou grosso: "não sei onde estou com a cabeça que não te largo agora!"

Mas não largou nada, estava "aveceado" no cheiro daquela mulatona cheia, ancuda, hotentote bem enraçada, dona de respeitável latifúndio dorsal.

E assim o tempo correu e o indesejado nasceu, cabendo ao Joaquim registrá-lo, o que fez, porém tirando o corpo fora, lá botando assim: PAI IGNORADO. E assinou embaixo.

O garoto era branquinho, uma gracinha, contava o fisiológico pai. Dominou o Joaquim, que por ele morria de amores e dele tomava conta para a mulher – doméstica de mansão – trabalhar, pois era ela que estava arcando com as despesas do barraco, situação que a contrariava muito e por isso brigavam amiúde. A vida do Joaquim estava mansa e o menino, já com 5 anos, era a fuça dele. Mas foi aí que aconteceu o que era esperado: um dia a briga entre ele e a mulher pegou fogo e se separaram, quando ele deu outra de vivaldino, fazendo a mulher ficar com o ônus da criação do guri.

Foi nessa ocasião que conheci o Joaquim, que foi trabalhar na minha chácara, sozinho, comendo o pão que o diabo amassou com o rabo. Mas satisfeito, porque passou manta na amante.

Acontece que esta logo arranjou outro, bicho bravo e direito, tanto que casou e fez justificação judicial adotando e assumindo a paternidade do filho de "pai IGNORADO".

E deu-se que o menor adoeceu e estava à morte, indo para o hospital. O Joaquim, sabendo, foi lá visitar seu filho, aflito, sendo entretanto barrado pelo

pai legal, que o ameaçou de morte, não deixou ver o doente, engrossou e proibiu o sabidinho de se aproximar, de uma vez por todas, da criança e da mãe. O Joaquim foi à polícia, contou história arrevezada, que quase lhe deu cana, pois o delegado se aborreceu quando viu que ele havia renegado a paternidade do filho em cartório e, assim nada era, oficialmente, na história.

Pediu-me ajuda, conselho e parecer, no que não lhe pude ser útil. E quem poderia ser?

Agora imaginem se o Joaquim ganha na esportiva ou uma quina na loto! Imaginem. . .

Ou se chega a Presidente da República, como João Goulart.

CRONOLOGIA

1720	Felipe dos Santos Freire é enforcado e esquartejado.
1746	Nascimento de Tiradentes
1746 - 12/11	Batizado de Tiradentes
1750 - Julho	Falece D. João V: Ascensão de D. José I e Pombal.
1755 - 1.º/11	Terremoto em Lisboa.
	Morre a mãe de Tiradentes.
1757	Morre o pai de Tiradentes.
1759	Sua irmã Maria Vitória casa-se e vai residir em Prados.
1760	Dona Maria I casa-se com seu tio D. Pedro III.
1765	Criada a Ordem 3.ª de São Francisco em Vila Rica.
1767 - 15/06	Tiradentes consegue antecipar sua emancipação.
1770	Nasce Eugênia.
1774	Insatisfação fiscal na América do Norte.
1755 - 1.º/12	Tiradentes senta praça no Regimento de Cavalaria Regular e vai para a 6.ª Cia.
1776	Início da independência americana.
1777	Morre o Rei Dom José I. Ascensão de D. Maria I. Queda de Pombal.
1778	Os ingléses abandonam Filadélfia aos americanos.
1779	Bárbara Heliodora, solteira, 18 anos, teve uma filha com Alvarega Peixoto, com quem se casaria depois.
1780	Os americanos vencem a esquadra inglesa.
1782	Morre Pombal.
1783	A Inglaterra reconhece a independência americana.
1784	Tiradentes viaja ao leste de Minas.
1786 - 31/08	É Batizada Joaquina, filha de Tiradentes com Antônia do Espírito Santo.
1787	Votada a constituição americana.
1788 - 02/03	Tiradentes vai para o Rio, onde fica até 27/08/1788.
1788 - 15/07	É batizado João, filho de Eugênia.
1788	Maciel chega ao Brasil e no Rio se encontra com Tiradentes.
	Posse do Visconde de Barbacena no governo de Minas.
	Ameaça de derrama.
	Tiradentes tenta canalizar água para o Rio de Janeiro.
	Tiradentes em licença da milícia.
1788 - 18 ou 27/08	Tiradentes volta a Vila Rica e ao seu Regimento.
1789 - 15/03	O dedo-duro Joaquim Silvério dos Reis, "mau caratista militante", dá uma de Judas e delata a conjura.
	O Visconde de Barbacena manda sustar a derrama.
1789 - 10/05	Prisão de Tiradentes, no Rio.
1789 - 14/07	Revolução Francesa: Tomada da Bastilha.
1789 - 07/09	Seqüestro de bens do inconfidente Cel. Domingos.
1789 - 08/10	Morte misteriosa de Cláudio Manoel, na prisão.
	Primeiro interrogatório
1789 - 05/11	Petição de Antônia Maria do Espírito Santo.
1789 - 27/11	Segundo interrogatório.
1790	Continuam os interrogatórios.
	Prisão do Padre Domingos, irmão de Tiradentes, em Curitiba.
1790 - 15 ou 25/10	Sentença lavrada no Palácio de Queluz, em Lisboa.
1790 - Dez.	Devassa.
1791	Joaquim Silvério dos Reis casa-se, no Rio, com Bernardina Quitéria, filha de Luís Alves de Freitas, irmã de Mariana Cândida, esposa de Francisco de Lima e Silva.
	Continuam os interrogatórios.
1792 - 18 para 19/04	Primeira sentença — decisão: condenação.
1792 - 20/04	Confirmação da sentença.
1792 - 21/04	Morte de Tiradentes.
1792 - 07/05	Trânsito em julgado da sentença.
1792 - 17/05	Seqüestro de seus bens.
	Quartel Geral vai se firmando como arraial.
	A Rainha D. Maria I perde 2 filhos.
	A Rainha enlouquece.
1794	Silvério dos Reis é agraciado com a Ordem de Cristo e o título de Fidalgo da Casa Real.
1797	O Visconde de Barbacena deixa o governo de Minas.
1798	Conjuração baiana. Envolvidos foram enforcados e esquartejados.
	Nasce Dom Pedro I.
1799	Dom João VI assume o poder em Portugal.
1803	Nasce o Duque de Caxias.

1804	Recenseamento em Vila Rica.
1805	Eugênia muda-se para Quartel Geral.
1807	Napoleão assina com a Hespanha tratado que suprimia o Reino de Portugal do mapa da Europa.
	Junot, general de Napoleão, invade Portugal.
	Dom João VI vem para o Brasil com toda a corte.
1807 - 29/11	Junot entra em Lisboa.
1809	Silvério dos Reis é beneficiado por pensão do governo.
1810	O cadete José Pereira de Almeida Beltrão, reformado como alferes, dá procuração em São João del Rei.
1815	João de Almeida Beltrão casa-se em Quartel Geral.
1816	D. Maria I, a louca, falece no Rio de Janeiro.
1818 - 17/02	Morre Silvério dos Reis, em São Luís, Maranhão.
1820	Revolução afasta Beresford da regência, substituído por uma junta que convoca as cortes, e aprovam uma constituição, aplicada também ao Brasil por D. João VI.
1821 - Abril	D. João VI volta a Portugal, deixando D. Pedro I em seu lugar.
1822 - 09/01	Dia do Fico, começo da Independência do Brasil.
1822 - 07/09	Independência.
1823	Contra-revolução em Portugal, onde D. Miguel restabelece o absolutismo.
1824	D. João VI enfrenta revolta de seu filho D. Miguel, chamada abrilada, que o obriga (D. João) a recolher-se a bordo de um navio inglês.
1825	D. João VI reconhece a independência do Brasil mas retém o título de Imperador.
1826	D. João VI morre chateado com seus filhos Pedro e Miguel.
1829	Concedida pensão a José Bonifácio de Andrada e Silva.
1831	D. Pedro I abdica no Brasil e segue para a Europa.
1832 - 08/07	Entra na cidade do Porto à frente de tropas. Afasta seu irmão e assume o poder em Portugal.
1840 - 06/11	Nasce Belchior de Almeida Beltrão, o Dr. Precata.
1841	Morre José de Rezende Costa Filho.
1844	Morre João de Almeida Beltrão, envenenado.
	Morre Pe. Manoel Rodrigues da Costa.
1864 - 04/04	Maria Custódia Rodrigues Zica casa-se com Belchior A. Beltrão.
1873	Joaquim Norberto de Souza e Silva procura obscurecer a figura de Tiradentes, escrevendo a "História da Conjuração Mineira" para agradar o imperador.
1888 - 13/05	Abolição da escravatura.
1889 - 15/11	Proclamação da República.
1889 - 06/12	A cidade de São José del Rei passa a chamar-se Tiradentes.
1890 - 14/01	É declarado feriado o dia 21 de Abril.

1831 - 1895	Morre Eugênia.
1905	Falece Carolina, filha de João A. Beltrão, em Uberaba.
1907	Afonso Pena concede pensão aos veteranos da Guerra do Paraguai.
1924	Falece Belchior de Almeida Beltrão, o Dr. Precata.
1936/38	Publicação de 7 volumes dos Autos de Devassa da Inconfidência.
1939	Getúlio Vargas estende a pensão às viúvas dos veteranos da Guerra do Paraguai.
1948	Carlos C. Correia publica "Serra da Saudade".
	Dutra estende a pensão às filhas dos veteranos da Guerra do Paraguai.
1953 - 12/12	Quartel Geral é elevado a cidade.
1960 - 20/11	Waldemar A. Barbosa publica artigo no "Estado de Minas" sobre descendência de Tiradentes.
1965	Tiradentes é declarado Patrono da Nação.
1968	Waldemar A. Barbosa publica o "Dicionário Histórico".
1969	Pedro Almeida Beltrão e suas irmãs passam a receber pensão.
1970	José Alves de Oliveira publica a "História de Abaeté".
1976	Edição de 10 volumes dos "Autos da Devassa da Inconfidência Mineira" pela Câmara dos Deputados e Governo de Minas.
1979	Waldemar A. Barbosa publica a "História de Minas".
1984	Projeto-Lei 4212 concede pensão a Josa Pedro Tiradentes.

DICIONÁRIO ONOMÁSTICO DE ALGUNS PERSONAGENS

Aparentados e ligados à vida de Tiradentes ou que escreveram ou pintaram sua figura e imagem de homem e revolucionário.

Adhemar: filho de José Augusto Tiradentes.

Agostinho José de Rezende, cônego: sobrinho neto do alferes. Ver Antônia Rita.

Aires da Mata-Machado Filho: autor de "Tiradentes, herói humano", 1948.

Alberto Lima: autor de "Retrato falado do alferes".

Alberto da Silva de Oliveira Rolim: pai de Ana, namorada de Tiradentes. Ver José.

Albina: filha de Antônio Paulo de Oliveira, neta de Joaquim Paulo Oliveira.

Alexander Marchant: autor de "Tiradentes na Conjuração Mineira".

Alexandre Belchior de Almeida Beltrão Tiradentes: nome dado como de neto do alferes, citado em "O Farol" de Bambuí e o Anuário MG, ano 6, t. 2, 1918, páginas 660/661.

Alexandre José Oliveira: filho de Paulino J. Oliveira.

Alexandre da Silva: escravo do Padre José da Silva Oliveira Rolim.

Alexandre: prenome que enxertaram no de Belchior de Almeida Beltrão (Anuário Minas".

Alfredo Pinto de Figueiredo: trineto de Tomáz Antônio Gonzaga, residente em Moçambique.
Algeny: filho de Cândida T. Lima, neto de Gavina.
Amatildes: neto de Maria Josefa, com 11 anos em 1804.
Ana Mascarenhas Gonzaga: filha de Tomáz Antônio Gonzaga. Casou-se em 1828.
Ana Silva de Oliveira Rolim: namorada de Tiradentes, filha de Alberto. Estava prometida ao Cap. José Teodoro de Sá.
Ana: filha de João de Almeida Beltrão, casada com José Gomes de Moura (Calabró). Ver Flávio e Jesuína, ascendentes de D. Sinhá e de D. Bilia, de Dores do Indaiá.
Aníbal Tiradentes Decina, de Santos, SP: provável descendente do alferes.
André da Silva: português de Santo André do Codeçoso, no Salto do Basto, Vila Nova do Frecheiro, comarca de Guimarães, arcebispado de Braga. Avô de Tiradentes.
Antônia da Encarnação Xavier: mãe de Tiradentes, natural de S. José del Rei.
Antônia Francisca Xavier, casada com Amador da Silva Godinho: Um filho Pe. José da Silva Xavier. Ver Antônia Rita e Antônia Silva Xavier.
Antônia Maria do Espírito Santo: filha de Maria Josefa e mãe, com Tiradentes, de Joaquina. Com 26 anos em 1804 (recenseamento).
Antônia Rita de Jesus Xavier, irmã de Tiradentes: c. 1 c. Eduardo Ferreira da Fonseca. C. 2. c. Ten. Cel. Manoel Rodrigues Chaves. C. 3 c. Cap. Francisco José Ferreira de Souza (não confirmado).
Antônia da Silva Xavier: um dos quatro nomes da irmã de Tiradentes (a Antônia).
Antônio Alves de Rezende: marido de Carolina Augusta Cesarina.
Antônio Aur. (ou Augusto) Alencar (ou Álvares): coletor da declaração de 01/04/1870.
Antônio Borges Sampaio: autor de fraco trabalho sobre a descendência de Tiradentes em Uberaba (Rev. Arq. Público Mineiro, 1909, página 291).
Antônio Dantas, padre: filho de Catarina, sobrinho de Tiradentes.
Antônio Diniz da Cruz e Silva, Dr.: signatário da sentença de encomenda.
Antônio Felisberto da Silva Xavier: filho de Felisberto, sobrinho do mártir.
Antônio Gomes Ribeiro, Dr.: auxiliar da elaboração da sentença.
Antônio Parreiras: pintor de um óleo sobre a prisão de Tiradentes.
Antônio Paulo: filho de Joaquim Paulo de Oliveira.
Antônio Pedro: comandante de João de Almeida Beltrão em Quartel Geral.
Antônio Ribeiro A. Azdo, padre: coadjutor que batizou João de Almeida Beltrão.
Antônio de Oliveira Lopes: inconfidente degredado para Mucuá por 10 anos, apelidado Fraca Roupa.
Antônio da Silva Pais: marido de Maria Josefa, pais de Antônia, Eugênia e outros.
Antônio da Silva Santos, padre: irmão de Tiradentes. Morreu em Barbacena em 06/12/1805.
Antônio Van Der Weil: autor do bronze de Tiradentes, na mesma praça, em Belo Horizonte.
Artur Rodrigues de Oliveira: poeta tido como descendente de Tiradentes.

Art Macauly: americano que teria publicado "Brazil XVIII Century: crisis and conflicts".
Augusto: filho de Antônio Paulo de Oliveira, neto de Joaquim Paulo de Oliveira.
Augusto de Lima Júnior (Liminha): autor de "História da Inconfidência Mineira".
Aureliano Leite: autor de "A figura feminina da Inconfidência".
Autran: pintor que pincelou a cabeça de Tiradentes, vivo e com laço.
Barbacena, 6.º Visconde de: Luiz Antônio Furtado de Castro do Rio de Mendonça e Faro, Governador de Minas quando da Inconfidência.
Bárbara Heliodora: heroína nacional, mulher de fibra. Companheira, como mãe solteira, de Antônia e Eugênia, mas que conseguiu casar-se com o pai de seu filho: Alvarenga Peixoto (Inácio). Foi mãe de 4 filhos e morreu em 24/05/1819 em São Gonçalo do Sapucaí.
Basílio de Brito Malheiro do Lago: português de Viana, morreu em Serro. Também delatou.
Basílio de Magalhães: autor de uma genealogia de Tiradentes.
BELCHIOR DE ALMEIDA BELTRÃO (Dr. Precata): caçula dos filhos de João de Almeida Beltrão que sobreviveram. Foi casado com Maria Custódia Rodrigues ZICA.
Bernardo Pereira Marques, tenente: padrinho de João, filho de Eugênia.
Bernardo Vieira de Melo, de Pernambuco: nome que pretendeu substituir Tiradentes.
Bernardino Alves Veiga: marido de Gavina A. Cesarina.
Bernardina Quitéria de Oliveira Belo: esposa de Joaquim Silvério dos Reis.
Boceto de Oliveira: Figuração de Brigadeiro que espirrou durante o Te Deum para ser notado.
Brasília: nome de filha natural de Tiradentes, segundo Nelson de Sena (AMG, 1911).
Cândida Pereira Tiradentes (nome de solteira): filha de José Augusto e Carolina Cesarina Tiradentes.
Cândida Tiradentes de Lima: casada com José Roberto Lima, filha de Carolina Segunda.
Cândida José de Oliveira: filha de Paulino José de Oliveira.
Cândido Martins de Oliveira: pesquisador sobre descendência em Teresópolis.
Cândido Portinari: autor de mural de Tiradentes, em Cataguazes, onde não mais se encontra.
Capitânea: carrasco escravo, procedente do Espírito Santo, que enforcou o Alferes.
Capistrano de Abreu: escritor que menosprezou a Inconfidência (Ver João).
Carlos da Cunha Corrêa, Dr.: historiador dorense que escreveu "Serra da Saudade". Faleceu deixando originais inéditos sobre os amores de Tiradentes.
Carlos Corrêa de Toledo e Melo: padre, vigário de São José del Rei (hoje Tiradentes), na época da Inconfidência. Nasceu em Taubaté.
Carlos da Silveira: autor de "Esboço da árvore genealógica de Tiradentes", 1883.

Carlota Augusta Cesarina: casada com Felicíssimo Vieira Silva, filha de Carolina.
Carolina Augusta Cesarina 1.ª: casada com Antônio Alves de Rezende, filha de João de Almeida Beltrão. Faleceu em Uberaba.
Carolina Augusta Cesarina 2.ª: casada com José Pereira Viana, de Uberaba, filha de Gavina.
Carolina Cesarina Tiradentes: outro nome da filha de Gavina e Bernardino.
Catarina Assunção Xavier: casada com Capitão Bernardo Rodrigues Dantas; tia de Tiradentes.
Catarina Eufrásia: nome de batismo da irmã Eufrásia, do alferes.
Celso Gabriel de Rezende Passos: filho de Gabriel.
Chica da Silva: sogra e irmã de criação do Padre Rolim (José de Oliveira); amante de João Fernandes de Oliveira, de Diamantina.

Chiquinha Rodrigues: historiadora tida como descendente de Tiradentes.
Claudine: filha de Joaquim Paulo de Oliveira.
Claudina de Souza Coelho, Dona Colô: senhora de Dores que conheceu Eugênia.
Cláudio Manoel da Costa: advogado inconfidente, nascido em Mariana: deixou dois filhos: Francisca e Maria. Teve morte misteriosa na prisão. Tido como um dos autores das "Cartas Chilenas".
Constança: filha natural de Francisco de Paula Freire de Andrade.
Cristiano Carlos Xavier de Souza: neto de Jerônimo Xavier de Souza, que era tio avô do alferes. Um primo de Tiradentes.
Critilo: pseudônimo do autor de "Cartas Chilenas" (Gonzaga ou Cláudio Manoel).
Cunha's de São Paulo seiscentista: ascendentes do tronco familiar do mártir.
Custódio Pereira Pacheco: ver Eufrásia Maria da Assunção.
Dantas Mota: autor de "1.ª epístola de Jqm. Jsé. S.ªXér". Ver José Franklin Massena.
Davi Carneiro: autor de "Casos e coisas da história nacional".
Décio Vilares: pintor de um quadro de Tiradentes, em Santos.
Dijonho: o Djalino abaixo.
Dirceu: Tomaz Antônio Gonzaga.
Djalino: filho de José A. Tiradentes, neto de Gavina.
Domiciano: neto de Maria Josefa, com 7 anos no recenseamento de 1804.
Domiciano Paulo: filho de Joaquim Paulo de Oliveira.
Domingos de Abreu Vieira: inconfidente desterrado para Muxima, por toda a vida. Nascido em São José do Cousieiro, termo de Pico dos Regalados, Viana, Arcebispado de Braga. Faleceu em 1794. Era capitão, solteiro, padrinho de Joaquina, filha de Tiradentes com Antônia. Credor do cadete João A. Beltrão.
Domingos Fernandes da Cruz: relojoeiro da Rua dos Latoeiros, Rio (Gonçalves Dias), em cuja casa Tiradentes foi preso.
Domingos Fernandes Maciel: ver Domingos Xavier Fernandes.
Domingos Gonçalves de Carvalho: ver Maria Vitória.
Domingos da Silva dos Santos: pai de Tiradentes, natural de Santo André do Codeçoso, Portugal.

Domingos da Silva Xavier: padre, irmão de Tiradentes, preso em Curitiba.
Domingos Xavier Fernandes: português de Pousada, freguesia de Santo Inácio da Cruz, termo de Barcelos, Arcebispado de Braga, avô materno de Tiradentes.

Domingos Vidal Barbosa, Dr.: desafeto de Tiradentes. Delator, inconfidente degredado para a Ilha de Santiago (e Príncipe), Cabo Verde, por toda a vida. Nasceu em 1761 em Chapéu d'Uvas e morreu em 1793.

E. de Sá: autor do quadro "Confirmação da sentença".
Eduardo Ferreira da Fonseca: ver Antônia Rita.
Elisa: filha de João de Almeida Beltrão. Óbito não registrado no cartório de Morrinhos/Go. Talvez em Pirenópolis.
Eliezer: filho do segundo casamento de Belchior de Almeida Beltrão. Foi para Martinho Campos.
Eufrásia Maria da Assunção: casada com Custódio Pereira Pacheco. Irmã de Tiradentes.
Eufrásia Maria de Jesus: esposa de Joaquim Paulo de Oliveira, tenente. Ver Catarina Eufrásia.
Eugênia Joaquina da Silva: mãe de João de Almeida Beltrão (Ver Inácia).
Eugênia Maria: suposta segunda filha de Eugênia com Tiradentes.

Eugênia Maria de Jesus: nome citado por Nelson de Sena e Assis Rocha como sendo o da mãe de João de Almeida Beltrão. A mesma que, segundo Aires da Mata-Machado Filho, era clara e tinha olhos azuis.

Fanfarrão Minésio: nome dado ao governador Luís da Cunha Meneses por Tomáz Antônio Gonzaga (e Claúdio Manoel da Costa) em "Cartas Chilenas".

Felisberto da Silva Xavier: filho de Maria Vitória, sobrinho de Tiradentes. Morreu em 1865 e deixou um filho: Antônio Felisberto.

Fernando José Ribeiro: inconfidente degredado para Benguela por 10 anos.
Fernando de Oliveira Pinto, padre, Dr.: pregador no Te Deum gratulatório.
Fidélis José: filho de Joaquim Paulo de Oliveira.
Fidélis Reis: especula sobre neta de Tiradentes no "Jornal do Comércio" de 05/03/1950, p. 3.
Flávio Gomes de Moura: filho de Ana. Morreu em Sacramento. Ver Jesuína.
Fraca Roupa: nome dado por Tiradentes a Antônio de Oliveira Lopes. Morreu em 1794 na África.
Francelina: filha de João de Almeida Beltrão.
Francelina Fausta Josina: a mesma. Nome de casada com Joaquim dos Santos Caldeira. Morreu em Quartel Geral.
Francisca: filha de Francisca Cardoso e Cláudio Manoel. Foi casada com Manoel José da Silva e deixou filhos.
Francisca (1.ª): neta de Maria Josefa, com 18 meses em 1804.
Francisca (2.ª): neta de Maria Josefa, com 3 anos em 1804.
Francisca: nome da filha da escrava que Tiradentes deu a Antônia.
Francisca: ver Chiquinha e Chica.

Francisco Antônio de Oliveira Lopes: degredado para Bié (Angola) por toda a vida. Faleceu em Barbacena, em 1750. Cunhado de Domingos Vidal Barbosa, casado com Hypólita Jacyntha Teixeira.

Francisco de Assis Garcia, cônego: citado por Art Macauly como sendo autor de carta ao Visconde de Barbacena, afirmando a paternidade de João de Almeida Beltrão, filho de Tiradentes. Consta que teria sido amante de Eugênia e que também teria denunciado a conjura.

Francisco de Assis Cintra: autor do livro "Tiradentes perante a história".

Francisco José: filho de Joaquim Paulo de Oliveira.

Francisco Luís Álvares da Silva: quem assinou atestado de óbito do mártir.

Francisco Matias da Silva: filho de Maria Josefa, foi militar.

Francisco de Paula Alvarenga: que dizia ser descendente de Inácio José de Alvarenga Peixoto.

Francisco de Paulo Freire de Andrade: casado com Isabel Carolina de Oliveira Maciel. Nasceu em 1756 no Rio e faleceu em 1809. Degredado para Pedra do Encoje por toda a vida. Cunhado de José Álvares Maciel. Filhos: Maria, Luiza, Francisca, Gomes.

Gabriel de Rezende Passos: descendente de Tiradentes, segundo Bruno de Almeida Magalhães.

Gatto: padre que teria enterrado a cabeça de Tiradentes.

G. Hércules Pinto: autor de "A vida de Tiradentes".

Gavina Augusta Cesarina: casada com Bernardino Martins Veiga, filha de Carolina Augusta Cesarina.

Gavina 2.ª: filha de José A. Tiradentes.

George Stauton: autor de "Observações sobre a Inconfidência Mineira", Londres, 1810.

Gerson Brasil: autor de "Pequena História da Inconfidência".

Gilberto de Alencar: autor de "Tal dia é o batizado".

Giulio Starace: escultor, autor do monumento da Praça da Estação, B.H.

Gracinda: ver Isabel, primeiro amor de Tiradentes.

Henrique Furtado Portugal: pesquisador da descendência de Tiradentes em Teresópolis.

Herculano Veloso: autor de "Ligeiras memórias de Vila Rica".

Hércules C. Pinto: veja G. Hércules.

Hipólita Teixeira: participante da conjura, segundo Tarquínio.

Inácia Gertrudes de Almeida: viúva de cuja filha Tiradentes tratou. Tia do Padre Inácio Nogueira.

Inácia Joaquina: segundo o historiador Tarquínio, ESPOSA do cadete João de Almeida Beltrão.

Inácio Corrêa Pamplona: fazendeiro na Serra da Canastra. Português da Ilha Terceira (Açores). Residiu em Prados.

Inácio José de Alvarenga Peixoto: inconfidente degredado para Ambaca. Em 1778 casou-se com Bárbara Heliodora Guilhermina da Silveira. Morreu no degredo. Filhos: Maria Ephygênia, José Eleutério, João Damasceno e Tristão. Morreu em 1793. Ver Francisco.

Inácio Nogueira, padre: sobrinho de Inácia Gertrudes.

Isabel Gracinda Moreira Dias: amor da infância de Tiradentes. A que teria tirado a cabeça do mártir exposta no poste.

Isoleta T. Lima: casada com José Ricardo Lima, filha de Cândida T. Lima.

Jacob Rodrigues Zica: nome inexistente na família, citado no Anuário de Minas.

Januário Garcia Paulista: tio de Maria Francisca da Silva, a que foi esposa de João de Almeida Beltrão.

Jerônimo: nome do filho da escrava Maria, que Tiradentes deu a Antônia.

Jerônimo da Conceição: soldado que "andou" com a Vice-Rainha. . .

Jerônimo de Castro e Souza: um dos delatores da conjura.

Jesuína Marcelina Calabró: filha de Ana Carolina e José Gomes de Moura. Morou com o Pe. Francisco de Souza Coelho e deixou descendência.

Joana (1.ª): filha de Maria Josefa, com 28 anos em 1804.

Joana (2.ª): filha de Maria Josefa, com 24 anos em 1804

João: neto de Maria Josefa, com 16 anos em 1804.

João de Almeida Beltrão: filho de Eugênia. Deve ser o mesmo acima citado.

João de Almeida Beltrão Júnior: filho de João de Almeida Beltrão.

João Capistrano de Abreu: ver Capistrano.

João da Costa Rodrigues: inconfidente, nascido em Ouro Preto em 1748. Degredado para Mossuril por 10 anos.

João Damasceno: filho de Bárbara Heliodora.

João de Deus: mulato livre baiano enforcado e esquartejado em 08/11/1799 (depois de Tiradentes), deixando 8 filhos.

João Dias da Mota: inconfidente nascido em Ouro Preto em 1744 e degredado para Cachéu por 10 anos.

João Fernandes de Oliveira: amante de Chica da Silva.

João Francisco de Lima: autor de "Bárbara, a heroína da inconfidência".

João Gonçalves, padre:

João Joaquim da Silva Xavier: nome errado do alferes, citado no Anuário de Minas.

João Santiago: personagem que seria o coveiro de Ouro Preto que teria tirado a cabeça do mártir do poste.

João VI, Dom: Rei, filho de Maria I, pai de Pedro I e avô de Pedro II.

João Zica Tiradentes: nome suposto de filho de Belchior de A. Beltrão (Anuário Minas Gerais).

Joaquim: neto de Maria Josefa, com 8 anos em 1804.

Joaquim de Almeida Beltrão: nome apresentado na confusa obra de Borges Sampaio, Uberaba, como sendo do açougueiro que acolheu João.

Joaquim José XAVIER DA SILVA TIRADENTES: nome errado do alferes, constante de manuscrito de Dores do Indaiá, 1.º de abril de 1870, existente na Biblioteca Nacional.

Joaquim Norberto de Souza e Silva: funcionário público do império que escreveu livro malhando Tiradentes para fazer "meio de campo" com o poder.

Joaquim Paulino: filho de Joaquim Paulo de Oliveira.

Joaquim Paulo de Oliveira: genearca da suposta linhagem de Tiradentes que existe em Teresópolis, constando tratar-se do fundador da cidade. Deixou dez filhos. Faleceu em Magé, em 12/09/1859, foi casado com Eufrásia Maria de Jesus. Tiradentes teve uma irmã que se chamava Eufrásia ou Catarina Eufrásia.

Joaquim Pereira de Magalhães, padre: proprietário da casa onde morava Tiradentes.

Joaquim Silvério dos Reis: português de Montereal, falecido em S. Luís, Maranhão. Nasceu em 1756, foi casado com Bernardina Quitéria, irmã de Mariana Cândida. Foi o Judas da Inconfidência, dedo-duro que traiu a confiança dos outros em proveito próprio, sendo elevado a fidalgo da corte. . .

Joaquina: neta de Maria Josefa, com 17 anos no recenseamento de 1804. Ver Joaquina Josefa.

Joaquina Angélica da Silva: casada com Francisco José de Castro, filha do cônego Luís Vieira da Silva.

Joaquina Josefa: filha de Tiradentes com Antônia.

Joaquina do Paço Fontellas e Cintra: a que deu um tremelique durante o *Te Deum*.

Joaquina de Proença de Gois e Lara: ver José da Silva dos Santos.

Josa Pedro Tiradentes: beneficiário do projeto 4212/84.

José da Silva Santos: irmão de Tiradentes.

José: filho de Maria Josefa, com 5 anos em 1804.

José: filho de João de Almeida Beltrão.

José, Dom: herdeiro do trono de Portugal. Morreu em 11 de setembro de 1788.

José Afonso Mendonça de Azevedo: autor de trabalho na Rev. Sul América, 1948, número 115.

José Aires Gomes, inconfidente degredado para Inhambaré ou Inhambane por 8 anos. Nasceu em 1734 e morreu em 1796. Natural de Chapéu d'Uvas, foi casado com Maria Inácia de Oliveira.

José de Almeida Beltrão: a quem teria sido entregue João de Almeida Beltrão, segundo Nelson de Sena.

José Álvares Maciel: inconfidente degredado para Massangano por toda a vida. Nasceu em 1760 em Ouro Preto e morreu em 1803.

José Alves de Oliveira: historiador de Abaeté.

José de Assis Rocha: autor de artigo no "Minas Gerais" de 12/02/1923, sobre descendência de Tiradentes.

José Augusto Tiradentes: filho de Gavina e Bernardino. Foi casado com Luisa Magnânima.

José (Jr.): filho de José Augusto Tiradentes.

José Beltrão Tiradentes: nome suposto de filho de Belchior, citado em Anuário Minas Gerais.

José César Caetano Manitti, Dr.: inquisidor-mor dos inconfidentes.

José Eleutério: filho de Bárbara Heliodora e Inácio José de Alvarenga.

José Feliciano de Oliveira: autor de "Tiradentes, o herói da inconfidência".

José Francisco Dutra: testemunha de que Tiradentes já falava em levante desde o governo Cunha Meneses.

José Franklin Massena DANTAS MOTA: autor da "1.ª epístola de JmJzé. da Sva.Xér."

José Joaquim Corrêa de Almeida: padre que insinua, em versos, descendência vaga de Tiradentes.

José Joaquim Justiniano Castelo Branco, Dr.: bispo que oficiou o *Te Deum*.

José Joaquim da Silva Xavier: nome errado de Tiradentes constante da monografia n.º 265 do IBGE-Teresópolis.

José Joaquim da Silva Xavier (Canarinho): parônimo de Tiradentes. Trata-se de bancário natural de Pitangui, filho de José Norberto da Silva e de Joana Maria dos Santos. Tem avô que assina Xavier.

José Lopes de Oliveira, padre: nascido em Barbacena em 1740 e falecido em Lisboa. Tio de Bernardina Quitéria, irmão de Francisco e Antônio Oliveira Lopes.

José Mariano Conceição Veloso, Frei: ver José Veloso Xavier.

José Martins Borges: inconfidente condenado a galés por 10 anos.

José Pereira de Almeida Beltrão: cadete reformado como alferes e que figura como pai de João de Almeida Beltrão no batismo. Seria casado com Eugênia, segundo Tarquínio. Era devedor ao pai verdadeiro e ao padrinho, ambos seus superiores.

José de Rezende Costa, pai: inconfidente degredado para Bissau por toda a vida. Nasceu em Prados em 1728 e morreu em 1798.

José de Rezende Costa, filho: inconfidente degredado para Cabo Verde por toda a vida. Nasceu na hoje cidade de Rezende Costa em 1765 e faleceu no Rio em 17/07/1841. Voltou ao Brasil em 1809, aposentado. Foi deputado por Minas Gerais em 1821 e às Cortes Portuguesas, como também a Assembléia Geral de 1827. Deputado Estadual de 1828 a 1829. Foi membro do IHGB.

José Ribeiro da Silva, major: testemunha da declaração manuscrita existente na Biblioteca Nacional, datada de Dores do Indaiá, 1.º de abril de 1870.

José Luís de Castro, conde de Rezende: vice-rei de 1790 a 1801.

José Paulo: filho de Joaquim Paulo de Oliveira.

José da Silva de Oliveira Rolim: padre, rico, machão, amigo e protetor de Tiradentes. Nasceu em Diamantina em 1747 e lá morreu em 21 de setembro de 1835, onde foi sepultado na Igreja do Carmo. Irmão de criação e "genro" de Chica da Silva, amante que era de Quitéria Rita, filha de Chica. Teve vários filhos. Resistiu à prisão, sendo porém, preso em Serro. Voltou ao Brasil em 1804. Ver Alberto.

José da Silva dos Santos, Cap.: casado com Joaquina de Proença Gois e Lara. Irmão de Tiradentes.

José da Silva Xavier, padre: filho de Antônia Francisca Xavier.

José Teodoro de Sá, Cap.: noivo de Ana da Silva de Oliveira Rolim.

José Tiradentes de Lima: filho de Cândida T. Lima, neto de Gavina.

José Veloso Xavier: Frei José Mariano Conceição Veloso, filho de Rita e sobrinho de Tiradentes.

Josefa Maria da Conceição Xavier: tia materna de Tiradentes, casada com Martinho Lourenço.
Juliana de Sousa Mascarenhas: esposa de Tomás Antônio Gonzaga, no degredo, casados em maio de 1793.
Julius Kaukal: autor de retrato falado de Tiradentes.
Justino: filho de João de Almeida Beltrão, óbito não registrado no cartório de Morrinhos/GO. Provavelmente em Pirenópolis.
Keneth Maxwell: autor de "Devassa da devassa".
Lavradio, Marquês de: Luiz de Almeida Portugal Soares A. E. M. Silva, vice-rei de 1769 a 1779.
Leonarda: filha de Maria Josefa, Ver abaixo.
Leonarda Eugênia: tia de João de Almeida Beltrão.
Leopoldino Faria: autor do quadro de Tiradentes perante a Justiça.
Leopoldino Joaquim Teixeira de Oliveira: autor de óleo sobre Tiradentes, existente na Câmara Municipal de Ouro Preto.
Luís da Cunha Menezes (Fanfarrão Minésio): governador satirizado por Gonzaga e/ou Cláudio Manoel.
Lucas Dantas: mulato livre baiano, enforcado e esquartejado em 8 de novembro de 1799.
Lúcio: filho de João de Almeida Beltrão.
Lúcio José dos Santos: historiador que escreveu "A inconfidência mineira" e que encontrou o bilhete dentro dos autos da devassa, que falava da paternidade de João de Almeida Beltrão. Cad. 31 do I.H.M.G.
Luís: filho de José Augusto Tiradentes, neto de Gavina.
Luís de Almeida Beltrão: nome citado por José de Assis Rocha como sendo do açougueiro que teria adotado João de Almeida Beltrão.

Luís de Almeida Beltrão: negociante, seria o pai adotivo de João A. Beltrão.
Luís de Almeida Portugal Soares Alarcam Eça e Melo Silva Mascarenhas: 2.º Marquês do Lavradio.
Luís Antônio Furtado de Castro do Rio de Mendonça e Faro: 6.º Visconde de Barbacena, governador de Minas na época da inconfidência.
Luís Beltrão de Gouveia de Almeida: intendente e fiscal geral dos diamantes.
Luís Carlos Xavier: natural de Francisco Sá, diz-se parente do alferes.
Luís da Cunha Meneses: governador. Ver Cunha Meneses.
Luís Pinto: autor de "História da vida do alferes".
Luís de Vasconcelos e Souza: vice-rei de 1779 a 1790.
Luís Vaz de Toledo Piza: inconfidente nascido em Taubaté em 1740 e falecido na África em 1795. Degredado para Cambembe por toda a vida. Foi casado com Gertrudes Lopes de Camargo e era irmão de Pe. Carlos Corrêa Toledo. Tinha 7 filhos e 5 netos.
Luís Vieira da Silva, cônego: inconfidente, degredado. Indultado, regressou ao Brasil. Nasceu em Lobo Leite e morreu no Rio. Ver Joaquina Angélica.
Luís Wanderley Torres: autor de "Tiradentes, a áspera estrada da liberdade".
Luisa: filha de Antônio Paulo de Oliveira, neta de Joaquim Paulo de Oliveira.

Machado de Castro: autor de publicação na Revista do Arquivo Público, volume 6, 1896.
Manoel Rodrigues da Costa, padre: inconfidente degredado, nasceu em 1754 em Conselheiro Lafaiete e morreu em 1844. Voltou ao Brasil em 1808 e ainda foi Constituinte de 1823, deputado em 1826 e, já com 88 anos, apoiou a Revolução Liberal de 1842. Seu falecimento foi no dia 19 de janeiro, sendo sepultado em Barbacena na Capela do SS. Sacramento.
Manoel Rodrigues Chaves: ver Antônia Rita.
Manoel da Silva: marido de Maria Josefa, citado por Borges Sampaio, Uberaba.
Manuel Faustino: mulato livre baiano, enforcado e esquartejado em 08/11/1799.
Maria: filha de Joaquim Paulo de Oliveira.
Maria: filha de Maria Josefa e irmã de Eugênia e Leonarda.
Maria: filha de Cláudio Manoel e Francisca Cardoso.
Maria: nome da escrava angola que Tiradentes deu a Antônia.
Maria Augusta: filha de José Augusto Tiradentes.
Maria I: Rainha de Portugal, casada com seu tio D. Pedro III.
Maria Barbosa: filha do segundo casamento de Belchior de Almeida Beltrão.
Maria da Conceição Xavier: tia de Tiradentes, lado materno, casada com Cap. José Ferreira de Souza.
Maria Custódia d'Almeida Zica: nome constante certidão de casamento da mulher de Belchior A. Beltrão.
Maria Custódia Rodrigues ZICA: nora de João de Almeida Beltrão, casada que foi com Belchior de Almeida Beltrão, o Dr. Precata. Nome de solteira.
Maria Dorothéa Joaquina de Seixas: o grande amor de Tomás Antônio Gonzaga. Faleceu em 10/02/1853. Era a Marília.
Maria Ephigênia: filha de Inácio José de Alvarenga.
Maria Eugênia: tia de João de Almeida Beltrão.
Maria Francisca da Silva: mulher de João de Almeida Beltrão. Teve 25 partos.
Maria Josefa da Silva: avó de João de Almeida Beltrão.
Maria de Lourdes: filha de José Augusto Tiradentes.
Maria Madalena: nome citado por Borges Sampaio à página 299 da Revista do Aquivo Público, vol. XIV, de 1909, como ligado à descendência de Tiradentes.
Maria de Oliveira Colaça: paulista, avó de Tiradentes, ou, Maria Oliveira e Sá.
Maria Vitória de Jesus Xavier. irmã de Tiradentes, casada com alferes Domingos Gonçalves de Carvalho. Moraram em Prados e Ritápolis, antiga Santa Rita do Rio Abaixo. Ver Felisberto. Teve 10 filhos.
Mariana Cândida: irmã de Bernardina Quitéria, esta casada com Francisco de Lima e Silva.
Mariana da Mota: portuguesa, casada com André da Silva, avós de Tiradentes.
Marília: ver Maria Dorothéa.
Martinho de Freitas, padre: conta que Tiradentes quis casar com moça de São João del Rei e, que não foi aceito por ser moreno. . .
Martinho de Melo e Castro: quem demitiu Pombal, no reinado de Maria I.
Miguel, Dom: filho de D. João VI.

Miguel: outro açougueiro, isto é, outro nome do açougueiro que acolheu João de Almeida Beltrão.
Modesto: filho de Maria Josefa.
Montenegro: nome adotado por Joaquim Silvério dos Reis no Maranhão.
Nelson de Sena: historiador que fala da descendência de Tiradentes.
Nicolau: escravo amigo de Domingos de Abreu Vieira, que quis ficar preso e acompanhar seu amo no exílio.
Oiliam José: autor de "Tiradentes", 1974.
Orides: filho de José Augusto Tiradentes, neto de Gavina.
Oswaldo Rezende: linhagista que trabalhou a genealogia dos Xavier.
Pantaleão da Silva Ramos: padre que batizou Joaquina, filha de Antônia.
Paulino José de Oliveira: casado com Carolina Oliveira Clausen, de Teresópolis.
Paulino José de Oliveira Filho: filho do supra.
Pedro de Almeida Beltrão Júnior: farmacêutico, trineto de Tiradentes e último filho varão de Pedro de Almeida Beltrão (Pedro Zica).
Pedro Américo: autor do quadro "Tiradentes esquartejado" (Museu de Juiz de Fora).
Pedro I, Dom: filho de D. João VI e de Maria I: Primeiro Imperador do Brasil.
Pedro II, Dom: filho de Dom Pedro I, neto de Maria I. Segundo Imperador do Brasil.
Pedro Silveira: hipotético neto de Tiradentes. Residiu no Pomba.
Perpétua Mineira: costureira da Rua do Ouvidor, que gostou de Tiradentes.
Profinis: neta de Maria Josefa, com 2 anos em 1804.
Quitéria Rita: participante da conjura, segundo Tarquínio.
Rafael Falco: autor de óleo de Tiradentes ante o carrasco.
Raimundo Trindade: autor de "Velhos Troncos Mineiros", com a família Silva Xavier.
Ricardo: filho de Cândida T. Lima, neto de Gavina.
Rita: filha de Cândida T. Lima, neta de Gavina.
Rita de Jesus Xavier, casada com José Veloso do Carmo, tia materna de Tiradentes.
Robert Southey: autor de artigo traduzido pelo conselheiro (ex-inconfidente) José de Rezende Costa Filho sobre a Inconfidência, trabalho existente na coleção de originais do Museu de Ouro Preto (Casa do Pilar).
Rosa: filha de Joaquim Paulo de Oliveira.
Saltério: apelido de Joaquim Silvério dos Reis.
Salvador Carvalho do Amaral Gurgel: natural de Parati, inconfidente degredado para Catala por toda a vida. Foi para Inhabane. Morreu em 1805.
Sebastião Ferreira Leitão: padrinho de batismo de Tiradentes.
Sebastião Xavier de Vasconcelos Coutinho: desembargador que subscreveu a sentença de encomenda.
Serafim José de Carvalho: testemunha da declaração de 01/04/1870.
Sérgio Faraco: autor de "Tiradentes, a alguma verdade".

Severiano de Campos Rocha: cônego que escreveu, em 1881, "Memória histórica e Top. sobre Curvelo" (Anuário Minas, 1911, página 403).
Simplício da Silva Santos: amigo e companheiro de infância de Tiradentes.
Tarquínio José Barbosa de Oliveira: pesquisador da descendência de Tiradentes.
Tarso Dutra: ministro da Educação que propôs pensão aos três descendentes que moram em Dores do Indaiá.
Theodorico: filho do segundo casamento de Belchior de Almeida Beltrão.
Theodoro da Silva: filho de Maria Josefa, foi militar.
Tomáz Antônio Gonzaga (o Dirceu e o Critilo): português do Porto, onde nasceu em 2 de agosto de 1744. Pai carioca e mãe lusa. Meia etnia inglesa. Noivo de Maria Dorothéa Joaquina de Seixas, a Marília. Inconfidente degredado para Moçambique, onde se casou com Juliana de Souza Mascarenhas e deixou filhos. Em Moçambique conseguiu emprego público. Inimigo do governador Cunha Meneses, faleceu em 1811. Ver Alfredo.
Tristão: filho de Bárbara Heliodora.
Ulysses: filho de Aníbal Tiradentes Decina, de Santos, SP.
Vicente Vieira da Mota: inconfidente degredado para o Rio de Sena por 10 anos. Nasceu no Porto em 1733 e morreu em 1798.
Victorino Gonçalves Veloso: inconfidente mineiro degredado para Cabeceira Grande por 10 anos. Morreu em 1803.
Virgílio Testari: estatuário que fez a estátua de Tiradentes em Ouro Preto.
Waldomar de Almeida Barbosa: doutor em Tiradentes.

OS SILVA XAVIER

Colaterais de TIRADENTES, que descendem dos primos-filhos de suas 4 tias e dos 27 sobrinhos filhos de seus irmãos Maria Vitória, José da Silva Santos e Antônia Rita, que espalharam-se pelo Brasil e parte foi localizada em:

Araxá
Astolfo Dutra
Bambuí
Belo Horizonte
Boa Família, MG
Bonfim, BA
Cambará, PR
Campanha, MG
Campina Verde
Campo Grande, MS
Campos
Capela Nova
Caranaíba
Carandaí
Casa Grande
Cataguarino
Cataguazes
Conselheiro Lafaiete
Corumbá
Cristiano Otoni
Entre Rios
Ewbank da Câmara
Formosa, GO
Frutal
Guaratinguetá
Inhapim

Ituiutaba
João Pinheiro
João Ribeiro
Joinvile
Juiz de Fora
Lagoa Dourada
Leopoldina
Lobo Leite
Manhumirim
Martinho Campos
Meia Ponte, GO
Miraí
Monte Verde
Muriaé
Nossa Senhora dos Remédios
Novo Horizonte, SP
Paraoquena
Passos
Patrocínio do Muriaé
Piacatuba
Platina
Pouso Alegre
Prados
Prata
Rezende Costa, MG
Rio de Janeiro
Rio Pomba
Ritápolis
Sabará
Santa Clara
Santa Luzia, GO
Santo Amaro, MG
São Fidélis, RJ
São João del Rei
São Paulo
São Sebastião do Rio Abaixo
Siqueira Campos, ES
Tiradentes, MG
Tombos
Ubá
Uberaba
Uberlândia
Veadinho, SP.

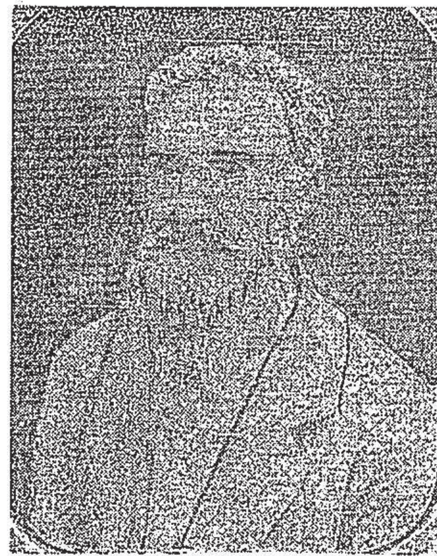
Fonte: "Velhos Troncos Mineiros", Cônego R. Trindade.

LOCALIDADES QUE DIZEM RESPEITO À INCONFIDÊNCIA E A TIRADENTES

AMBACA (ver Dande): para onde foi degredado e onde morreu Inácio José de Alvarenga Peixoto.
BAMBUÍ: terra de Alexandre Belchior.
BARBACENA: onde morreu Francisco Antônio de Oliveira Lopes, em 1750. Onde nasceu o Pe. José Lopes de Oliveira, que faleceu em Lisboa e onde foi enterrado Manoel Rodrigues da Costa, padre falecido em 19 de janeiro de 1844. Onde morreu o pe. Antônio da Silva Santos.
BENGUELA (Angola): para onde foi degredado Fernando José Ribeiro.
BIE' ou Bihe (Angola): para onde foi degredado Francisco Antônio de Oliveira Lopes.
BISSAU, Guiné (Ilha): para onde foi degredado José de Rezende Costa, pai.
CABECEIRA GRANDE (Moçambique): para onde foi degredado Victorino Gonçalves Veloso.
CABO VERDE, arquipélago de: para onde foi degredado José de Rezende Costa Filho e João Dias da Mota (que não foi para Cachéu).

CACHÉU (Guiné): lugar desigando na sentença para degredo de João Dias da Mota.
CAMBAMBE ou CAMBENBE (Angola): para onde foi degredado Luís Vaz de Toledo Piza.
CATALA(Moçambique): para onde foi degredado Salvador Carvalho do Amaral Gurgel.
CHAPÉU D'UVAS (atual Paula Lima): onde nasceu Domingos Vidal Barbosa e José Aires Gomes.
CONSELHEIRO LAFAIETE: onde nasceu Manoel Rodrigues da Costa. Morreu em Barbacena.
CURITIBA, PR: onde foi preso Domingos da Silva Xavier, padre irmão de Tiradentes.
CURVELO, MG: onde o cônego Severiano de Campos Rocha escreveu sobre descendentes de Tiradentes. Ver Carolina Augusta Cesarina.
DANDE, ver Ambaca.
DIAMANTINA, MG: terra de Chica da Silva, irmã de criação do Pe. José O. Rolim, o qual ali nasceu e morreu.
DORES DO INDAIÁ, MG: onde residem descendentes de Belchior de Almeida Beltrão e de Jesuína Marcelina Calabró.
FRANCISCO SÁ, MG: terra de Luís Carlos Xavier, que se diz parente do alferes.
ILHA DE SANTIAGO e Príncipe (Cabo Verde): para onde foi degredado Domingos Vidal Barbosa.
ILHA TERCEIRA, Açores: onde nasceu Inácio Corrêa Pamplona.
INHAMBANE ou INHAMBARÉ (Moçambique): Exílio de José Aires Gomes.
JUIZ DE FORA, MG: onde existe, no Museu Mariano Procópio, o quadro de Tiradentes esquartejado.
LISBOA: onde faleceu o Pe. José Lopes de Oliveira.
LOBO LEITE, MG: onde nasceu o cônego Luís Vieira da Silva.
MACHIMBA: (Ver Muxima).
MACUA: (Ver Mucuá).
MAGÉ,RJ: onde faleceu Joaquim Paulo de Oliveira.
MARIANA: terra de Cláudio Manoel da Costa.
MARTINHO CAMPOS, MG: para onde foram os filhos do segundo casamento do Belchior, com Maria Barbosa: Maria Barbosa Beltrão, Theodorico e Eliezer.
MASSANGANO: (Ver Monsango).
MOÇAMBIQUE, África: onde existem descendentes de Tomáz Antônio Gonzaga. Ver Alfredo.
MONSANGO: lugar designado para degredo de José Álvares Maciel.
MONTEREAL, Portugal: onde nasceu Joaquim Silvério dos Reis.
MORRINHOS/GO: onde residiram Elisa e Justino, filhos de João A. Beltrão.
MOSSURIL, Moçambique: para onde foi degredado João da Costa Rodrigues.
MUCUÁ, Moçambique: para onde foi degredado Antônio de Oliveira Lopes.
MUXIMA (ou Machimba): para onde foi degredado Domingos de Abreu Vieira.

OURO PRETO: onde ocorreu a inconfidência, terra de João Dias da Mota e José A. Maciel.
PAULA LIMA: (Ver Chapéu d'Uvas).
PEDRA DE ENCOJE, Angola: terra de Francisco de Paula Freire de Andrade.
PARATI: terra de Salvador Carvalho do Amaral Gurgel.
PIRENÓPOLIS, GO: ex-Meia Ponte, onde residiram Elisa e Justino, filhos de João A. Beltrão.
POUSADA ou POUSO DE SÃO TIAGO DA CRUZ, Portugal: onde nasceu Domingos Xavier Fernandes, avô materno de Tiradentes.
PRADOS, MG: onde residiu Inácio Corrêa Pamplona, açoriano. Onde nasceu José de Rezende Costa, pai.
PORTO, Portugal: terra de Tomáz Antônic Gonzaga e Vicente Vieira da Mota.
QUARTEL GERAL,MG: onde o filho João de Almeida Beltrão casou e criou família. Onde morreu Francelina Fausta Josina, neta de Tiradentes.
REZENDE COSTA, MG: onde pasceu José de Rezende Costa Filho.
RIACHO DO BARRO: (ver Martinho Campos).
RIO POMBA: terra do Pedro Silveira.
RIO DE JANEIRO: onde Tiradentes foi preso (o calabouço hoje é caixa d'água). Foi "tratado", inquisitoriado, ouviu a sentença e foi enforcado e esquartejado. Terra de Francisco de Paulo F. Andrade.
RIO DE SENA: para onde foi degredado Vicente Vieira da Mota.
SACRAMENTO, MG: onde morreu Flávio Gomes de Moura.
SANTA RITA DO RIO ABAIXO: onde foi morar Maria Victória de Jesus Xavier, irmã de Tiradentes.
SANTO ANDRÉ DO CODEÇOZO, Vila Nova de Frecheiro do Basto, Portugal: onde nasceu Domingos da Silva Santos, pai de Tiradentes e os avós paternos André da Silva e Mariana da Mota.
SANTOS: terra de Aníbal Tiradentes Decina, possível descendente do alferes.
SÃO GONÇALO DO SAPUCAÍ, MG: onde morreu Bárbara Heliodora.
SÃO JOSÉ DEL REI: onde nasceu Antônia da Encarnação Xavier, mãe de Tiradentes.
SÃO JOSÉ DO COUSIEIRO, Portugal: onde nasceu Domingos de Abreu Vieira.
SÃO LUÍS, MA: onde Joaquim Silvério dos Reis foi enterrado.
SERRO, MG: onde morreu Basílio de Brito Malheiro, onde o Pe. José S. O. Rolim foi preso.
TAUBATÉ,SP: terra do Pe. Carlos Corrêa de Toledo e Melo e Pe. Luís Vaz de Toledo Piza.
TERESÓPOLIS, RJ: cidade fundada pelo Ten. Joaquim Paulo de Oliveira, que seria filho de Tiradentes. Recebeu doação de terras de D. João VI. . .
TIRADENTES,MG: onde nasceu o Mártir, na fazenda do Pombal.
UBERABA, MG: onde morreu Carolina Augusta Cesarina e deixou descendentes. Ver Antônio Borges Sampaio.
VIANA, Portugal: onde nasceu o delator Basílio de Brito Malheiro do Lago. Morreu em Serro.



Belchior de Almeida Beltrão Tiradentes
(Dr. Precata)

DESCENDÊNCIA

OS ZICA's TIRADENTES: FILHOS E NETOS DE MARIA CUSTÓDIA RODRIGUES ZICA

". . . e infame seus filhos, e netos, tendo-os. . ."

Os

BELTRÃO, (Almeida Beltrão)

são

XAVIER (Silva Xavier).

ASCENDÊNCIA

pn	André da Silva, c. c. Mariana da Matta
qn	Domingos Xavier Fernandes, c. c. Maria Oliveira Colossi
tn	Domingos Silva Santos Xavier, c. c. Antônia Encarnação Xavier
bn	Joaquim José da Silva Xavier, u. c. Eugênia Joaquina da Silva
n	Joaõ de Almeida Beltrão, c. c. Maria Francisca da Silva
f	Belchior de Almeida Beltrão, c. c. MARIA CUSTÓDIA RODRIGUES ZICA.

ASCENDÊNCIA

qn	Sebastião, c. c. Jacinta
tn	Manoel, c. c. Antônia
bn	Jacintho Rodrigues Braga, c. c. Ana Felizarda Fernandes
n	José Jacintho Rodrigues Zica, c. c. Anna Perpétua Moreira Zica
f	Maria Custódia Rodrigues Zica, c. c. Belchior de Almeida Beltrão.

FILHOS

1. Carolina Custódia Beltrão (Carola)
   c. c. Sancharo de Medeiros Menezes
2. Ana Perpétua Moreira Zica (Nanuca)
   c. c. Antônio Ribeiro de Faria
3. Joaõ Batista Zica (ou Joaõ Almeida Beltrão, 3.º)
   c. c. Julica
4. Maria Custódia Rodrigues Zica (2.ª)
   c. c. p. Job Rodrigues Braga
5. Pedro de Almeida Beltrão (Pedro Zica)
   c. c. p. Zoé Cândida dos Santos

1

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica

CAROLINA CUSTÓDIA BELTRÃO
conhecida por Carolina Zica (Carola)
c. c. Sancharo de Medeiros Menezes

FILHOS:
1. Arsênio de Menezes
   c. c. Márcia Cardoso
2. Anna Menezes Cardoso
   c. c. Farmacêutico Misseno Cardoso Jr.
3. Servito de Menezes, Dr.
   c. c. Maria Guimarães de Macedo
4. Lucilo Medeiros Menezes
   c. c. Izabel de Oliveira Menezes
5. Pautilha de Menezes
   c. c. v. Manoel Mendes de Menezes
6. Gessy de Menezes, Dr.
   c. c. Maria Pautila Menezes

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Carolina Zica

ARSÊNIO DE MENEZES
c. c. Márcia Cardoso

FILHOS:
1. Colosio Menezes Silva
   c. c. Otaviano Silva
2. Dorncy Menezes Damaso
   c. c. José Damaso
3. José Menezes
   c. c. Terezinha Nevreden Menezes
4. João Menezes
   c. c. Adegina Menezes

MAURÍCIO DE MENEZES
c. c. Sueli Maria de Freitas Menezes

FILHOS:
1. Ariana Freitas de Menezes
2. Andréa Freitas de Menezes
3. Ana Paula Freitas de Menezes
4. Débora Freitas de Menezes

MÁRCIO ANTÔNIO DE MENEZES
c. c. Sílvia de Castro Menezes

FILHOS:
1. Silvana de Castro Menezes
2. Márcio de Castro Menezes

LUÍS CARLOS DE MENEZES
c. c. Zyla Mayra Ferreira de Menezes

FILHOS:
1. Francine Ferreira de Menezes
2. Mayra Ferreira de Menezes
3. Luís Carlos Ferreira de Menezes

CARLOS AUGUSTO DE MENEZES
c. c. Jane Daer Louro de Menezes

FILHOS:
1. João Carlos Daer de Menezes

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Carolina Zica

ANNA MENEZES
c. c. Misseno Cardoso Jr, farmacêutico

FILHOS:
1. Berthelot Menezes Cardoso
   c. 1 c. Doraci de Oliveira Santana Cardoso
2. Milton de Menezes Cardoso
   c. c. Maria Rodrigues Cardoso
3. Elsa Cardoso Abraão
   c. c. Jamil Abraão
4. Isabel Menezes Cardoso
   c. c. Dr. José Sócrates Gomes Pinto
5. Wagner de Menezes Cardoso
   c. c. Iracema Cardoso
6. Maria Menezes Cardoso
   c. c. João Batista dos Santos
7. Dr. Nilo Menezes Cardoso
   c. c. Maria Helena Cardoso
8. Getúlio Menezes Cardoso
   c. c. Maria Tereza Cardoso
9. Zélia Cardoso Tinoco
   c. c. Dr. Hénio Cardoso

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Carolina Zica
Anna de Menezes

BERTHELOT MENEZES CARDOSO
c. c. Doraci de Oliveira Santana Cardoso

FILHOS:
1. Ciro Flamarion, solteiro, historiador, formado em Paris
2. Nusa Lena, universitária
   c. c. Dr. José Augusto Caula.

II. c. Maria Guilhermina:
1. Júlio César, estudante de odontologia
2. Márcia Cristina, vestibulanda de odontologia

ASCENDENTES

Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Carolina Zica
Anna de Menezes
Berthelot M. Cardoso

NUSA LENA
c. c. Dr. José Augusto Caula

FILHOS:
1. Lory Cardoso Caula

ASCENDENTES

Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Carolina Zica
Anna de Menezes

MILTON MENEZES CARDOSO
c. c. Maria Rodrigues Cardoso

FILHOS:
1. Milma Cardoso de Oliveira
   c. c. Prof. Mariante de Oliveira
2. Miriam Lúcia Rodrigues Cardoso, Dra.
   s. j. de Edson Melgaço

ASCENDENTES

Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Carolina Zica
Anna de Menezes
Milton Menezes

MILMA CARDOSO DE OLIVEIRA, Dra.
c. c. Mariante de Oliveira, Prof.

FILHOS:
1. Aléxis Cardoso de Oliveira
2. Adalton Cardoso de Oliveira
3. Aluísio Cardoso de Oliveira

MIRIAM LÚCIA RODRIGUES CARDOSO
s. j. de Edson Melgaço

FILHA:
1. Adriana Cardoso Melgaço

ASCENDENTES

Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Carolina Zica
Anna de Menezes

ELZA CARDOSO, em solteira
depois ELZA CARDOSO ABRÃO
c. c. Jamil Abrão

FILHOS:
1. Dalmo Abrão
2. Djalma Abrão
3. Dalmir Abrão
4. Cleber José Abrão
5. Maria Auxiliadora
   c. c. Thales de Almeida Martins
   depois Maria Auxiliadora Abrão Martins
   FILHOS:
   1. Rogério
   2. Alexandre Abrão Martins

ISABEL MENEZES CARDOSO
depois ISABEL MENEZES CARDOSO GOMES PINTO
c. c. José Sócrates Gomes Pinto, Dr.

FILHOS:
1. Sebastião Márcio Sócrates Gomes Pinto
   c. c. Ana Maria Fleury
2. José Márcio Sócrates Gomes Pinto, Dr.
3. Renato Sócrates Gomes Pinto, Dr.
   c. c. Maria Rita Barbosa
4. Ana Augusta Cardoso Sócrates
   c. c. Walter Pereira de Castro

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Carolina Zica
Anna Menezes
Isabel C. G. Pinto

SEBASTIÃO MÁRCIO SÓCRATES GOMES PINTO
c. c. Ana Maria Fleury

FILHOS:
1. Ana Paula Fleury Sócrates
2. Gustavo Fleury Sócrates

RENATO SÓCRATES GOMES PINTO, Dr.
c. c. Maria Rita Barbosa

FILHOS:
1. Tatiana Barbosa Sócrates
2. Adriana Barbosa Sócrates
3. Renata Barbosa Sócrates

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Carolina Zica
Anna de Menezes

WAGNER DE MENEZES CARDOSO
u.c.

FILHOS:
1. Telma Lopes
   c. c. Pedro Álvares

   c. c. Iracema Braga Cardoso

2. Valéria Braga Cardoso
   c. c. Ludgero Carolina Galli Vieira
3. Liana Braga Cardoso
   c. c. Jorge Vitório Cuzielo
4. Kátia Braga Cardoso
5. Jussara Braga Cardoso

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Carolina Zica
Anna de Menezes
Wagner M. Cardoso

TELMA LOPES
c. c. Pedro Álvares

FILHOS:
1. Alexandre Lopes Álvares
2. Pablo Lopes Álvares
3. Patrícia Lopes Álvares
4. Aline Lopes Álvares

VALÉRIA BRAGA CARDOSO
c. c. Jorge Vitório Cusielo

FILHOS:
1. Pascoal Vitório Cusielo
2. Larissa Vitória Cusielo

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Carolina Zica
Anna de Menezes

MARIA MENEZES CARDOSO
depois MARIA CARDOSO DOS SANTOS
c. c. João Batista dos Santos

FILHOS:
1. Múcio Cardoso dos Santos
   c. c. Dalva Moscardine C. dos Santos
2. Ivan Cardoso dos Santos
   c. c. Vânia da Matta
3. Aroldo
4. Sérgio
5. Bruno

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Carolina Zica
Anna de Menezes
Maria C. Santos

MÚCIO CARDOSO DOS SANTOS
c. c. Dalva Moscardine C. dos Santos

FILHOS:
1. Thiago
2. Bethânia
3. Thomás

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Carolina Zica
Anna de Menezes

NILO MENEZES CARDOSO, Dr.
c. c. Maria Helena de Oliveira Cardoso

FILHOS:
1. Leonardo de Oliveira Cardoso
2. Ana Thereza de Oliveira Cardoso

GETÚLIO MENEZES CARDOSO
ex. Getúlio Vargas Mineiro
c. c. Maria Tereza Cardoso

FILHOS:
1. André
2. Leandro
3. Ricardo

ZÉLIA CARDOSO TINOCO
c. c. Hênio Tinoco, Dr.

FILHOS:
1. Ricardo

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Carolina Zica

SERVITO DE MENEZES, Dr. (falecido)
c. c. Maria Guimarães de Macedo

FILHOS:
1. Walter Menezes
   c. c. Maria do Carmo Menezes
2. Adalberto Guimarães Menezes
   c. c. Neide Barros Corrêa Menezes
3. Lauro Menezes Guimarães
   c. c. Joventina
4. Tarciso Menezes Guimarães
5. Elsa Guimarães Menezes
6. Servito Menezes Filho
   c. c. Maria Alice de Lima Gomes Menezes


Fitca, Lila e o casal Walter/Carminha, ainda namorados

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Carolina Zica
Servito Menezes

WALTER MENEZES
c. c. Maria do Carmo Menezes

FILHOS:
1. Wagner Robergo Menezes
2. Wellington Menezes
   c. c. Gislene Jorge
3. Wanda Menezes
4. Waldete Menezes
5. Maria de Fátima
   c. c. Ricardo Júlio Costa. Filha: Camila
6. Walberty (Beto)
7. Welesson
8. Wallace (Lasinho)
9. Wiliam Menezes (Lito)

ADALBERTO GUIMARÃES MENEZES, Ten. Cel., Dr.
c. c. Neide Barros Corrêa Menezes, Dra.

FILHOS:
1. Maria Ângela de Barros Corrêa, Dra., em solteira
   depois Maria Ângela de Oliveira Melo
   c. c. Pedro Paulo de Oliveira Melo, Dr.
2. Ivo
   falecido com 18 anos.
3. Adalberto Guimarães Menezes Júnior

TARCISO MENEZES GUIMARÃES

FILHO:
1. Lídia

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Carolina Zica

LUCILO MENEZES (falecido)
c. c. Isabel de Oliveira Menezes

FILHOS:
1. Belita Menezes Benther
   c. c. Rothier Benther
2. Carolina Menezes Ferreira
   c. c. Welton Ferreira
3. Lúcia de Oliveira Menezes

ASCENDÊNCIA
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Carolina Zica
Lucilo Menezes

BELITA MENEZES BENTHER
c. c. Rothier Benther

FILHOS:
1. Lucilo
2. Lourain
3. Renê

CAROLINA MENEZES FERREIRA
c. c. Welton Ferreira

FILHOS:
1. Welton
2. Lucila
3. Cíntia

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Carolina Zica

PAUTILHA DE MENEZES
c. c. v. Manoel Mendes de Menezes

FILHOS:
1. Vicente
2. Walsita
   c. c. v. Dilermando Corrêa
3. Filomena
   c. c. Milton Macedo
4. Geraldo

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Carolina Zica
Pautilha Menezes

WALSITA MENEZES CORRÊA
c. c. v. Dilermando Corrêa

FILHOS:
1. Simone Corrêa Menezes
2. Lúcia Corrêa Menezes
3. Fernando Corrêa Menezes

FILOMENA MENEZES MACEDO
c. c. Milton Macedo

FILHOS:
1. Nilo Sérgio Menezes Macedo
2. Suzana Menezes Macedo
3. Ricardo Menezes Macedo

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Carolina Zica

GESSY MENEZES (falecido)
c. c. Maria Pautila Menezes

FILHOS:
1. Zilca Maria de Menezes Ferreira
   c. c. Alberone Ferreira da Silva (falecido)
2. Marlene de Menezes Cruvinel
   c. c. Neiron Cruvinel
3. Eduardo César de Menezes
   c. c. Maria de Lourdes
4. Carlos Eduardo de Menezes
   c. c. Joana D'Arc
5. Sandra de Menezes Oliveira
   c. c. Oswaldo de Oliveira
6. Bruno Alexandre de Menezes

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Carolina Zica
Gessy Menezes

ZILCA MARIA DE MENEZES FERREIRA
c. c. Alberone Ferreira da Silva (falecido)

FILHOS:
1. Marcelo
2. Kênia
3. Anderson

MARLENE DE MENEZES CRUVINEL
c. c. Neiron Cruvinel

FILHOS:
1. Pablo
2. Norien

EDUARDO CÉSAR DE MENEZES
c. c. Maria de Lourdes

FILHOS:
1. Newmar
2. Icléa
3. Lilian
4. Luciene
5. Júnia
6. Cristiane

CARLOS EDUARDO DE MENEZES
c. c. Joana D'Arc

FILHOS:
1. Ana Carla
2. Carolina

SANDRA DE MENEZES OLIVEIRA
c. c. Oswaldo de Oliveira

FILHOS:
1. Kamila

2

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica

NS: ANA RODRIGUES ZICA OU ANA PERPÉTUA ZICA(Nanuca)
NC: ANA CUSTODIA MOREIRA
c. c. Antônio Ribeiro de Faria (*)

FILHOS:
1. José
2. Pedro
3. Belchior Beltrão Zica
   c. c. Laura Pinto de Jesus
4. Aristides
5. Juventina
6. Flávio

(*) Nome constante da certidão de casamento de Ana. O nome constante da publicação do Arquivo Público Mineiro, página 91, Antônio Luiz Coelho, não é correto.

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Anna

BELCHIOR BELTRÃO ZICA
c. c. Laura Pinto de Jesus

FILHOS:
1. Geralda Pinto Beltrão, falecida
2. José Pinto Beltrão, falecido
3. Maria Beltrão Zica
   c. c. Gabriel Correa Lemos
4. Noêmia Pinto Augusto
   c. c. José Carmelito Augusto
5. Lazinha Pinto Beltrão, falecida
6. Elza Beltrão Bento
   c. c. Antônio Mariano Bento
7. Adélia Beltrão Montinho
   c. c. José Oliveira Montinho
8. João Pinto Beltrão, falecido
9. Elenice Pinto Beltrão (Leni), falecida
10. Aparecido Pinto Beltrão, falecido
11. Divino Pinto Beltrão, falecido
12. Daniel Pinto Beltrão
    c. c. Dionize Erreiro Beltrão
13. Rute Beltrão Sanches
    c. c. José Carlos Sanches

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Anna
Belchior B. Zica

MARIA BELTRÃO ZICA
depois MARIA CORREA LEMOS
c. c. Gabriel Correa Lemos

FILHOS:
1. José Correa Lemos, falecido
2. Ester Correa Lemos
3. Raquel Bento Lemos dos Santos
   c. c. Natalino José dos Santos
4. Jonas Correa Lemos
5. Josué Correa Lemos
6. Josias Correa Lemos
7. Jonas Correa Lemos, falecido
8. Sara Correa Lemos

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Anna
Belchior B. Zica
Maria Lemos

RAQUEL B. LEMOS DOS SANTOS
c. c. Natalino José dos Santos

FILHOS:
1. Cíntia Lemos dos Santos
2. Lucleomo Lemos dos Santos

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Anna
Belchior B. Zica

NOÊMIA BELTRÃO ZICA, em solteira
depois NOÊMIA PINTO AUGUSTO
c. c. José Carmelito Augusto

FILHOS:
1. Elias Augusto
   c. c. Aparecida Juventina da Silva
2. Eunice Augusto Rocha
   c. c. Natanael Fernandes Rocha
3. Ivone Augusto
4. Eliel Augusto
5. Ismael Augusto
6. Ezequiel Augusto
7. Dirceu Augusto
8. Débora Augusto

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Anna
Belchior B. Zica
Noêmia P. Augusto

ELIAS AUGUSTO
c. c. Aparecida Juventina da Silva

FILHOS:
1. Cibele Aparecida Augusto
2. Cecília Mariano Augusto

EUNICE AUGUSTO ROCHA
c. c. Natanael Fernandes Rocha

FILHOS:
1. Simone Fernandes da Rocha
2. Patrícia Fernandes da Rocha

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Anna
Belchior B. Zica

ELZA BELTRÃO ZICA, em solteira
depois ELZA BELTRÃO BENTO
c. c. Antônio Mariano Bento, falecido

FILHOS:
1. Eliana Beltrão Bento
2. Israel Bento
3. Eliete Beltrão Bento
4. Euza Beltrão Bento
5. Elton Beltrão Bento
6. Elizete Beltrão Bento

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Anna
Belchior B. Zica
Elza B. Bento

ELIANA BELTRÃO BENTO DE AZEVEDO
c. c. José Elias de Azevedo

FILHOS:
1. Luciana Bento de Azevedo

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Anna
Belchior B. Zica

ADÉLIA BELTRÃO ZICA, em solteira
depois ADÉLIA BELTRÃO MONTINHO
c. c. José Oliveira Montinho

FILHOS:
1. Maria Beltrão Montinho, falecida
2. Eneias Oliveira Montinho
3. Edineia Beltrão Montinho
4. Eliezer Beltrão Montinho
5. Ednei Beltrão Montinho
6. Edeilto Bento Montinho
7. Elaine Beltrão Montinho
8. Abdias Beltrão Montinho

DANIEL PINTO BELTRÃO ZICA (alcunha: Tiradentes)
c. c. Deonilze Herrero Beltrão

FILHOS:
1. Eber Herrero Beltrão
2. André Herrero Beltrão
3. Belchior Herrero Beltrão

RUTE BELTRÃO SANCHES
c. c. José Carlos Sanches

FILHOS:
1. Davi Beltrão Sanches
2. Enrique Beltrão Sanches
3. Paulo Beltrão Sanches, falecido
4. Érica Beltrão Sanches

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Anna Perpétua Zica

ARISTIDES RIBEIRO DE FARIA
c. c.

FILHOS
1. Maria de Lourdes
2. Antônio José de Faria

JUVENTINA ZICA

FILHOS:
1. Jandira
2. Alzira
3. Geraldo
4. Pedro
5. Valdevino

4

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica

MARIA CUSTÓDIA ZICA
c. c. p. Job Rodrigues Braga ou
Job Rodrigues Zica Sentico

FILHOS:
1. Jorge Rodrigues Braga
   c. c. Rita Pereira Duarte
2. Lina Cândida dos Santos (Fioca)
   c. c. Jacynto Salviano de Faria
3. Albertina Cândida dos Santos
   c. c. Antônio Francisco Oliveira
4. Jacyra Cândida de São José
   c. c. Geraldo de Oliveira
5. Rosa Cândida de São José
   c. c. Felismino Oliveira
6. Eponina
   c. c. Miguel Pinto –sem filhos
7. Maria Cândida de São José (Toca)
   solteira
8. Josefina
9. José

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Maria Custódia Zica (Job)

JORGE RODRIGUES BRAGA
c. c. Rita Pereira Duarte

FILHOS:
1. Maria da Conceição Braga
   v. v. de Orestes Vaz da Costa
2. Leonardo Braga
   c. c. Natália Nascimento Braga
3. Elza Rodrigues Braga
   c. c. p. Romeu Rodrigues Zica
4. Déia Braga Lamounier
   v. v. Mozart Lamounier
5. José Rodrigues Braga
   c. c. Maria Conceição Braga
6. Ivo
7. Benjamim
8. Corália Braga Pinto
   c. c. Júlio Maria Pinto
9. Elzira Braga da Silva
   c. c. Daniel Tibúrcio da Silva
10. Irene Duarte Braga
    c. c. Ademar Félix Dantas
11. Elma Braga Oliveira
    c. c. Paulo Bosco de Oliveira
12. Ceci Duarte Braga Rodrigues
    c. c. Antônio Rodrigues da Silva
    nome alterado para
    Antônio Rodrigues de Castro e Silva

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Maria Custódia Zica
Jorge Rodrigues Braga

MARIA DA CONCEIÇÃO BRAGA, em solteira
depois **MARIA DA CONCEIÇÃO VAZ**
v. v. de Orestes Vaz da Costa

FILHOS:
1. Orestes Vaz da Costa Filho
2. Amélia Maria Vaz da Costa
   c. c. Renato Alves do Vale
   Filho: Renato Alves do Vale Júnior
3. Conceição Vaz da Costa, em solteira
   depois Conceição Vaz da Costa Teodoro
   c. c. Antônio Geraldo Teodoro
4. Torres Homem Vaz
   c. c. Maria Cristina Borges Parreira,

   Filho: Guilherme Torres Parreira Vaz
5. Iara Vaz Flor de Maio

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Maria Custódia Zica (2.ª)
Jorge Rodrigues Braga

LEONARDO BRAGA
c. c. Natália Nascimento Braga

FILHOS:
1. Carlos da Costa Braga
   c. c. Maria da Luz Chamone
2. Cármina da Costa Braga
   c. c. José Oswaldo Del Moro
3. Getúlio Vargas da Costa Braga
   c. c. Káthia Palhares Braga
4. William Braga
   c. c. Terezinha Muniz Braga
5. Charles Roberto Duarte Braga
   c. c. Maria Virgínia Santos Braga
6. Roberto Charles Duarte Braga, falecido
7. Roberto Charles Duarte Braga Segundo
   c. c. Mirene Menezes Braga
8. Chester da Costa Braga
   c. c. Márcia Morette Henrique Braga
9. Shirley da Costa Braga
10. Ester da Costa Braga
11. Etânia da Costa Braga

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Maria Custódia Zica (2.ª)
Jorge Rodrigues Braga
Leonardo Braga

CARLOS DA COSTA BRAGA
c. c. Maria da Luz Chamone Braga

FILHO:
1. Weisler

CÁRMINA DA COSTA BRAGA
c. c. José Oswaldo Del Moro

FILHOS:
1. Robson
2. Hanner
3. Bruno

WILLIAM BRAGA
c. c. Terezinha Muniz Braga

FILHOS:
1. Wilter
2. Aline

CHARLES ROBERTO DUARTE BRAGA
c. c. Maria Virgínia Santos Braga

FILHOS:
1. Medley
2. Myer

ROBERTO CHARLES DUARTE BRAGA SEGUNDO
c. c. Mirene Menezes Braga

FILHOS:
1. Robert
2. Rolner

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Maria Custódia Zica (2.ª)
Jorge Rodrigues Braga

ELZA RODRIGUES BRAGA
c. c. p. Romeu Rodrigues Zica **(f.º Salomão)**

FILHOS:
1. Ivan Braga Zica
   c. c. Ivone Tolentino Zica
2. Romeu Rodrigues Filho
   c. c. Elizabeth Melo Rodrigues
3. Murilo Braga Zica
   c. c. Vera Rita Melo Zica
4. Salomão Rodrigues Neto
   c. c. Fátima Rodrigues Tavares
5. Jorge Rodrigues Neto
   c. c. Jurene Maria Salviano Rodrigues (Culica)
6. José Laércio Zica
   c. c. Maria Aparecida da Cruz Zica
7. Moacir Braga Zica
   c. c. Rosimeire Meneses Zica
8. Tânia Maria Zica
   c. c. Vicente de Paula Salviano
9. Berenice Braga Zica
10. Bolivar Braga Zica

CURIOSIDADES:

Elza teve o mesmo número de filhos que seu pai: 11.
O segundo, oitavo e décimo filhos, Romeu, Tânia e Bolivar, nasceram todos no mesmo dia e mês.

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Maria Custódia Zica
Jorge Rodrigues Braga
Elza Rodrigues Braga

IVAN RODRIGUES BRAGA
c. c. Ivone Tolentino Zica

FILHOS:
1. Érica Tolentino Zica
2. Giuliano Tolentino Zica

ROMEU RODRIGUES FILHO
c. c. Elizabeth Melo Rodrigues

FILHOS:
1. Michele Melo Rodrigues
2. Paola Ingrid Melo Rodrigues

MURILO BRAGA ZICA
c. c. Vera Rita Melo Zica

FILHOS:
1. Rodrigo Melo Zica
2. Kalinka Patrícia Melo Zica

SALOMÃO RODRIGUES NETO
c. c. Fátima Rodrigues Tavares

FILHOS:
1. Anderson Tavares Rodrigues
2. Alan Tavares Rodrigues

JORGE RODRIGUES NETO
c. c. p. Jurene Rodrigues Salviano

FILHOS:
Sullvan Rodrigues Salviano

JOSÉ LAÉRCIO ZICA
c. c. Maria Aparecida da Cruz Zica

FILHOS:
1. Mateus da Cruz Zica

TÂNIA MARIA ZICA
c. c. p. Vicente de Paula Salviano

FILHOS:
1. Carlos Augusto Salviano

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Maria Custódia Zica (2.ª)
Jorge Rodrigues Braga

DÉIA BRAGA LAMOUNIER
v. v. Mozart Lamounier

FILHOS:
1. Déia Raquel Lamounier
2. Dimas Wagner Lamounier
3. Mozart Lamounier Filho

JOSÉ RODRIGUES BRAGA
c. c. Maria Conceição Braga

FILHOS:
1. Sônia Braga
2. Jane Braga Avelar
   c. c. Waldemar Clementino Avelar
3. Jussara Braga Coelho
   c. c. Marcelo Carvalho Coelho
4. Sérgio Wagner Braga, universitário
5. Luciano Rodrigues Braga
6. Reginaldo Rodrigues Braga
7. Renato César Braga

CORÁLIA BRAGA PINTO
c. c. Júlio Maria Pinto

FILHOS:
1. Valéria Álvaro Braga Pinto
2. Álvaro Braga Alves Pinto

ELZIRA BRAGA DA SILVA
c. c. Daniel Tibúrcio da Silva

FILHOS:
1. Stela Maria da Silva, em solteira
   depois Stela Maria da Silva Natividade
   c. c. Carlos Vinícius Natividade
2. Daniel Tibúrcio da Silva Filho
3. Ivonize da Silva Braga, Dra.
4. Jessé Tibúrcio Braga
5. Rosalli Braga da Silva, falecida
6. Rosalli Braga da Silva (segunda)

IRENE DUARTE BRAGA DANTAS
c. c. Ademar Félix Dantas, natural da Paraíba

FILHOS:
1. Selma Braga Dantas
2. Gilmar Braga Dantas
   c. c. Evanise Kneipp Dias Dantas
   Filho: Ícaro Dias Dantas
3. Rogério Braga Dantas
4. Jaqueline Braga Dantas
5. Eduardo Braga Dantas
6. Kenderson Braga Dantas
7. Tiago Braga Dantas

ELMA DUARTE BRAGA OLIVEIRA
c. c. Paulo Bosco de Oliveira

FILHOS:
1. Kênia Braga Oliveira
2. Michel Braga Oliveira
3. Pérsia Braga Oliveira

CECI DUARTE BRAGA RODRIGUES
c. c. Antônio Rodrigues da Silva, nome alterado para Antônio Rodrigues de Castro e Silva

FILHOS:
1. Lissandra Braga Rodrigues
2. Marcus Vinícius Braga Rodrigues
3. Tércio Wagner Braga Rodrigues
4. Rubem Leandro Braga Rodrigues

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Maria Custódia Zica (2.ª)

LINA CÂNDIDA DOS SANTOS (Fioca)
c. c. Jacinto Salviano de Faria (Jacintão)

FILHOS:
1. Maria (Zica)
   c. c. José Ferreira de Andrade
2. Rosa, falecida em criança
3. José Salviano
   c. c. Jadir Mendonça
4. Job, falecido em criança
5. Jacira Braga
   c. c. José de Faria Segundo
6. Maria
   c. c. Francisco
7. Benedito Salviano Faria
   c. c. Ana (Nana)
8. Jerônimo Salviano Neto (Dete)
   c. c. Geralda Alves Cabral
9. Rosa
   c. c. José Joaquim de Faria
10. Marinho Braga
   c. c. Maria
11. Job Salviano de Faria
   c. c. Maria Lopes de Faria
12. Isabel
   c. c. Antônio
13. Jacinto Salviano Filho
   c. c. Vina

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Maria Custódia Zica (2.ª)
Lina C. Santos

MARIA (Zica)
c. c. José Ferreira de Andrade (Juca Isaías)

FILHOS:
1. Ferreira
2. Isaías

JOSÉ SALVIANO
c. c. Jadir Mendonça

FILHOS:
1. Lina Maria Souza
   c. c. Olavo Lima de Souza
2. José Antônio Mendonça, solteiro
3. Mário Salviano Mendonça, solteiro
4. Jacinto Salviano Mendonça
   c. c. Ordália Aparecida Salviano
5. Elsa Maria Mendonça, solteira
6. Clousa Maria Mendonça, solteira
7. Maria Aparecida Mendonça, solteira
8. Júlia Salviano Mendonça
9. Kleber Salviano Mendonça
10. Alberto Sebastião Salviano
11. Claúdio Salviano Mendonça

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Maria Custódia Zica (2.ª)
Lina C. Santos
José Salviano

LINA MARIA DE SOUSA
c. c. Olavo Lima de Sousa

FILHOS:
1. Luciana Sousa

JACINTO SALVIANO MENDONÇA
c. c. Ordália Aparecida Salviano

FILHOS:
1. Nádia Kelen Salviano
2. Jaqueline Aparecida Salviano

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Maria Custódia Zica (2.ª)
Lina C. Santos

JACIRA BRAGA
c. c. José de Faria Segundo

FILHOS:
1. Iraídes
   c. c. José Hiroito
2. José, falecido
3. Madalena
   c. c. Antônio

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Maria Custódia Zica (2.ª)
Lina C. Santos
Jacira Braga

IRAÍDES
c. c. José Hiroito

FILHOS:
1. Adriano

MADALENA
c. c. Antônio

FILHOS:
1. Daniela
2. Dejane

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Maria Custódia Zica (2.ª)
Lina C. Santos

MARIA DE LOURDES DA COSTA
c. c. Francisco Lourenço da Costa

FILHOS:
1. Maria de Fátima da Costa
2. Lina Maria da Costa Salustiano
   c. c. Edinaldo Salustiano dos Santos
3. Lindólia Lourenço da Costa Cavalcanti
   c. c. Cícero Lopes Cavalcanti Carvalho
4. Alencar Lourenço da Costa
5. Olegário Lourenço da Costa
6. Carlos Lourenço da Costa
7. Arcângelo Ariovaldo Lourenço da Costa

BENEDITO SALVIANO FARIA
c. c. Ana (Nana)

FILHOS:
1. Vicente Paulo Salviano
   c. c. p. Tânia Maria Zica
2. José Bonifácio Faria
   c. c. Nilva
3. Jurene Maria Salviano Rodrigues (Culica)
   c. c. p. Jorge Rodrigues Neto
4. Mauro (Barroso) } Gêmeos
5. Mário } Gêmeos
6. Isabel

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Maria Custódia Zica (2.ª)
Lina C. Santos
Benedito Salviano

VICENTE PAULO SALVIANO
c. c. p. Tânia Maria Zica

FILHOS:
1. Carlos Augusto Salviano

JURENE MARIA SALVIANO RODRIGUES
c. p. Jorge Rodrigues Neto

FILHOS:
1. Sulivan Rodrigues Salviano

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Maria Custódia Zica (2.ª)
Lina C. Santos

JERÔNIMO SALVIANO NETO (Natural de Jussara, GO)
c. c. Geralda Alves Cabral

FILHOS:
1. José Humberto, vulgo Tibúrcio
   c. c. Maria Salviano da Conceição Alves
2. Cleoson Salviano Cabral
   u. c. Maria Gonçalves
3. Jacinto Salviano Cabral (Bigode)
4. Alberto Salviano Cabral (Zico)
5. Márcia Salviano Cabral
   c. c. Sílvio Alves Ferreira
6. Jerônimo Salviano Netto

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Maria Custódia Zica (2.ª)
Lina C. Santos
Jerônimo S. Netto

CLEOSO SALVIANO CABRAL
c. c. Maria Gonçalves

FILHOS:
1. Paulliana Salviano Gonçalves

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Maria Custódia Zica (2.ª)
Lina C. Santos

ROSA FARIA
c. c. José Joaquim Faria

FILHOS:
1. Maria Luisa
2. Lindéia
3. Valdeci
4. Lucimar

MARINHO BRAGA
c. c. Maria Rita de Jesus

FILHOS:
1. Marcos
2. Marco Antônio Braga
3. Lina Kátia Braga
4. Marinho Tadeu Braga

JOB SALVIANO DE FARIA
c. c. Maria Lopes de Faria

FILHOS:
1. Lina Lopes de Faria
2. José Roberto de Faria
3. Jacinto Salviano Neto
4. Maria das Dores de Faria
5. Maria Aparecida de Faria (Branca)
6. Valdilene Malvina de Faria (Lelena)
7. Ronaldo Salviano de Faria
8. Rogeane das Graças de Faria
9. Rejane Lopes de Faria

ISABEL LOURENÇO ZICA
c. c. Antônio Lourenço Sobrinho

FILHOS:
1. Antônio Carlos Lourenço
2. Deniz Aparecida Lourenço

JACINTO SALVIANO FILHO
c. c. Vina

FILHOS:
1. Lina
2. Ronjala
3. Jacinto

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Maria Custódia Zica (Job)

JACYRA CÂNDIDA DE SÃO JOSÉ
c. c. Geraldo Oliveira

FILHOS:
1. Fábio das Graças de Oliveira Braga, Dr.
   c. c. Rita de Cássia Fernandes Braga
   Filho: Fábio Augusto Braga

ROSA CÂNDIDA DE SÃO JOSÉ
c. c. Felismino de Oliveira

FILHOS:
1. Tallta Braga Pereira
   c. c. Antônio Pereira
   Filha: Janete Aparecida Pereira
2. Ivanildo Braga Oliveira

5

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica

PEDRO DE ALMEIDA BELTRÃO (Pedro Zica)
c. c. p. Zoé Cândida dos Santos

FILHOS:
1. José Almeida Beltrão
   c. c. Nair Cecílio dos Santos
2. Miguel Odorico Almeida Beltrão
   c. c. Efigênia Guimarães
3. Zoé Cândida dos Santos
   c. c. Mário Soares
4. Maria Custódia dos Santos
5. Pedro Almeida Beltrão Jr.

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Pedro Almeida Beltrão

JOSÉ DE ALMEIDA BELTRÃO
c. c. Nair Cecílio dos Santos

FILHOS:
1. José Beltrão Filho
   c. c. Marly de Faria Beltrão
2. Arnaldo de Almeida Beltrão
   c. c. Maria Teresa da Silva Beltrão
3. Maria de Lourdes Beltrão
   c. c. Odilon Teixeira Bueno
4. Alésia Cecílio Beltrão
   c. c. Alfeu Pereira de Assis
5. Iolanda Cecílio Beltrão
   c. c. Silvino Benedito Carvalho Santos
6. Vicente de Almeida Beltrão
   c. c. Vanda Maria Bonconpagni Beltrão
7. Aline Cecílio Beltrão
   c. c. Ary Abdo
8. Pedro Beltrão Neto
   c. c. Maria Amélia de Araújo Beltrão

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Pedro Beltrão
José Beltrão

JOSÉ BELTRÃO FILHO
c. c. Marly de Faria Beltrão

FILHOS:
1. Flávio
2. Guilherme
3. Cássio
4. Cláudia

ARNALDO DE ALMEIDA BELTRÃO, falecido em fev./84
c. c. Maria Teresa da Silva Beltrão

FILHOS:
1. Tereza Raquel da Silva Beltrão
2. Carmen Silva Beltrão

MARIA DE LOURDES BELTRÃO BUENO
c. c. Odilon Teixeira Bueno

FILHOS:
1. Marco Antônio Beltrão Bueno
2. Mônica Beltrão Bueno
3. Simoni Beltrão Bueno

ALÉSIA CECÍLIO BELTRÃO, em solteira
depois Alésia Beltrão Pereira
c. c. Alfeu Pereira de Assis

FILHOS:
1. Ronaldo Beltrão Pereira
2. Valéria Beltrão Pereira
3. Sorayа Beltrão Pereira

IOLANDA CECÍLIO BELTRÃO, em solteira
depois Iolanda Beltrão Santos
c. c. Silvínio Benedicto Carvalho Santos

FILHOS:
1. Dennys Beltrão Santos
2. André Beltrão Santos
3. Brunno Beltrão Santos

ALINE CECÍLIO BELTRÃO, em solteira
depois Aline Beltrão Abdo
c. c. Ary Abdo

FILHOS:
1. Sérgio Beltrão Abdo
2. Cláudio Beltrão Abdo
3. Denise Beltrão Abdo
4. Renato Beltrão Abdo

PEDRO BELTRÃO NETO
c. c. Maria Amélia de Araújo Beltrão

FILHOS:
1. Patrícia de Araújo Beltrão
2. Juliana de Araújo Beltrão
3. Ricardo Antônio de Araújo Beltrão

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Pedro A. Beltrão

MIGUEL ODORICO DE ALMEIDA BELTRÃO
c. c. Efigênia Guimarães

FILHOS:
1. Sandoval Guimarães Beltrão
   Dq de Siglinde Medeiros
2. Helir Guimarães Beltrão
   c. c. Pat Arllota
3. Durval Guimarães Beltrão
   c. c. Virgínia Serra
4. Nadir Guimarães Beltrão
   c. c. Nadier José Fiorini
5. Ana Maria das Graças Beltrão
   Dq de Genésio de Barros

ASCENDENTES
Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Pedro A. Beltrão
Miguel O. Beltrão

SANDOVAL GUIMARÃES BELTRÃO
sj de Singlinde Medeiros

FILHOS:
1. Sandoval Guimarães Beltrão Júnior
2. Ceres
3. Cléa

HELIR GUIMARÃES BELTRÃO
c. c. Pat Arllota

FILHOS:
1. Fabrina
2. Mark

NADIR GUIMARÃES BELTRÃO
c. c. Nadier José Fiorini

FILHOS:
1. Cláudia
2. Giovani
3. Gianfranco
4. Cíntia Valéria
5. Cibele
6. Gabriel

ASCENDENTES

Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Pedro A. Beltrão

ZOÉ CÂNDIDA DOS SANTOS
c. c. Mário Soares

FILHOS:
1. Amélia Cândida Soares NS
   Amélia Soares Mota Vasconcelos NC
   c. c. Leonardo Mota Vasconcelos, Prof., de João Pessoa, PB
2. Emília Soares NS
   Emília Soares Veloso NC
   c. c. Jeovah Veloso
3. Helena Soares NS
   c. c. Ildefonso José Amâncio Filho
4. Marli Soares NS
   Marli Soares Brasileiro dos Santos NC
   c. c. p. Marinho Brasileiro dos Santos
5. Antônio Soares
   c. c. Maria José Soares

ASCENDENTES

Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Pedro A. Beltrão
Zoé C. Santos

AMÉLIA CÂNDIDA SOARES, **em solteira**
depois Amélia Soares Mota Vasconcelos
c. c. Leonardo Mota Vasconcelos, de João Pessoa, PB

FILHOS:
1. Leonardo Soares Vasconcelos
   sj de Anete Andrade
   Filhos: Sabrina
   Carina
2. Antônio Francisco Soares Vasconcelos
3. Fernando Soares Vasconcelos
   c. c. Helena
4. Elizabeth Soares Vasconcelos
5. Helder Soares Vasconcelos
6. Clever Soares Vasconcelos

ASCENDENTES

Tiradentes
João Almeida Beltrão
Maria Custódia Rodrigues Zica
Pedro A. Beltrão
Zoé C. Santos

EMÍLIA SOARES, **em solteira**
depois Emília Soares Veloso
c. c. Jeovah Veloso, natural de Esteios

FILHOS:
1. Helena Veloso Silva
   c. c. José Donato da Silva
2. Jeovah Veloso Jr.
   c. c. Maria José Neves Veloso
3. Luiza de Marilac Veloso
4. Sônia Veloso
5. Adriana Veloso
6. Fernando Antônio Veloso
7. Alexandre Veloso
8. Acrísio Souza Neto
9. Luciana Andréa Veloso

HELENA
c. c. Ildefonso José Amâncio Filho

FILHA:
1. Marina Soares Araújo
   c. c. Hélio Caetano
   Filha: Érica

MARLI SOARES BRASILEIRO DOS SANTOS
c. c. p. Marinho Brasileiro dos Santos

FILHOS:
1. Cínthia Soares Brasileiro
2. Gustavo Marinho Soares Brasileiro

ANTÔNIO SOARES
c. c. Maria José Soares

FILHOS:
1. Bruno

DESCENDÊNCIA DE MARIA CUSTÓDIA
Índice de casados e pais

Nome — Página

12.ª Parte
ANEXOS

- Ficha individual
- Abreviaturas
- Ameaças...

FICHA INDIVIDUAL
(reservada, confidencial)

Código computador........Rolo........N.º ....Local........

1. DADOS PESSOAIS CPF ....
   Nome completo ....Alcunha.........
   Novo nome, em caso de mudança..........................
   Homônimos que conhece ....
   Concebido em (lugar, data, época) ....
   por..
   de forma natural ou por inseminação?..........Ficha:.........
   Qual o banco de inseminação?..... Tubo......
   O embrião foi deslocado do ventre inicial?.......................
   Permaneceu estacionário, congelado, por quanto tempo? ....
   Foi gerado em qual hospedeira (receptora)?.......................
   A partir de que data?..
   Nascido em (lugar, data, época) ....de............
   Criado em (lugar, época)....................por...........
   Morou em (lugar, época)......................................
   Pais biológicos (fornecedores do material genético):...............
   ....
   Órfão de pai com a idade de ....anos e de mãe com ....anos.
   Situação na escala dos irmãos (mais velho, do meio, caçula).............
   Quantos irmãos homens? ....Quantas irmãs mulheres? ....
   Parentesco de ascendentes casados entre si-......................
   ....
   Grau de endogamia ....

   Código, padrão e herança genética:
   - jeitos e modos parecidos com (outro irmão, pai, mãe, tio, avô):........
   ....
   - Estatura..........Envergadura..........Cor da pele..........
   - Cor dos olhos............... Tipo de cabelo...............
   - Polos: barba densa ou rala? ....Tipo: ....

– Sinais físicos: ....
– Sinais psíquicos: ....
– Sensibilidade a FTC (fiofenilcarbomida): Amargo?.... .Sem gosto?.....
– Sangue: Grupo .... .Tipo .... Fator Rh ....
– Padrão detiloscópico (tipo de impressão digital) ....
(em arco, presilha, verticílio ou redemoinho)

Grau de brasilidade genealógica: .... índice: .... classe: ....
Sósias conhecidos: ....
Doenças da infância: ....
Doenças da juventude: ....
Teve, ou tem padastro, curador, tutor? ....

2. DADOS DOS ASCENDENTES:

– Grupo sanguíneo do pai ..... Fator ..... Da mãe..... .Fator .....
Etnia. .... raça ....
Sobrenomę de família, inclusive avós mais remotos conhecidos (relacionar todos, mesmo os não usados na composição de seu nome): ....
....
Causa mortis dos pais: ....
Causa mortis dos irmãos: ....
Causa mortis dos filhos: ....
Doenças, usos e costumes alimentares dos pais ....
....
– Algum ascendente gêmeo? .... Quais? ....
– Nome dos avós mais antigos, mais remotos conhecidos, vivos ou mortos:
....
....
O ascendente que mais vive ou viveu: qual, com que idade? ....
....
Cemitério em que foram sepultados: ....
....
Necrológios, avisos e convites publicados onde?....... Quando? ....

3. CÔNJUGES E UNIÕES:

1.º: Nome anterior e atual: .... Alcunha ....
Etnia: .... .Grau de parentesco .... Procedência: ....
Gêmeo? .... .Grupo sanguíneo. .... Fator Rh. ....
2.º: Nome anterior e após o casamento ....
Etnia. .... Grau de parentesco .... Alcunha ....
Procedência ..... Gêmeo? ..... .Grupo sanguíneo..... Fator Rh .....

4. PATERNIDADE:

Número de filhos homens:.... Número de filhos mulheres ... Total: ....
Legal apenas: ....
Gené-(legítima ....
tica: (ilegítima ....

Teve gêmeos? .... .Quais? ....
Tem filhos registrados em nome de outros? ..... .Pretende silenciar?......
Relacionar em separado o nome dos filhos, seus cônjuges e quantos filhos têm,
– Armazenou material para banco de inseminação?....... .Quais?.......
– Há embrião congelado com material genético seu? ....
Com quem? ...... Onde? ...... .Porque? ...... .Para que?.......

5. IRMANDADE:

Nome dos irmãos e meios irmãos e respectivos cunhados/as: ....
....
....
....
(relacionar em separado, se preciso)

6. TIOS E MEIO-TIOS:

Relacionar em separado, incluindo os cônjuges respectivos:

7. DADOS GERAIS:

8. OUTRAS INFORMAÇÕES:

9. OBSERVAÇÕES:

10. .... autorizo a divulgação dos dados desta ficha.
– Para conhecimento restrito da família, do médico e de ....
– Outras recomendações: ....

.........., ... de .... de ....

a) ....

Endereço: ....

Juntar foto de corpo inteiro, de pé.

ABREVIATURAS DE AUTORES, PUBLICAÇÕES E FONTES CONSULTADAS

AMMF	Aires da Mata-Machado Filho
ACSG	Antônio Caetano da Silva Guimarães
AHU	Arquivo Histórico Ultramarino – Lisboa
AN	Arquivo Nacional
APM	Arquivo Público Mineiro
ATT	Arquivo da Torre do Tombo – Lisboa
BA	Biblioteca da Ajuda – Lisboa
BE	Biblioteca Estadual
BNL	Biblioteca Nacional – Lisboa
BNR	Biblioteca Nacional – Rio
CAC	César Alves de Carvalho, cônego
Cart. 1	Cartório do 1.º ofício de Dores
Cart. 2	Cartório do 2.º ofício de Dores
CCC	Carlos Corrêa da Cunha
CGS	Casa Grande e Senzala
ChD	Charles Darwin
CLS	Claude Lévi-strauss
CPz	Cartório de Paz, Dores.
DHG	Dicionário Histórico Geográfico
DIP	Dores do Indaiá do Passado
DJP	Dona Joaquina do Pompeu
DPP	Dores, Pitangui e Pompeu
DsMc	Darwin e sua macacadä
E ou C?	Veio o homem existir por evolução ou por criação?
EcP	Eccos Patrios
EEP	As estruturas elementares do parentesco
EM	jornal "Estado de Minas"
EsP	Estudos de Parentesco
Exc	Escavações
FMC	Flores do meu caminho
FS	Fenelon Silva
GF	Gilberto Freire
GeG	Genealogia
HA	História de Abaeté
HHi	Harold Hill
HHu	Tiradentes, herói humano
HM	História de Minas
HRD	Hereditariedade
HRH	A hereditariedade humana
IB	Ira Buchler
IJCSUD	Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias

JAGS	Joaquim Antônio Gomes da Silva
JAO	José Alves de Oliveira
JCB/JMVPC	José Carlos Barbosa/José Maria Vaz Pinto Coelho
JG	Jacinto Guimarães
JR	Jean Rostand
LoC	Lorenzo Caratti
OL	O Liberal
PDQ	Paulo Duarte Queiróz, general
PNT	Paisagens de nossa terra
RW	Ronald Withers
SF	Sérgio Faraco
SS	Serra da saudade
TAV	Tiradentes, a alguma verdade
VuP	Valores de um Pai
VPA	De você para seus ancestrais
VPGP	Os Voluntários da Pátria na Guerra do Paraguai
VT	A verdade sobre Tiradentes
WAB	Waldemar de Almeida Barbosa
WBT	Watchtower Bible and Tract Society of NY,Inc.

AMEAÇAS EM PREPARO:
(Coletando dados e aceitando subsídios)

Cidadão honorário a pedido.
Cartório judicante.
Piolho de condomínio.
Quando a equipe vira quadrilha.
Quesitos esquisitos. . . e curiosos "provarás".
Vale do Kelé ou tempo de boró.
Um foi pouco, dois foi bom, três foi demais.
Pueiro, cansil e cambão.
Cracháis para o trabalhador rural.
O algo mais.

ERRATA

À pág.	Onde se lê	Leia-se
XIII	Ao alto José Eugênio, José Fiuza	José Fiuza, José Eugênio
89	nobre heroina	nobre e heroina
141	Olavo Antônio de Souza, Dr.	Olavo Antônio Souza Lima, Dr.
143	once	onde
145	Olavo Antônio de Souza	Olavo Antônio de Souza Lima
146	Peçinha	Peçanha
174	Milton José da Silva 00	Milton José da Silva 157
175	Rosângela 168	Rosângela 146
	Virgilio Lemos 00	Virgínia Lemos Vaz 160
	Vicente Rodrigues Zica 00	Vicente Rodrigues Zica 129/130
	Walter Francisco 00	Walter Francisco 152
190	Joaquim José da Silva Xavier	Joaquim José Xavier da Silva
197	Macauly	Macauley
249	Natural de Jussara	Leia-se apenas Jussara-Go.



Diz gerações a fio
Começando por Adão
Sabe a mãe do avô do tio
Que é tio do pai do irmão.

(N. Viana)

Genealogia;

Veneno, humor, libelo, polêmica.

— acompanha tabelas para saber:

— gr

— gr

